



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

DE CERCA CONVENTUAL A ESPAÇO PÚBLICO
O CONVENTO DO BEATO ANTÓNIO COMO CASO DE ESTUDO

Miguel Angelo Delgado Maia
Orientação: Marta Sequeira e Pedro Matos Gameiro

Mestrado Integrado em Arquitectura
Trabalho de Projecto

Évora, 2016

DE CERCA CONVENTUAL A ESPAÇO PÚBLICO

O CONVENTO DO BEATO ANTÓNIO COMO CASO DE ESTUDO

AGRADECIMENTOS
PÁGINA 01

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por tudo o que fizeram e continuam a fazer por mim.

Ao meu irmão, pelo apoio dado.

À Isa, ela sabe porquê.

À Marta Sequeira e ao Pedro Gameiro pelo entusiasmo, disponibilidade, sentido crítico e sobre tudo pelo seu valor.

À Rute Matos pela cooperação e ajuda.

AGRADECIMENTOS
PÁGINA 02

RESUMO ABSTRACT

DE CERCA CONVENTUAL A ESPAÇO PÚBLICO
O Convento do Beato António como caso de estudo

FROM CONVENTUAL FENCE TO PUBLIC SPACE
The Convent of Beato António as a case study

RESUMO

PÁGINA 03

RESUMO

A cidade de Lisboa acolheu vários conventos e mosteiros que, apesar de actualmente albergarem diversas funções que não a religiosa, persistem na malha urbana da cidade. As antigas cercas conventuais e monásticas que perduraram conservam-se como lugares verdes da cidade. Estas áreas são, na sua maioria, jardins privados. Contudo, na zona ocidental de Lisboa, duas cercas conventuais são hoje exemplos notáveis de jardins públicos. São os casos da cerca do Convento de Nossa Senhora das Necessidades - hoje o Jardim da Tapada das Necessidades -, e da cerca do Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela - hoje o Jardim da Estrela. Este trabalho, com base no estudo do Jardim da Tapada das Necessidades e do Jardim da Estrela, e na essência do jardim português, procura estabelecer uma hipótese de intervenção nas cercas de Lisboa. Assim, é proposta a recuperação da cerca conventual do Beato António como espaço de jardim público. Desta forma, este trabalho não só contribui para o conhecimento sobre as cercas conventuais e monásticas de Lisboa, como para a enunciação de uma possível metodologia de intervenção nestes conjuntos.

ABSTRACT

The city of Lisbon hosted several convents and monasteries that although currently harboring various functions other than religious, persist in the city. The old convent and monastic fences that lasted are preserved as green places in town. These areas are mostly private gardens. However, in the western part of Lisbon, two conventual fences are outstanding examples of public gardens. This is the case of the Nossa Senhora das Necessidades Convent - now the Jardim das Necessidades - and of the Monastery of Nossa Senhora da Estrela - now the Jardim da Estrela. This paper, based on the study of the Jardim das Necessidades and the Jardim da Estrela, and on the essence of Portuguese gardens, seeks to establish a hypothesis of intervention on the fences of Lisbon. It is therefore proposed to recover the conventual fence of Beato António as a public garden space. Thus, this thesis not only contributes to the knowledge of the Lisbon's conventual and monastic fences, as to the enunciation of a possible intervention methodology in these sets.

RESUMO

PÁGINA 04

DE CERCA CONVENTUAL A ESPAÇO PÚBLICO
O CONVENTO DO BEATO ANTÓNIO COMO CASO DE ESTUDO**ÍNDICE****RESUMO****INTRODUÇÃO****01 CONVENTOS, MOSTEIROS E ESPAÇOS VERDES DE LISBOA**

- I. Cercas Monásticas e Conventuais
- II. Parques e Jardins de Lisboa

02 DE CERCA A JARDIM PÚBLICO

- I. Caso de estudo: o Jardim da Tapada das Necessidades
- II. Caso de estudo: o Jardim da Estrela
- III. Jardins em Portugal

03 ESTABELECIMENTO DE UMA HIPÓTESE DE INTERVENÇÃO NAS CERCAS DE LISBOA

- I. A Cerca do Convento do Beato António como objecto de estudo
- II. Evolução, da origem à actualidade
- III. Ensaio de recuperação da cerca conventual

ÍNDICE DE IMAGENS**BIBLIOGRAFIA**

INTRODUÇÃO

A cerca do Convento do Beato António, localizada a oriente da cidade de Lisboa, na povoação do Beato, é o objecto de estudo deste trabalho.

O Convento do Beato António, inicialmente denominado de Convento de São Bento de Xabregas, foi erguido no século XVI. Implantado no local de uma pequena ermida dedicada a São Bento, foi construído para albergar a Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista. A sua cerca, composta por vários hectares, terá sido um lugar de produção mas também um espaço de recreio e meditação para os frades do convento.

Contudo, e em oposição ao esplendor de outros tempos, a cerca conventual do Beato apresenta-se hoje num avançado estado de ruína e assiste a um progressivo abandono. O declínio deste território deve-se em parte ao facto de, em 1834, com a revolução liberal, ter deixado de pertencer ao conjunto do Convento. Após a extinção das ordens religiosas, a revolução industrial, que se faz sentir no século XIX em Lisboa, leva a cerca conventual a ser ocupada por edifícios fabris. Porém, o ponto alto da decadência deste conjunto deu-se no final do século XX, com a saída da indústria para a periferia da cidade. A partir daqui, o território da antiga cerca foi abandonado e passou a estar desocupado.

Tentativas de recuperar o esplendor que o conjunto teve noutros tempos têm sido várias. Em 1984, o Convento do Beato António foi classificado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) como Património de Interesse Público. Esta distinção significou o reconhecimento da importância de algumas estruturas do convento, caso dos espaços do claustro, do refeitório, da biblioteca e da sala do capítulo. No seguimento desta classificação, o convento passou a ser utilizado para a realização de eventos culturais. Em 1999, o Grupo Cerealis adquiriu o Convento do Beato António, instaurando uma gestão mais dinâmica deste espaço. Desse modo foram realizados diversos projectos e obras de beneficiação que proporcionaram uma maior adequação deste espaço à realização de eventos de carácter cultural e social. Todavia, as intervenções realizadas até ao momento tiveram essencialmente em conta o edifício do convento, esquecendo a cerca conventual.

A reflexão sobre a cerca conventual do Beato surge da necessidade de compreender de que forma se pode recuperar o território das antigas cercas conventuais e monásticas de Lisboa, devolvendo-lhe as qualidades que outrora possuirá. (1)

De forma a ser possível estabelecer uma hipótese de intervenção nas cercas da cidade de Lisboa, tornou-se então fundamental estudar a documentação existente sobre a evolução dos conventos, mosteiros e espaços verdes da cidade de Lisboa. O tratamento dos documentos reunidos - escritos e desenhados - permitiu efectuar uma leitura crítica mais completa destes territórios.

Em resultado da investigação efectuada, o cruzamento das cartas de Felipe Folque (1856) e Silva Pinto (1911) com a actual malha urbana permitiu chegar a um desenho da evolução das cercas conventuais e monásticas. A sobreposição desta planta com a localização dos parques e jardins de Lisboa demonstra que as cercas que actualmente perduram se conservam como áreas verdes da cidade. Estas áreas verdes são, na sua maioria, espaços privados. Todavia, na zona ocidente de Lisboa, duas cercas são hoje exemplos notáveis de jardins públicos. São os casos da cerca do Convento de Nossa Senhora das Necessidades - hoje o Jardim da Tapada das Necessidades -, e da cerca do Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela - hoje o Jardim da Estrela.

A maioria das antigas cercas, absorvidas pela cidade, seriam dificilmente recuperáveis. No entanto, através da sobreposição das plantas resultantes da análise efectuada, constata-se que na zona oriental de Lisboa, a situação é distinta. A deslocação da indústria para os arredores da cidade deixa em aberto a possibilidade de recuperar as cercas desta zona.

Assim, e com vista à formulação de uma hipótese de intervenção neste tipo de territórios, é feita um estudo do Jardim da Tapada das Necessidades e do Jardim da Estrela. Da análise das obras existentes, das quais se destaca *Necessidades: Jardins e Cerca*, da autoria de Cristina Branco, (2) resulta um estudo gráfico dos percursos, áreas verdes e relações espaciais presentes nestas duas cercas. Através destes desenhos é possível verificar que as antigas cercas apresentam tipologias de jardim distintas. O Jardim das Necessidades apresenta-se como um espaço de permanência, enquanto o Jardim da Estrela se assume essencialmente um momento de um percurso.

(1) Esta hipótese de trabalho surgiu da realização do exercício prático desenvolvido no último ano do curso de Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade de Évora, desenvolvido com os professores Pedro Domingos e Helena Botelho, no ano lectivo 2011/2012.

(2) BRANCO, Cristina (coord.), *Necessidades: Jardins e Cerca*, Lisboa: Livros Horizonte, Jardim Botânico da Ajuda, 2001.

Torna-se então necessário compreender a tipologia do jardim português. Relativamente a este tema destaca-se *Da Essência do Jardim Português*, da autoria de Aurora Carapinha. (1) Este documento revelou-se fundamental para compreender o espírito do jardim português. Um jardim sobretudo de permanência, onde a construção de elementos de estar e de protecção (dado o clima em que se insere), são uma constante.

Compreendo a importância dos elementos construídos nesta tipologia de jardim, é efectuada, neste trabalho, uma análise cuidada às construções presentes nestes territórios. Relativamente a este tema destaca-se o *Tratado dos Jardins Portugueses*, da autoria de Hélder Carita. (2) Este documento permitiu compreender as características dos diversos elementos construídos, assim como a influência que cada um tem no desenho dos jardins.

Nesse sentido, ao perceber o papel que o arquitecto pode ter neste tipo de jardins, torna-se pertinente propor, enquanto mestreando o curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, a recuperação da cerca do Beato António como espaço de jardim, tendo como base um processo de reconhecimento do seu carácter e da sua vocação primordial.

De modo a contribuir para o conhecimento sobre o conjunto, esta proposta parte de uma análise não só das fundamentais obras existentes sobre o tema tratado, como *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, (3) A Freguesia do beato na história de Paula Ferreira, (4) Caminho do Oriente: Guia Histórico de José Sarmento Matos e Jorge Paulo (5) e Guia do Património Industrial de Deolinda Folgado e Jorge Custódio, (6) como também dos documentos escritos e desenhados existentes, constantes no Arquivo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico), (7) no Arquivo Municipal de Lisboa (8) e no Arquivo da Torre do Tombo. (9)

Com base na informação recolhida, pretende-se que a intervenção tenha a capacidade de respeitar e recuperar o espírito do uso deste território, bem como lançar uma hipótese de intervenção para as cercas de Lisboa. Assim, através deste projecto de arquitectura pretende-se que tanto a nova ocupação da cerca do Beato António como a forma de intervenção proposta possam ser o mote para repensar o futuro destas importantes zonas da cidade.

(1) CARAPINHA, Aurora, *Da Essência do Jardim Português*, Évora: Universidade de Évora, Vol. I e II, 1995. Tese de Doutoramento.

(2) CARITA, Hélder, *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal*, Lisboa, Quetzal Editores, 1998.

(3) COMPANHIA DE JESUS. Colégio de São Francisco Xavier (Alfama, Lisboa) a.p., *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, Vol. I e II, Lisboa, 1705-1708. Transcrição de DURVAL, Pires de Lima, Lisboa: Câmara Municipal, 1950-1972.

(4) FERREIRA, Paula Cristina, *A Freguesia do beato na história*, Lisboa: Junta de Freguesia do Beato, 1995.

(5) MATOS, José Sarmento - PAULO, Jorge Ferreira, *Caminho do Oriente: guia do património industrial*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

(6) FOLGADO, Deolinda - CUSTÓDIO, Jorge, *Caminho do Oriente: guia do património industrial*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

(7) Arquivo SIPA, Convento de São Bento de Xabregas, número IPA 00005194.

(8) Arquivo Municipal de Lisboa, Obras 26671 e 9290.

(9) Arquivo da Torre do Tombo, Convento São Bento de Xabregas, Livro 20.

01 CONVENTOS, MOSTEIROS E ESPAÇOS VERDES DE LISBOA
 I. Cercas Monásticas e Conventuais

CERCAS

PÁGINA 11

«A edificação gradual, nas colinas circundantes à do castelo e nos vales e cumeadas [...], bem como a construção de conventos e quintas de recreio nos subúrbios foram enriquecendo o território sem, contudo, destruiram a beleza da paisagem tradicional em que se iam inserindo.» (1)

Gonçalo Ribeiro Teles em *Plano verde de Lisboa*

A cidade de Lisboa ergue-se a partir do castelo, num território bastante povoadão já desde a pré-história. Construída a partir da sua colina, cresce no sentido de ocupar progressivamente encostas e vales, manifestando uma grande afinidade com a paisagem do estuário do Tejo. A zona ribeirinha, em particular, vai sendo progressivamente consagrada a espaços e equipamentos públicos. (2)

Precisamente no século XIII, aquando do nascimento dos primeiros equipamentos, as ordens religiosas começam-se a instalar na cidade de Lisboa. (3) Durante vários séculos, conventos e mosteiros - com as suas cercas e quintas -, vão sendo implantados de um modo estratégico, em harmonia com a morfologia do território. Os conventos são geralmente construídos dentro da cidade, enquanto os mosteiros surgem fora da malha urbana, em locais habitualmente mais isolados. (4) Enquanto os frades vão transformar áreas florestais e terras baldias no interior da cidade em terrenos agrícolas, procurando o cultivo das suas terras, os monges enaltecem os recantos solitários das matas, propícios à meditação. O local de implantação mais específico depende principalmente de condições como a fertilidade dos solos, a exposição solar ou os recursos hídricos das terras e, sobretudo, da ordem religiosa a que pertence cada casa. A visão sobre o rio é também bastante relevante, pois permite controlar o estuário e a zona baixa da costa ribeirinha.

(1) TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), *Plano Verde de Lisboa*, 1^a ed., Lisboa, Colibri, 1997, p. 41.

(2) Em Junho de 1395 o rei D. João I impôs uma organização urbana da zona ribeirinha, onde existiam já os primeiros equipamentos públicos como a Alfândega Real, construída em 1288. Ver, sobre este assunto: FRANÇA, José Augusto, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa, 1989, p. 16.

(3) Os Agostinhos, em S. Vicente, foram a primeira ordem religiosa instalada em Lisboa, seguidos logo pelos Franciscanos, na Igreja dos Mártires, em 1217, abrindo assim caminho a que outras ordens viessem para a cidade. Ver, sobre este assunto: Idem, ibidem, pp. 16-17.

(4) A escolha do local de implantação diverge perante as hipóteses de construção de um Convento ou de um Mosteiro. Os mosteiros são ocupados por monges ou monjas que vivem enclosurados e sem contacto com a população, enquanto os conventos são ocupados por frades ou freiras que têm um maior contacto com a comunidade exterior.

(5) Ver, sobre este assunto: TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), op. cit., p. 41.

CERCAS

PÁGINA 12







Até meados do século XVIII, a cidade de Lisboa presencia o aparecimento de uma grande quantidade de estruturas deste tipo.

(1) Estabelecidas de acordo com as premissas de cada ordem religiosa, muitas surgem em locais privilegiados, como encostas próximas de linhas de água, pontos altos da cidade ou junto à margem do rio Tejo, e a sua implantação acaba por influenciar a evolução da malha urbana de Lisboa.

Com a função de albergar uma ordem religiosa, os conventos e mosteiros possuem uma cerca associada, que delimita e protege o terreno que lhes pertence. Esta cerca contém habitualmente vários hectares, e é principalmente ocupada pelo cultivo, garantindo a sustentabilidade da casa a que está associada. Contudo, a relação que os frades ou monges estabelecem com estes terrenos não se esgota unicamente na produção. Geralmente os espaços da cerca são também lugares de recolhimento, contemplação e fruição. Estes usos fazem com que o lugar da cerca seja comumente composto por um espaço de horto, um de pomar e um de mata: (2)

«Os conventos eram quase sempre alimentados por hortos em que os monges cultivavam não só as plantas que haviam de produzir as flores para ornamentação dos altares, mas toda uma complexa série de plantas medicinais e aromáticas de que haviam de extrair os simples para a botica do convento [...] estes hortos eram frequentemente murados (*hortus conclusus*) e compostos não só de plantas de interesse culinário ou medicinal (*hortorum*), mas também de árvores de fruto (*pomarum*) e de árvores florestais (*viridarium*), que se iriam muitas vezes organizar nas formas metódicas e geométricas que seriam mais tarde típicas dos jardins.» (3)

(1) No século XVI, são implantados em Lisboa o Mosteiro dos Jerónimos, o Mosteiro de São Bento da Saúde, o Convento de Nossa Senhora da Graça, o Mosteiro de São Vicente de Fora, o Mosteiro da Madre Deus e o Convento do Beato António. No século XVII surgem mais quatro, o Mosteiro das Trínas do Rato, o Convento de Jesus, o Convento de Santos o Novo e o Convento de São Francisco de Xabregas. Por fim, no século XVIII, surgem os últimos conventos e mosteiros, o Convento de Nossa Senhora da Necessidades, o Convento e Basílica da Estrela, o Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela e o Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro.

(2) Ver, sobre este assunto: FERREIRA, Elizabete, Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça - Acerca da Cerca, Évora, Universidade de Évora, 1997. Tese de Mestrado, p. 9.

(3) BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 37.



IMAGEM 03 - Vista de Lisboa Ocidental- Belém, 1850

Conventionalmente, a localização destes três espaços era definida pelo sistema hidro e topográfico. O Horto situa-se junto à casa e tem usualmente uma forma quadrangular. Trata-se de um espaço com um carácter fechado, bem delimitado por muros ou cercas vegetais. O Pomar encontra-se implantado geralmente em encostas com uma inclinação suave e não muito distante da casa, de preferência voltadas a nascente. A Mata assenta sobre um terreno virgem, na maioria das vezes na zona mais declivosa do jardim. Tal como os anteriores, a mata é bem delimitada e representa também um espaço autónomo, «uma outra sala de verdura». (1)

No entanto, as ambientes de cada local acabam por engrandecer os espaços e por fazer com que cada cerca seja um lugar único e irrepetível. Tal como o elenco vegetal, elementos como a luz, a sonoridade, os aromas ou a tactilidade são componentes fundamentais para a definição de cada espaço.

A par das Tapadas Reais, as cercas conventuais representam importantes áreas arborizadas da cidade de Lisboa. Todavia os conventos e mosteiros, assim como as suas cercas, sofrem uma grande transformação a partir de 28 de Maio de 1834, com a revolução liberal. Este ano marca o fim das ordens monásticas em Portugal. (2)

(1)Ver, sobre este assunto: CARAPINHA, Aurora, op. Cit., pp. 256-291.

(2)Ver, sobre este assunto: FRANÇA, José Augusto, op. Cit., p. 9.





01 Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso
Convento feminino de Ordem de Dominicanas Irlandesas
Função Actual: Educativo (colégio)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 0.5ha Actual extinta

03 Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora
Convento de Ordem de Eremitas Descalços de Santo Agostinho
Função Actual: Religiosa e Saúde (hospital militar)
Época de Construção: séc. XVIII
Área da Propriedade: Inicial 0.5ha Actual extinta

05 Convento Nossa Senhora das Necessidades
Convento de Ordem de Oratoriana
Função Actual: Religiosa (igreja paroquial)
Época de Construção: séc. XVIII
Área da Propriedade: Inicial 10ha Actual extinta

07 Convento e Basílica da Estrela
Convento de ordem Carmelita
Função Actual: Religiosa (ministério dos negócios estrangeiros)
Época de Construção: séc. XVIII
Área da Propriedade: Inicial 0.5ha Actual extinta

09 Mosteiro Trinás do Rato
Mosteiro da ordem de Irmãs Trinás
Função Actual: Religiosa (igreja paroquial)
Época de Construção: séc. XVII
Área da Propriedade: Inicial 0.7ha Actual extinta

11 Convento de Jesus
Convento de ordem de São Francisco
Função Actual: Religiosa (igreja paroquial)
Época de Construção: séc. XVII
Área da Propriedade: Inicial 0.0ha Actual extinta

13 Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro
Mosteiro da ordem dos Religiosos de S. Bernardo
Função Actual: Saúde (hospital do deserto)
Época de Construção: séc. XVIII
Área da Propriedade: Inicial 10ha Actual extinta

15 Mosteiro São Vicente de Fora
Mosteiro da ordem dos Conventos St. Agostinho
Função Actual: Religiosa e Funeral (panteão)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 3.5ha Actual extinta

17 Mosteiro da Madre de Deus
Mosteiro da ordem de São Francisco
Função Actual: Cultural (museu)
Época de Construção: séc. XVII
Área da Propriedade: Inicial 3.6ha Actual 3.6ha

19 Convento dos Grilos
Convento de Ordem de Eremitas Descalços de Santo Agostinho
Função Actual: Religiosa (igreja paroquial)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 2ha Actual 1ha

02 Mosteiro dos Jerónimos
Mosteiro de Ordem Jerónimo
Função Actual: Religiosa (museu e biblioteca)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 55ha Actual extinta

04 Mosteiro das Flamenças
Mosteiro feminino de Ordem de clarissas xabregas capuchinhas
Função Actual: Religiosa
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 2ha Actual extinta

06 Convento dos Marianos
Convento dos religiosos Carmelitas Descalços
Função Actual: Religiosa (residencial)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 3.5ha Actual extinta

08 Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela
Mosteiro de ordem Benedita
Função Actual: Saúde (hospital militar)
Época de Construção: séc. XVII
Área da Propriedade: Inicial 3.5ha Actual 3.2ha

10 Mosteiro de São Bento da Saúde
Mosteiro de ordem Benedita
Função Actual: Política (assembleia da república)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 7.5ha Actual 3.2ha

12 Convento da Encarnação
Convento feminino de Ordem Militar de Avis
Função Actual: Religiosa (igreja)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 0.1ha Actual 2.6ha

14 Mosteiro de Nossa Senhora da Graça
Mosteiro de ordem Graciana
Função Actual: Religiosa e Administrativa
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 3.4ha Actual 2.6ha

16 Convento Santos o Novo
Convento de ordem das Comendadoras de Santiago
Função Actual: Religiosa e Asentimental (reconhecimento)
Época de Construção: séc. XVI
Área da Propriedade: Inicial 4.3ha Actual 3.2ha

20 Convento do Beato António
Convento de ordem Lóios
Função Actual: Comercial (espaco de eventos)
Época de Construção: séc. XV
Área da Propriedade: Inicial 0.7ha Actual 1.2ha

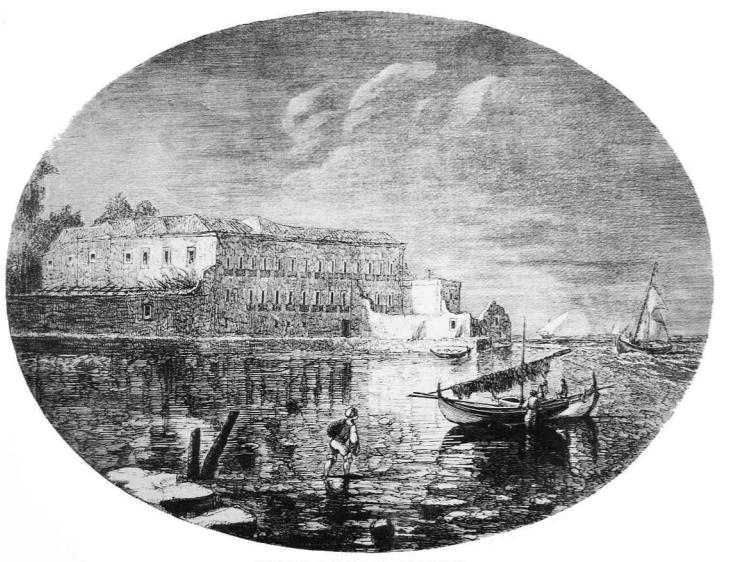


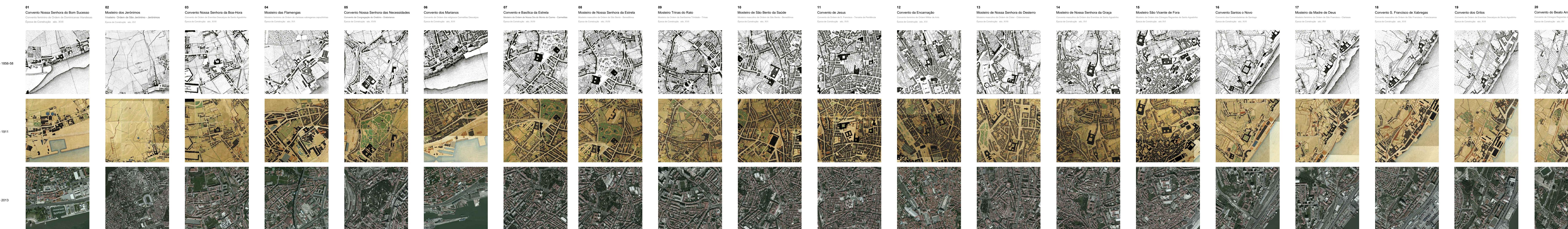
IMAGEM 04 - VISTA DO RIO TEJO SOBRE LISBOA ORIENTAL, 1867

A extinção das ordens religiosas leva a que muitos conventos, depois de um período de abandono, assumam novas funções. Os territórios das cercas conventuais são, por sua vez e na sua maioria, adquiridos por particulares, geralmente nobres que os utilizam como jardins privados.

No entanto, a implantação da república, em 1910, leva a que a nobreza deixe de usufruir desses espaços. (1) A partir deste momento, inicia-se um período de decadência de grande parte das cercas. Muitas são ocupadas pela malha urbana da cidade ou são simplesmente deixadas ao abandono. Tratam-se de espaços verdes, muitas vezes com localizações privilegiadas na malha urbana da cidade e que revestem cabeceiras de linhas de água, áreas de maior infiltração e leitos de cheia. Tratam-se de maciços verdes que protegem a cidade dos ventos fortes, criando fontes de ar fresco no verão e quente no inverno e que vão desaparecendo gradualmente com o tempo.

A cerca do Mosteiro de São Bento da Saúde, por exemplo, que em 1856 possuía uma área de sete hectares e meio, vê-se, actualmente, reduzida a três hectares, enquanto a cerca do Convento S. Francisco de Xabregas, que em 1856 possuía uma área de cinco hectares e meio encontra-se, actualmente, reduzida a um hectare. No entanto, em alguns casos, as cercas conventuais acabaram por desaparecer por completo, como no Mosteiro dos Jerónimos ou no Convento e Basílica da Estrela.

(1) Após a implantação da república são extintos os títulos nobiliárquicos em Portugal. Esta medida acaba com os privilégios de nascimento e com os foros de nobreza, consumando a expropriação de grande parte dos territórios que possuíam.



PLANTA DE EVOLUÇÃO DE CERCAS DE CONVENTOS E MOSTEIROS

ESCALA 1:1300

«Ainda nos meados do século XIX - já em pleno surto industrial - divulgam-se imagens dessas quintas paradisíacas da Lisboa Oriental [...] com o seu ambiente natural e agrícola.» (1)
 Deolinda Folgado e Jorge Custódio em *Guia do Património Industrial*

Lisboa foi, durante anos, rica em quintas e espaços verdes de recreio. Ao longo do tempo, o seu crescimento foi «englobando no seu tecido urbano espaços verdes (quintas, quintais, hortas, oliveiras, etc.).» (2) A presença desta vegetação contribuiu para a humanização, estabilidade física e equilíbrio ecológico da cidade. Fortalecendo a saúde física e mental da população urbana, os espaços verdes foram-se assumindo como um equipamento social. (3)

No século XII, os espaços verdes de maior dimensão situavam-se extra muros, numa paisagem rural que envolvía a cidade. Aí predominavam as hortas, os pomares e os quintais, anunciando a cidade - mercado consumidor dos seus produtos. (4) A partir do século XVI, os espaços verdes exteriores à cidade foram gradualmente passando dos agricultores para a nobreza e para o clero - e englobados na construção de quintas e palácios, mas também de conventos e mosteiros - que lhes conferiram uma função que não era exclusivamente a de produção.

A nova apropriação dos jardins, caracteristicamente portuguesa, deve ser entendida «como a evolução de uma realidade, que encontra raízes nas hortas, hortos, pomares, vergéis, cortinhas e almuinhás que datam de períodos anteriores, e que nunca deixaram de se construir como espaços de fruição da natureza.» (5) Estes jardins, pela privilegiada relação que estabelecem com o rio, tornam-se lugares muito prestigiados. (6) Mas, para além de espaços de charme, são igualmente «lugares por exceléncia, de repouso, de alegria, de canções, de dança, de amores discretos, de debates, espaços de quietação ou inquietação.» (7)

(1) FOLGADO, Deolinda - CUSTÓDIO, Jorge, op. Cit., p. 16.

(2) TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), op. Cit., p. 41.

(3) Ver, sobre este assunto: TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), op. Cit., p. 15.

(4) Idem, ibidem, p. 45.

(5) CARAPINHA, Aurora, op. Cit., p. 26.

(6) Ver, sobre este assunto: idem, ibidem, pp. 191-196.

(7) Idem, ibidem, p.37.



IMAGEM 05 - Vista de Lisboa com marcação de espaços verdes, 1700

No clima mediterrâneo - no qual se enquadra o de Lisboa -, mais importante que a fertilidade do solo é a exposição solar e, sobretudo, a presença de água. Sempre que a água está presente, seja de uma forma natural ou por habilidade do homem, a paisagem reveste-se de uma tonalidade verdejante e de uma fertilidade permanente. (1) Nesse sentido, os jardins estão usualmente associados a linhas de água e encontram-se próximos da margem ribeirinha da cidade. A importância que a água assume neste clima leva a que seja frequente a presença de poços, noras, tanques, rodas hidráulicas, picotas, elementos que um sistema de rega composto por caldeiras mestre e regadeiras. (2)

A paisagem de campo aberto que se verificava na periferia de Lisboa vai, com o decorrer do tempo, desaparecendo. Assiste-se progressivamente a uma tendência para o seu encerramento. «Se no inicio deste processo era a sebe viva, o valado, a vedação de canas que delimitava as unidades de natureza "ordenada", mais tarde são as construções com materiais inertes que definem o seu perímetro.» (3) A definição de um limite, que passa a ser frequente nos jardins, espelha a decisão de afastamento e recato em relação ao meio envolvente. O muro, que passa a ser característico dos jardins portugueses, expressa uma escolha clara, da parte de quem o edifica, de autonomizar um espaço da sua envolvência. Estes jardins podem assim ser definidos como um «espaço fechado e compartimentado, que se constrói num diálogo constante entre a produção e o recreio, entre luz e sombra, na fruição da água, aromas, da cor e da grande presença de citrinos, jasmim e murta.» Jardins onde o seu espaço de hortas e pomares evocam a face mais poética da produção. (4)

(1) Ver, sobre este assunto: CARAPINHA, Aurora, op. Cil., p. 37.

(2) Idem, ibidem, p. 51.

(3) Idem, ibidem, p. 52.

(4) Idem, ibidem, p. 26.

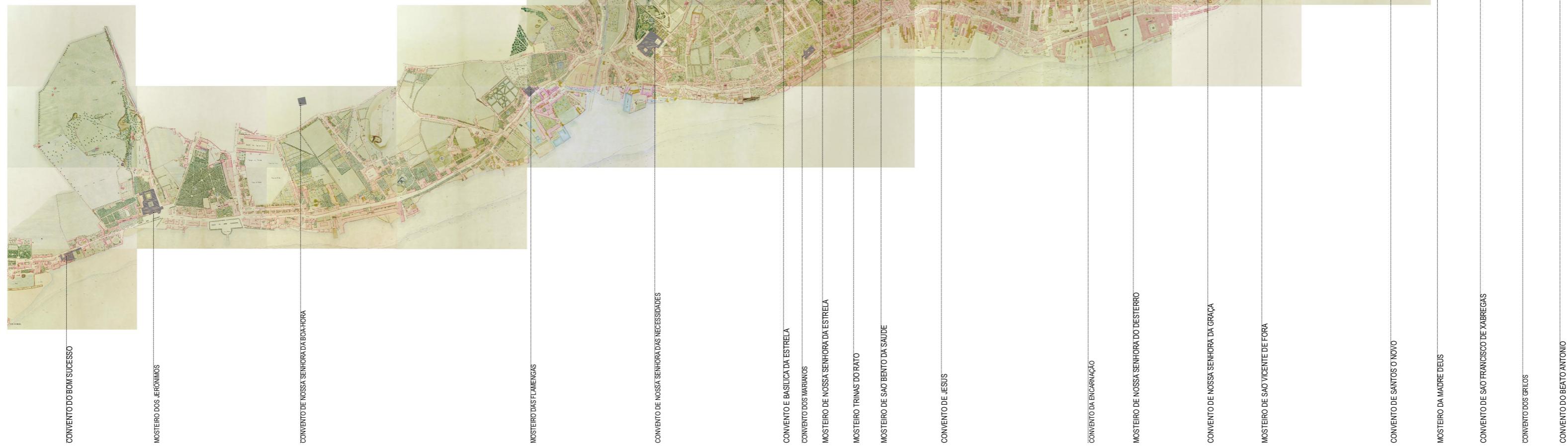




IMAGEM 07 - PASSEIO PÚBLICO DEPOIS DA REMODELAÇÃO PARA A QUAIS BONNARD CONTRIBUIU.

O conceito de espaço público encontra-se presente na cidade desde muito cedo, onde espaços como praças ou adros de igreja se assumem como lugares de encontro e convívio. No entanto, é com a criação do Passeio Público de Lisboa, em 1764, que desporta uma nova forma de vivenciar os espaços públicos. (1) O Passeio Público, pioneiro dos jardins públicos de Lisboa, surge na sequência de Rossio. Trata-se de um espaço verde murado, criado com o intuito de se estabelecer como o lugar de encontro de diversas classes sociais. (2) O sucesso e adesão que este novo espaço tem, levam a que na sequência do plano de reconstrução pombalino o Passeio Público seja melhorado e ampliado. E esta renovação acaba por se revelar fundamental para a difusão de uma nova forma de construir jardins em espaços públicos na cidade de Lisboa. (3)

Na mesma época da construção do Passeio Público de Lisboa, surgem também na Europa os primeiros espaços verdes urbanos públicos. Em Paris constrói-se o eixo Louvre-Étoile com a composição geométrica, característica do barroco e, em Siena, surge pela primeira vez a ideia de anel verde de forma a proteger as muralhas da cidade medieval. Neste período aparecem também as primeiras doações de grandes espaços privados à comunidade, o que motiva a criação dos primeiros parques urbanos. (4) Mas é essencialmente no século XIX, com a Revolução Industrial, que a necessidade de melhorar as condições ambientais fez nascer a ideia de incorporar espaços verdes na cidade. A construção do Central Park em Nova Iorque ou do Hyde Park em Londres são o exemplo da integração de um espaço verde no coração da cidade. Mais tarde, este conceito evoluiu para um sistema contínuo de parques, de forma a melhor estruturar o tecido urbano. (5)

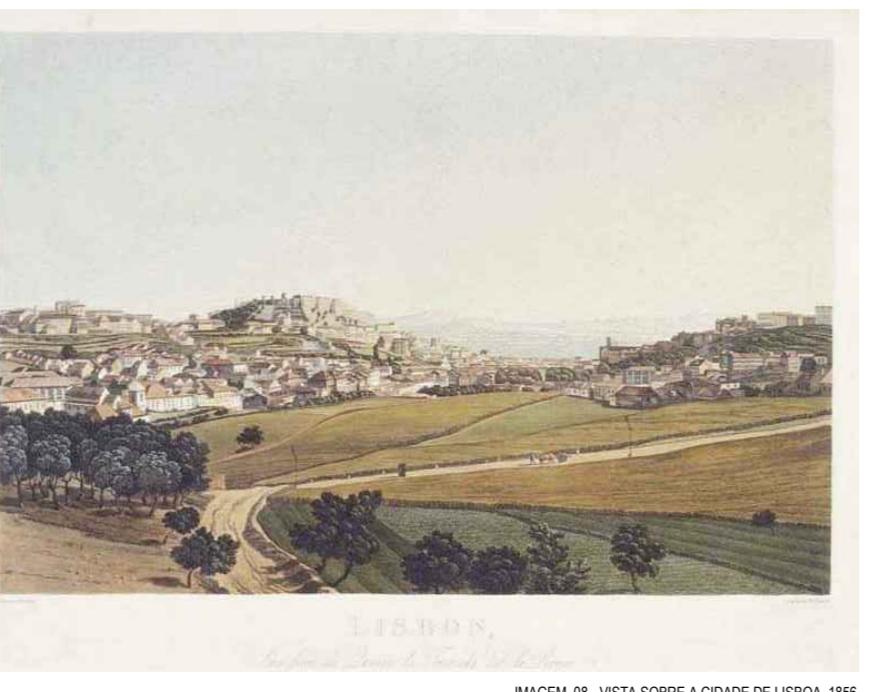
(1) Ver, sobre este assunto: TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), *op. Cit.*, p. 55.

(2) «O Passeio Público constava unicamente de um bosque cercado por grossos muros revestidos pela parte interior com buxo e louro, tendo de cada lado quinze janelas com grades de ferro e assentos.» BRANCO, Cristina (coord.), *op. Cit.*, p. 138.

(3) Com Bonnard a colaborar na reestruturação do Passeio Público, surge em 1848 um novo projeto, «uma proposta romântica [...] [onde] Bonnard incluiu estufas para plantas tropicais, corpetos, pavilhões, candeeiros a gás, taças ornamentais e fontes com um traço ao gosto da época.» Idem, *ibidem*, pp. 138-139.

(4) Ver, sobre este assunto: TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), *op. Cit.*, p. 56.

(5) Este progresso origina dois modelos ideais de cidade, a Cidade Linear de Arturo Soria e a Cidade Jardim de Ebenezer Howard. «Na cidade Linear, Arturo Soria propõe uma estrutura verde composta por cinco componentes lineares, paralelas a um eixo. Na cidade Jardim, Ebenezer Howard defende uma estrutura verde composta por vários anéis de espaços concéntricos caracterizados por servirem diferentes funções. Ver, sobre este assunto: TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), *op. Cit.*, pp. 57-61.



Em Lisboa, apesar da Revolução Industrial ter chegado mais tarde (apenas no final do século XIX), foi neste século ainda que a cidade viu aumentar os seus jardins públicos. Durante o período romântico foi construído o Jardim da Estrela, o Jardim do Príncipe Real e ainda o Jardim de São Pedro de Alcântara. Este último viria a substituir a função social do Passeio Público, que desapareceria aquando da abertura da Avenida de Liberdade, em 1880. (1)

Entre outros jardins que surgiram nesta época, também os miradouros - aos quais normalmente estavam associadas pequenas capelas ou conventos e que tinham sido locais de romaria - eram ajardinados, assumindo-se como elementos da sistemática criação de espaços verdes públicos da cidade levada a cabo por Ressano Garcia. (2)

Durante o Estado Novo, foi criado o Parque de Monsanto, por iniciativa de Duarte Pacheco. (3) Este implantou um regime especial de expropriações da área pretendida para o parque. Concluído em 1938, o seu acabamento em muito se deve à participação do exército na construção. No Parque foram utilizadas todas as plantas disponíveis nos viveiros públicos.

Também por ação de Duarte Pacheco, foi elaborado o primeiro Plano Director para Lisboa, aprovado em 1948. A existência deste plano, realizado com o intuito de planejar o desenvolvimento das áreas expectantes da cidade, foi determinante para evitar que todo o espaço urbano fosse ocupado por edificação. Este plano previa que o Parque de Monsanto, em conjunto com a área que actualmente é dominada por parques periféricos, com a área do aeroporto e com a área de parque Oriental, formassem um anel verde que envolveria a cidade. No entanto, as ligações radiais deste anel verde com o centro foram descuidadas, o que se veio a reflectir na estrutura verde de Lisboa. Este plano previa ainda que fosse criada na margem ribeirinha uma sequência de espaços verdes que originariam um corredor verde junto ao rio. (4)

Posteriormente foram elaborados mais dois planos - o Plano do Gabinete de Estudos de Urbanização, em 1958, e o Plano Director, em 1967. Contudo, ambos mantiveram as principais ideias do primeiro Plano Director de Lisboa. Ambos conservaram o conceito de anel verde com ligações radiais à cidade, apesar de terem sido aplicadas algumas reduções das áreas de espaço verde propostas. (5) Nesses planos, concluiu-se que «existem numerosos espaços verdes no centro da cidade que devem ser preservados da destruição pelo aumento do volume da construção, circulação mecânica e estacionamento» e que se «deveria prever a criação de parques públicos no sector Este da cidade». (6)

(1) Ver, sobre este assunto: TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), *op. Cit.*, p. 63.

(2) Ressano Garcia foi Director da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa durante trinta anos e promoveu as obras que marcaram mais fortemente a Lisboa romântica. Entre elas estão o Parque da Liberdade, mais tarde o Parque Eduardo VII e o Parque do Campo Grande. O trabalho de Ressano Garcia desenvolveu-se em duas fases, a abertura de grandes avenidas nas linhas de vale e a construção de bairros de malha ortogonal que eram pontuados por espaços verdes. *Idem*, ibidem, pp. 63-66.

(3) Duarte Pacheco foi Ministro das Obras Públicas e Comunicações, cargo que acumulou com o de Presidente da Câmara de Lisboa até ao ano de 1943, data da sua morte.

(4) Ver, sobre este assunto: TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), *op. Cit.*, pp. 63-66.

(5) *Idem*, ibidem, pp. 71-73.

(6) *Idem*, ibidem, pp. 73.

JARDINS
PAGINA 41CERCAS
PAGINA 42

01 Jardim da Torre de Belém
Área: 1.7ha
Localização: Av. de Brasília
Equipamentos: Comércio, Serviços, wc

02 Jardim Praça do Império
Área: 3.3ha
Localização: Entre Av. Índia e Rua de Belém
Equipamentos: Comércio, Serviços, turismo

03 Jardim Vasco da Gama
Área: 4.2ha
Localização: entre Av. Índia e Rua de Belém
Equipamentos: Comércio, Serviços, Parque Infantil

04 Jardim Praça Afonso de Albuquerque
Área: 1.6ha
Localização: Praça Afonso Albuquerque
Equipamentos: Comércio, Serviços, Lago

05 Jardim Museu Agrícola Tropical
Área: 7.7ha
Localização: Largo dos Jerónimos
Equipamentos:

06 Jardim Botânico da Ajuda
Área: 3.3ha
Localização: Calçada da Ajuda
Equipamentos:

07 Parque dos Moinhos de Santana
Área: Sha
Localização: entre Rua Trípolis e Estrada de Caselas
Equipamentos: Comércio, Serviços, Lago

08 Jardim Dulce Suárez
Área: 2.8ha
Localização: entre Av. do Restelo e Rua Pero da Covilha
Equipamentos:

09 Tapada da Ajuda
Área: 10ha
Localização: Calçada da Tapada
Equipamentos:

10 Parque Florestal de Monsanto
Área: 1000ha
Localização: Serra de Monsanto
Equipamentos: Restauração, Lago, Miradouro, Corredor, wc

11 Parque Silva Pinto
Área: 0.2ha
Localização: entre Rua Alberto José Faria e Av. Proença
Equipamentos:

12 Tapada das Necessidades
Área: 10ha
Localização: Largo das Necessidades
Equipamentos: Restaurante, Biblioteca, Parque Desportivo

13 Jardim Palácio de Marques de Fronteira
Área: 5.5ha
Localização: Largo de São Domingos de Benfica
Equipamentos:

14 Jardim das Janelas Verdes
Área: 3.8ha
Localização: entre Rua Presidente Arriaga e Av. 24 Julho
Equipamentos:

15 Jardim da Estrela
Área: 4.6ha
Localização: Praça da Estrela
Equipamentos: Biblioteca, Restauração, Corredor, Lago, wc

16 Parque Bensaude
Área: 3.5ha
Localização: entre Estrada da Luz e Rua cidade de Cadiz
Equipamentos:

17 Jardim do Príncipe Real
Área: 1 ha
Localização: Praça do Príncipe Real
Equipamentos: Restauração, Lago, Miradouro, wc

18 Jardim das Amoreiras
Área: 0.5ha
Localização: Praça das Amoreiras
Equipamentos: Restauração, Parque Infantil

19 Jardim Estufa Fria
Área: 1.5ha
Localização: Alameda Cardeal Cerejeira
Equipamentos: Lago, wc

20 Jardim Amália Rodrigues
Área: 0.2ha
Localização: Alameda Cardeal Cerejeira
Equipamentos: Restauração, Miradouro, Lago, wc

21 Jardim São Pedro de Alcântara
Área: 0.8ha
Localização: Rua de São Pedro de Alcântara
Equipamentos: Lago

22 Jardim Botânico do Museu H. Natural
Área: 4ha
Localização: Rua da Escola Politécnica
Equipamentos:

23 Parque Eduardo VII de Inglaterra
Área: 0.2ha
Localização: Rotunda Marquês de Pombal
Equipamentos: Restauração, Miradouro, Lago, wc

24 Jardim Fundação Calouste Gulbenkian
Área: 0.6ha
Localização: Av. Berna
Equipamentos:

25 Jardim do Torrel
Área: 2.8ha
Localização: Rua Julio de Andrade
Equipamentos: Comércio, Serviços, Restauração, Lago, wc

26 Jardim Braancamp Freire
Área: 1.2ha
Localização: Campo dos Martíres
Equipamentos: Restauração, Lago, parque Desportivo, wc

27 Jardim do Arco do Cego
Área: 0.6ha
Localização: Av. João Crisóstomo
Equipamentos:

28 Jardim do Campo Grande
Área: 12.4ha
Localização: Campo Grande
Equipamentos: Miradouro, Lago, wc

29 Parque Monteiro-Mor
Área: 1ha
Localização: Estrada do Lustral
Equipamentos: Miradouro, Merendas, wc

30 Jardim da Quinta das Conchas e Lilazes
Área: 24ha
Localização: Alameda das Linhas de Torres
Equipamentos: Miradouro, Merendas, Lago, wc

31 Parque da Madre Deus
Área: 4ha
Localização: Largo da Madre Deus
Equipamentos: Miradouro, Merendas, wc

32 Parque José Gomes Ferreira
Área: 1ha
Localização: Av. Brasil
Equipamentos: Miradouro, Merendas, wc

33 Parque da Bela Vista
Área: 8ha
Localização: Av. Dr. Arlindo Vicente
Equipamentos: Miradouro, Parque Desportivo, wc

34 Parque do Vale do Silêncio
Área: 8ha
Localização: Rua Cidade de Nova Lisboa
Equipamentos: Miradouro, wc

35 Jardim Garcia d'Orta
Área: 1ha
Localização: Parque das Nações
Equipamentos: Comércio, Serviços

PLANTA DE CERCAS, PARQUES E JARDINS DE LISBOA ACTUALMENTE

ESCALA 1:3500



Todavia, com o decorrer dos anos, os espaços verdes e jardins foram sendo cada vez mais escassos no centro de Lisboa. O natural crescimento da malha urbana levou à densificação da zona central e da faixa ribeirinha da cidade: «[...] os espaços vazios, ainda livres de construções, enchem-se de barracas, bairros clandestinos e parques de sucata. As fábricas e armazéns, implantados, exclusivamente segundo critérios de acessibilidade e de custo do solo, invadem todo o espaço agrícola.» (1)

Essa ocupação acabou por remeter os espaços de jardim e de lazer para uma zona periférica da cidade. Esta condição acabou por fazer com que a população não pudesse tirar partido do potencial da zona junto ao rio. No entanto, tem sido feito um esforço para voltar a aproximar Lisboa do rio e isso já se começa a notar na zona ocidental. Começam a aparecer espaços pontuais de jardim com relações de proximidade ou de vistas para o estuário do rio Tejo. A zona ribeirinha oriente - uma área fortemente industrializada nos finais do século XIX - tem, no entanto, uma forte carência de espaços verdes públicos. E esta área encontra-se actualmente em transformação, dado que o natural crescimento da indústria faz com que esta se desloque da zona oriental da cidade e se instale nos arredores de Lisboa. (2)

(1) TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), op. cit., p. 48.

(2) No entanto, «o seu processo de desindustrialização [...] não foi acompanhado de medidas de conservação e salvaguarda de edifícios, nem da sua recuperação e reconversão.» Idem, ibidem, p. 10.

02 De cerca a jardim público

Os territórios das antigas cercas conventuais que actualmente subsistem, continuam a acomodar áreas verdes de Lisboa. Ocupando uma posição privilegiada na cidade, são hoje, em alguns casos, jardins privados. Este facto verifica-se na antiga cerca do Convento de São Bento da Saúde, que alberga um jardim pertencente à Assembleia da República. O mesmo sucede na antiga cerca do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, que alberga um jardim pertencente ao Quartel da Graça.

Contudo, na zona ocidente de Lisboa, duas cercas conventuais são hoje exemplos notáveis de jardins públicos à disposição da população. São os casos da cerca do Convento de Nossa Senhora das Necessidades - hoje o Jardim da Tapada das Necessidades -, e da cerca do Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela - hoje o Jardim da Estrela.

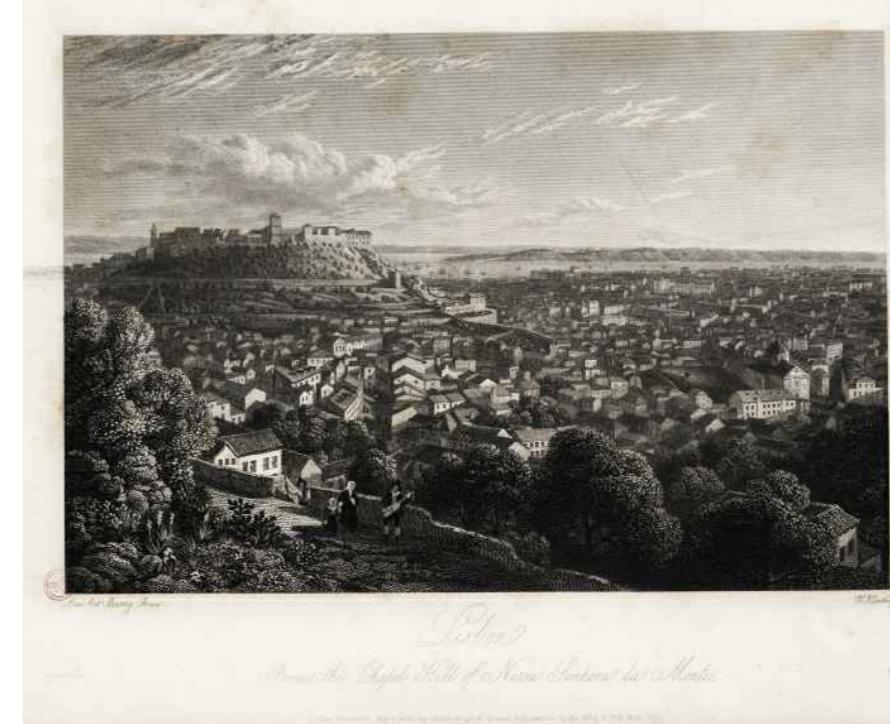


IMAGEM 10 - VISTA DA CIDADE DE LISBOA, 1789



NECESSIDADES
PAGINA 47

02 De cerca a jardim público

I. Caso de estudo: o Jardim da Tapada das Necessidades

NECESSIDADES

PAGINA 48

ORTOFOTOMAPA JARDIM DA TAPADA DAS NECESSIDADES

NECESSIDADES
PÁGINA 49

PALACIO DE NECESSIDADES

«A Tapada das Necessidades foi criada em conjunto com o convento e palácio [...] Escolhida a colina da Rua de Buenos Aires, que dava sobre o Tejo a sul e sobre a ribeira de Alcântara a poente, a obra [...] seria entregue à Ordem dos Frades Oratorianos.»⁽¹⁾

Teresa Chambel em *Jardins com História: Poesia atrás de Muros*

A obra das Necessidades nasce em 1742, por ordem do rei D. João V. A influência do rei era de tal forma decisiva que era ele quem definia o programa a cumprir, determinava as regras e impunha os conceitos.⁽²⁾

A devção por Nossa Senhora das Necessidades chega a D. João V através da família. Ao sofrer uma paralisia, o rei pediu que a imagem da santa fosse colocada no seu quarto. Tendo recuperado da doença, atribuiu o feito da sua resistência a Nossa Senhora das Necessidades. Como agradecimento, imaginou um projecto capaz de engrandecer a imagem da santa, e que deu origem às obras das Necessidades:

«Querendo, pois patentear à santa imagem toda a sua gratidão pela companhia que lhe estava fazendo, D. João V converteu a breve trecho em magnífica igreja a antiga ermida, e junto a esse proposto templo mandou construir um palácio para residir. Não contente com isso, lembrou-se o achado soberano de fundar ai um convento que entregou depois aos frades Oratorianos.»⁽³⁾

D. João V adquiriu inicialmente o afornoamento da ribeira de Alcântara, local onde se situava a pequena ermida dedicada a Nossa Senhora das Necessidades. Com o intuito de fornecer a pedra necessária à obra, comprou um terreno no alto da colina onde existia uma pedreira e um moinho de vento. No mesmo ano adquiriu um outro terreno situado por detrás da ermida.⁽⁴⁾

(1) CHAMBEL, Teresa, *Jardins com História: Poesia atrás de Muros*, Lisboa, Edições Inapa, 2002, p. 137.

(2) Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 47.

(3) Idem, ibidem, p. 48.

(4) Idem, ibidem, p. 49.

NECESSIDADES
PÁGINA 50



IMAGEM 12 - Vale de Alcântara e Aqueduto de Lisboa, 1792

NECESSIDADES
PÁGINA 51

No ano de 1745, D. João V confirmou a doação do convento e da cerca à Congregação do Oratório de São Filipe de Neri.⁽¹⁾ No entanto, como o rei considerava o território da cerca pequeno, negociou no mesmo ano várias terras que com ele faziam fronteira. Com essa compra, a cerca conventual, com cerca de dez hectares, tornou-se uma das maiores de Lisboa.⁽²⁾

A obra das Necessidades fundou um conjunto que incluía a igreja, o convento, a cerca, o palácio e a praça do obelisco. O coração desta obra era constituído pela igreja, a partir da qual se organizavam os restantes edifícios, nomeadamente o convento e o palácio.⁽³⁾ Para além da grande área disponível para os frades, o território da cerca apresentava grandes vantagens como os declives, a exposição solar, os solos, a abertura ao vento e a temperatura, para além das vistas e da disponibilidade de água potável (que chegava com a indispensável ajuda do aqueduto das Águas Livres) - características que permitiam a sustentabilidade do conjunto.⁽⁴⁾ A norte do convento, encontrava-se o jardim de buxo - que era ladeado, numa cota superior, pela horta dos frades. Acima destes espaços desenvolvia-se um terreno cercado, com um traçado de jardim barroco, onde grandes eixos convergiam para um lago circular central. Os talhões formados por estes eixos eram ocupados sobretudo por pomares e vinhas.⁽⁵⁾

O rei acabou por falecer em Julho de 1750 sem poder ver a obra das Necessidades concluída. No entanto, o seu filho D. José, que lhe sucedeu no trono, seguiu as intenções do seu pai e confirmou a doação do convento aos frades Oratorianos. Contudo, D. José optou por não habitar o palácio. Este acabou por ser habitado pelos dois irmãos de D. João V - o infante D. António em 1757 e o infante D. Manuel em 1766. Ambos viriam a falecer no palácio. Após as suas mortes passaram-se anos sem que o palácio fosse habitado pela família real, servindo para albergar os hóspedes da corte. O palácio só voltou a assumir a função de residência real com a rainha D. Maria II em 1833. Nele se instalou com o seu primeiro marido, o príncipe Augusto de Leuchtenberg. Apesar da morte prematura do príncipe, a rainha continuou a viver no palácio das Necessidades, primeiramente sozinha e depois com o seu segundo marido, D. Fernando II. Inicialmente residência real de D. Maria II e D. Fernando II, a evolução das Necessidades ficou marcada pela presença de mais duas gerações reais: D. Pedro V e D. Estefânia, bem como D. Carlos I e D. Amélia.⁽⁶⁾

⁽¹⁾ Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 49.⁽²⁾ Uma área que manteve até aos dias de hoje, sendo um dos maiores jardins públicos presentes coração da cidade de Lisboa.⁽³⁾ O convento é um edifício imponente que se relaciona com os terraços da cerca - onde se encontra o jardim de buxo e a horta dos frades. Voltado para o interior, em relação directa com a cerca, o convento encontra-se recolhido. O palácio é um edifício mais modesto que o convento, que usufrui do seu próprio pátio.Implantado junto a um dos limites do território da cerca, possui a sua própria entrada e o seu próprio acesso à igreja.⁽⁴⁾ Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 16.⁽⁵⁾ Idem, ibidem, pp. 55-56.⁽⁶⁾ Idem, ibidem, p. 97.NECESSIDADES
PÁGINA 52



IMAGEM 13 - Vista do Palácio e Convento das Necessidades, 1870.

Com as ordens monásticas extintas em Portugal, o convento ficou desabitado e a cerca conventual sem função. D. Fernando II vê na cerca a oportunidade ideal de transformar um território que se encontrava já na posse da família real num jardim. Para o auxiliar nesta tarefa, o rei chamou o jardineiro Jean Baptiste Bonnard, que chegou em 1841.⁽¹⁾ Todas as intenções pareciam estar já estruturadas, pois as obras arrancaram de imediato e a um ritmo acelerado. No próprio ano em que Bonnard chegou, foi concretizada a primeira parte da transformação do jardim.

A principal transformação ocorreu a poente do jardim de buxo, no local onde os frades tinham plantado um pomar. Num espaço de declive menor e com vista sobre o rio Tejo foi implantado um jardim romântico, onde foram introduzidas várias novas espécies exóticas - um jardim marcado por uma rede de caminhos serpentinos que definiam canteiros irregulares e onde surgiam dois lagos artificiais.

Na fase seguinte do projeto, a área a transformar prolongou-se para Norte, onde foi criada uma área de relvado ladeado por caminhos pedonais que ligavam diversos elementos edificados. A construção de um muro de suporte de quatro metros de altura permitiu criar um suave declive para o relvado. Projectado em forma de concha, o relvado assumiu um papel importante pois era a única clarreira existente. Pela sua excelente exposição solar tornou-se um dos lugares de permanência por exceléncia.

A nascente das Necessidades, D. Fernando II construiu ainda um picadeiro. A sua discreta localização não o impidiu de se tornar num dos mais belos picadeiros da Europa. Apesar das suas fachadas serem simples, o interior destacava-se pelos seus azulejos e ferros trabalhados. Este constituiu um dos centros de diversão dos seus filhos: «Nos jardins das Necessidades, o rei ensinou seus filhos a gostar da natureza. No jardim passeava-se, pintava-se, dançava-se, montava-se a cavalo ou observavam-se as plantas a florir, aprendendo-se o seu nome científico.»⁽²⁾

Após a morte de D. Fernando II, em 1853, o filho mais velho, D. Pedro V, sucedeu-lhe no trono de Portugal. A esmerada educação levou a que o novo rei desse continuidade à obra das Necessidades. As obras de D. Pedro V centraram-se essencialmente na construção de novas estruturas e na ampliação do jardim romântico para uma área mais vasta. De entre as novas estruturas, destaca-se o conjunto formado pela estufa e pela casa de fresco, que rematavam de cada lado o muro de suporte do relvado, bem como o jardim zoológico, também ele ganho ao declive através de um muro de suporte que era composto por casas e vedações para os animais. Contudo, a obra mais querida por D. Pedro V e aquela que construiu com mais carinho foi o jardim da rainha D. Estefânia de Hohegoland. Implantado no interior do palácio, num espaço mais privado, o jardim foi construído para receber a sua futura mulher.⁽³⁾

(1) Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 100.

(2) BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 100.

(3) Ver, sobre este assunto: idem, ibidem, p. 110.

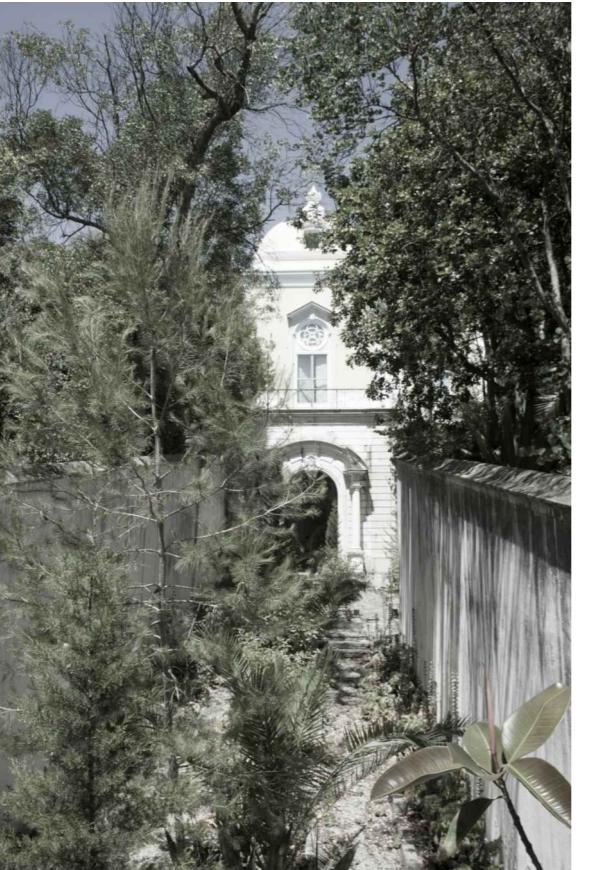


IMAGEM 14 - Casa de Regalo, Atelier da Rainha

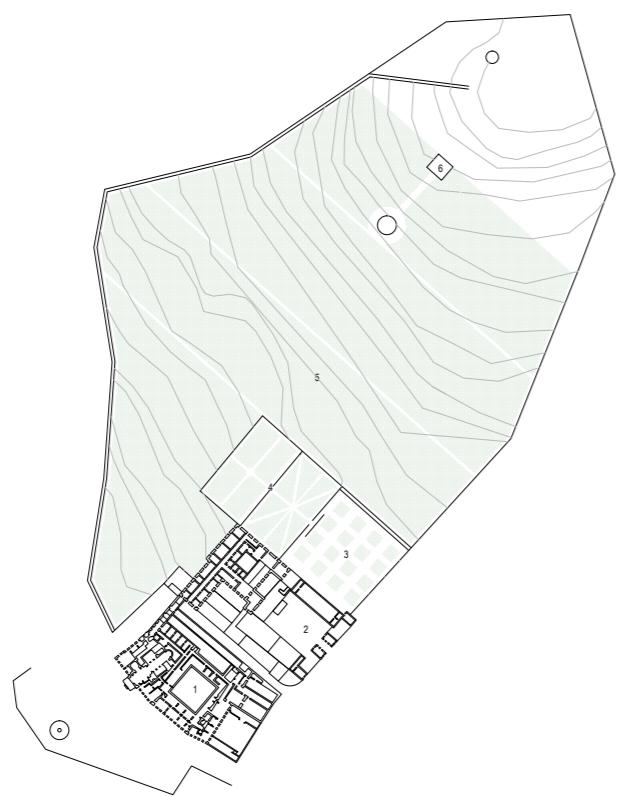
Sucedendo a D. Pedro V no trono surge, em 1899, D. Carlos, seu sobrinho. Também ele e a sua esposa D. Amélia de Orleães escolheram as Necessidades como residência real. D. Carlos não impulsionou no terreno das Necessidades intervenções tão emblemáticas como os seus antecessores. A sua maior intervenção foi a casa de regalo ou atelier de pintura da rainha, que se implantou por cima da antiga gruta deixada pelos frades Oratorianos. D. Carlos efectuou ainda novas plantações nas Necessidades que vieram a alterar ligeiramente o traçado do jardim. É dele também a ampliação da rede de águas. O jardim das necessidades descreve-se agora como «um jardim romântico, resultado da obra feita por D. Fernando que, apesar dos anos passados manteria o seu esplendor e aumentaria o seu mistério. Os lagos, a vegetação exótica e luxuriante e as estátuas concorriam para a beleza agora madura»⁽¹⁾ das Necessidades.

A presença da família real nas Necessidades terminou com o fim da monarquia em Portugal. Em 1910, com a implantação da república, o palácio foi bombardeado a partir do rio e a família real foi forçada a abandonar o país. Este acto terminou com a comparência real no palácio e na quinta das Necessidades.⁽²⁾ A partir desta data iniciou-se então o declínio do Jardim das Necessidades que passou a depender de diferentes ministérios e deixou de ser tratado como um conjunto. Neste mesmo ano, o convento e o palácio passaram a alojar o Ministério dos Negócios Estrangeiros, que tutelava também os terrenos do jardim deixados pelos frades. A relação entre as instalações do antigo convento e a Tapada das Necessidades - o território da antiga cerca conventual -, deixou assim de existir. O jardim da Tapada das Necessidades passou então a estar sobre tutela do Ministério da Agricultura, mas quem ficou responsável pela manutenção dos edifícios da tapada é a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

O conjunto das Necessidades ficou ainda mais fragmentado quando, em 1974, o picadeerio real foi demolido para dar lugar a um novo edifício. Aqui instalou-se o Ministério da Defesa, que fez uso de uma periferia do jardim e reservou para si uma fracção protegida por rede. No jardim instalou-se ainda uma escola para crianças sobre a protecção da Santa Casa da Misericórdia, que veda mais uma área do jardim. Em 1991, a Câmara Municipal de Lisboa, devido ao avançado estado de degradação do jardim, estabeleceu um protocolo com o Instituto Nacional de Investigação Agrária e com a Junta de Freguesia dos Prazeres e procedeu à abertura da tapada ao público:

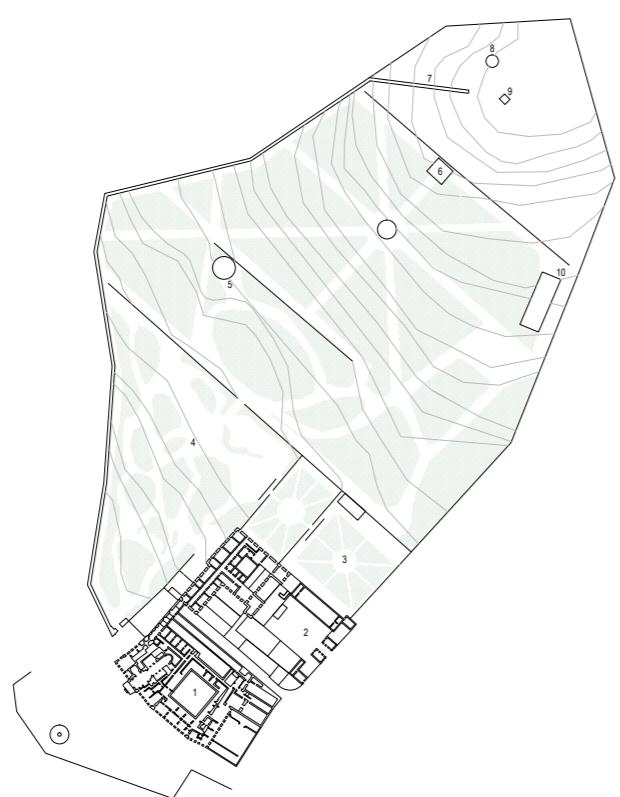
«A Tapada das Necessidades que hoje encontramos é o repositório de todas as épocas, um espaço com vários estilos presentes: a horta dos frades - horto conventual; o jardim de buxo - jardim renascentista; o lago circular e eixo da cascata - barroco; o jardim inglês, relvado, estufa e casa fresca - paisagismo; e uma profusão de novos espaços criados no século XX.»⁽³⁾

⁽¹⁾ BRANCO, Cristina (coord.), *op. Cit.*, p. 121.⁽²⁾ Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), *op. Cit.*, 2001, p.123.⁽³⁾ BRANCO, Cristina (coord.), *op. Cit.*, p. 124.



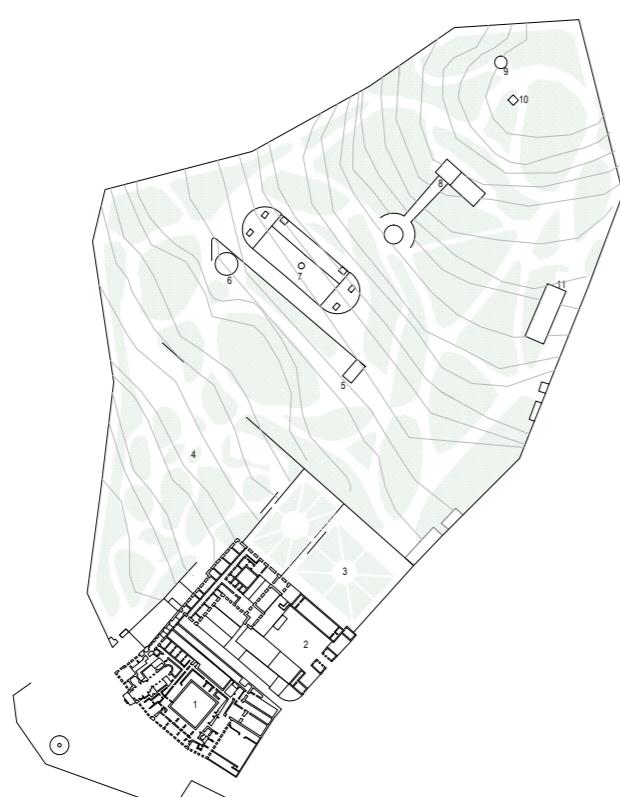
ANO 1756

1-Palácio das Necessidades 2-Convento de Nossa Senhora das Necessidades 3-Horta 4-Jardim de Buxo 5-Terrenos Agrícolas 6-Observatório 7-Aqueduto 8-Moinho



ANO 1856

1-Palácio das Necessidades 2-Convento de Nossa Senhora das Necessidades 3-Jardim de Buxo 4-Jardim Inglês 5-Estufa Circular 6-Casa de Regalo 7-Aqueduto 8-Moinho 9-Mae-de-Agua 10-Picadeiro Real



ANO 1911

1-Palácio das Necessidades 2-Convento de Nossa Senhora das Necessidades 3-Jardim de Buxo 4-Jardim Inglês 5-Casa de Fresco 6-Estufa Circular 7-Jardim Zoológico 8-Casa de Regalo 9-Moinho 10-Mae-de-Agua 11-Picadeiro Real

EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DO JARDIM DAS NECESSIDADES



1-Largo das Necessidades 2-Palácio das Necessidades 3-Convento de Nossa Senhora das Necessidades 4-Casa de Fresco 5-Casa do Guarda 6-Instituto de Defesa Nacional 7-Escola Fernanda de Castro 8-Estufa Circular 9-Antigo Jardim Zoológico 10-Casa de Regalo 11-Antigo Instituto Florestal Nacional
12-Mae de Água 13-Moinho

ESCALA 1:2000 N



IMAGEM 15 - Cobertura Casa de Fresco

A condição de espaço público confere uma nova vida à Tapada das Necessidades. Localizado numa área já consolidada da cidade, o jardim assume-se como um espaço verde de elevada importância em Lisboa. Contornado por três ruas bastante estreitas, (1) o jardim esconde-se por detrás de um muro que chega a atingir os seis metros de altura. «Estes corredores de fachadas várias e ricas de textura e luz que formam a cidade antiga transbordam de vida meio rural, meio urbana [...] Nada faz suspeitar que, descendo qualquer uma destas ruas ladeadas por muros antigos, está um jardim de 10 hectares que [agora] pertence ao público». (2)

Inicialmente com apenas um ponto de acesso a sul, a abertura da Tapada das Necessidades à população leva a que seja agora possível aceder ao interior do jardim a partir de mais dois locais. A poente é possível entrar a partir da Calçada das Necessidades, enquanto a norte é possível o acesso a partir da Rua do Borja.

A transição para o interior do jardim é feita progressivamente, e não de um modo directo. Essa condição verifica-se a sul e a poente, mas a norte renuncia-se a esse princípio. Trata-se de uma entrada claramente secundária, feita através de «um portão de fole de alumínio, desesperadamente feio e inadequado a um espaço extraordinário: uma porta de serviço». (3) A poente, através da Calçada das Necessidades, descreve-se um jardim guardado por altos muros. Acompanhando a inclinação da rua, uma interrupção no longo muro desvenda um largo calcetado. Neste largo, que também serve o Ministério dos Negócios Estrangeiros, surge a casa do guarda da tapada. Nesta entrada filtrada, «as vedações deixam transparéncia e vê-se para dentro do bosquejo: pinheiros, folhados e acantos, verdes misteriosos e atraentes». (4) Ao mesmo tempo que prepara a passagem para o interior do jardim, este espaço intermédio desvenda um pouco a vivência que se pode encontrar dentro do jardim da Tapada das Necessidades.

(1) O Jardim da Tapada das Necessidades é limitado pela Rua Capitão Afonso Pala a poente, a sul pela Calçada das Necessidades e a norte pela Rua do Borja.

(2) CHAMBEL, Teresa, op. Cit., p. 137.

(3) Idem, ibidem, p. 138.

(4) Idem, ibidem.



IMAGEM 16 - Entrada sul da Tapada das Necessidades

NECESSIDADES
PÁGINA 61

Todavia, a entrada efectuada a sul do jardim, junto à igreja e ao palácio, é a mais digna. A partir desta chegada, e encarando a praça do obelisco em frente, vislumbrase o rio. No momento em que o limite do jardim muda de direcção e permite a passagem entre o palácio e o muro da cerca, surge um espaço que recebe quem quer alcançar as Necessidades. Voltando as costas ao rio, o espaço intermédio delimitado pela cerca e pelo palácio, revela a possibilidade de entrada:

«É melhor entrar por este portão de baixo para poder imaginar o jardim concebido e plantado pelo rei D. Fernando II, e onde cresceram os príncipes, filhos da rainha D. Maria II. Nesta parte do jardim ainda sobrevive um ambiente de dignidade e beleza dado pela sombra das árvores, pelo serpentear dos caminhos, pela luz aberta da clareira que ao fundo nos atrai, enquadra pelas troncos das velhas alfarrobeiras.»⁽¹⁾

Composto por vários subespacos, que em tempos harmonizaram o cultivo e o lazer, o jardim das Necessidades revela um espírito que privilegia a permanência e a existência de sombra. No seu íntimo é notória a constante presença de elementos construídos. O jardim inclui e baseia o seu desenho em edificações como a Casa de Regalo, a Casa de Fresco, a Mãe de Água ou a Estufa. Estes espaços, permanecendo no jardim ao longo dos anos, oferecem diversos momentos de permanência a quem desfruta do jardim. A cuidada implantação destes elementos permite não só usufruir do seu espaço, como harmonizar o espaço envolvente, proporcionando espaços exteriores que se relacionam com outras áreas do jardim, que se fecham sobre si próprios ou que olham a paisagem por entre a copa das árvores.

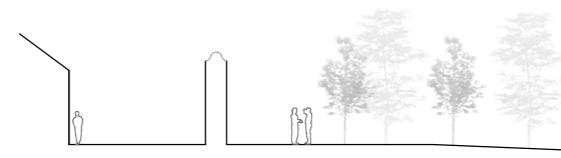
Com o intuito de relacionar as diversas edificações e subespacos do jardim, o desenho dos percursos potencia a vivência mais passiva do jardim. Os percursos sinuosos do jardim permitem descobrir os espaços gradualmente. Guardado por altos muros, o seu íntimo possibilita uma grande variedade de caminhos. Caminhando junto ao alto muro da cerca ou por entre a vegetação, elementos com bancos ou namoradeiras proporcionam constantemente momentos de estadia.

Ao percorrer as Necessidades, os volumes de vegetação definem os espaços de luz e de sombra. Demarcam o cheio e o vazio, oferecendo diferentes ambientes, intensificados pela presença da água em elementos como lagos ou fontes.

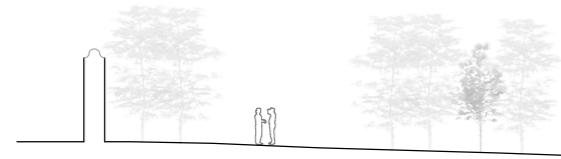
⁽¹⁾ CHAMBEL, Teresa, op. cit., p. 138.

NECESSIDADES
PÁGINA 62

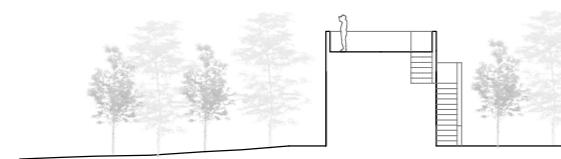
NECESSIDADES
PÁGINA 63



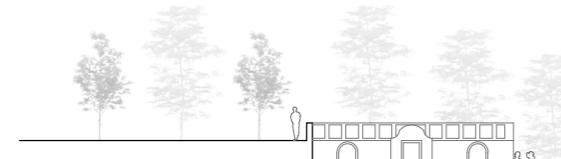
1 - PERCURSO DE RONDA
Percurso entre o Limite e a Vegetação



2 - PERCURSO INTERIOR
Percurso entre a Vegetação



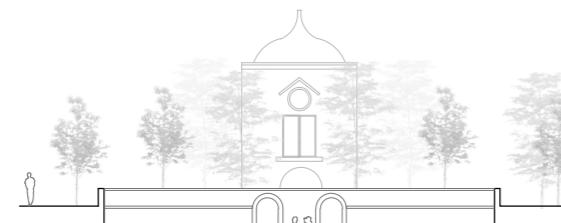
3 - MIRADOURO
Ponto com Vista Sobre o Exterior



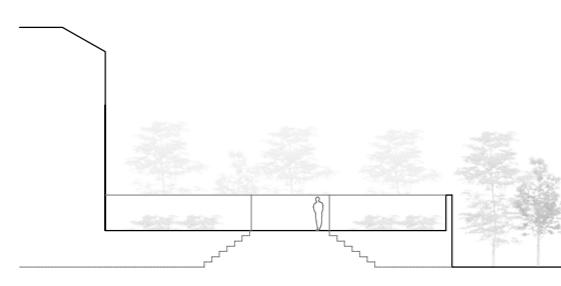
4 - COTAS DISTINTAS
Ponto de Vista Sobre o Jardim



5 - CLAREIRA
Espaço com maior exposição solar

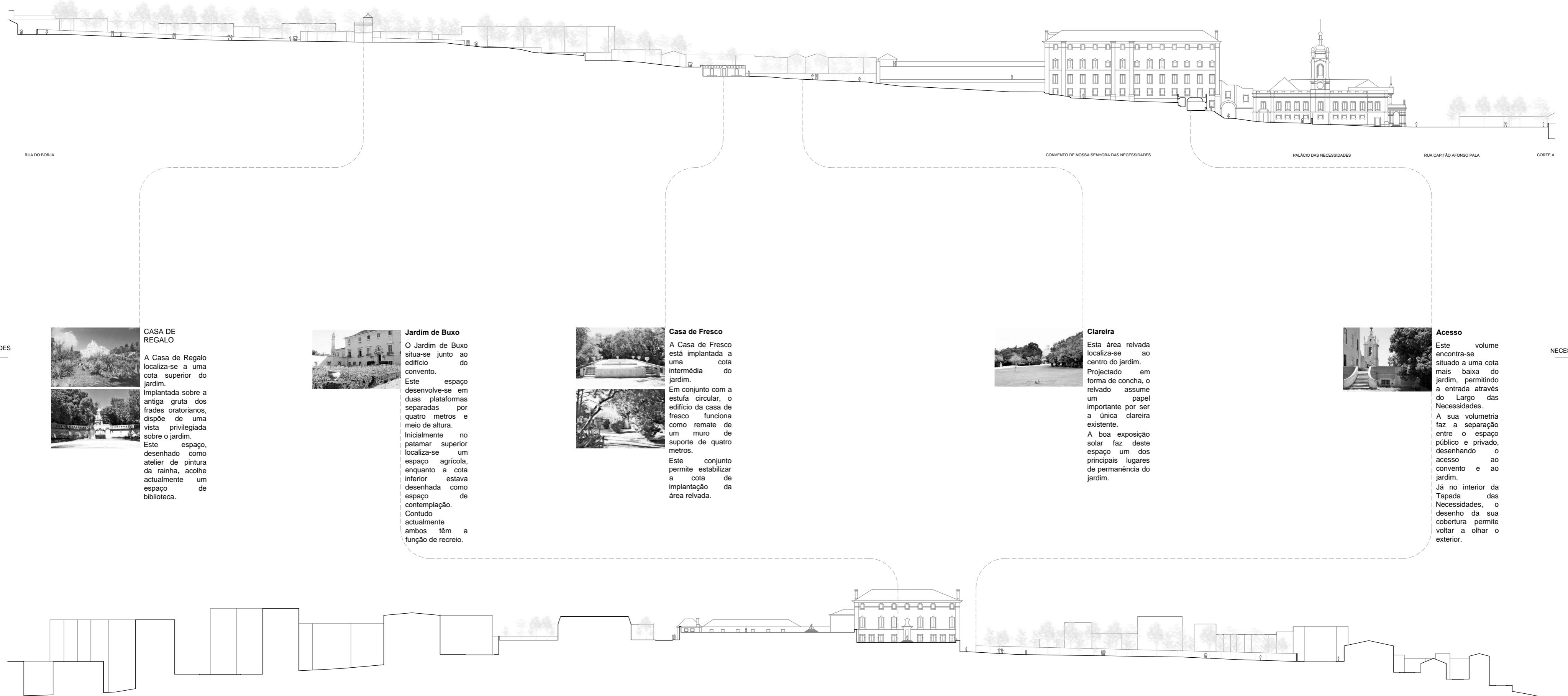


6 - ENTRE MUROS
Espaço Exterior Definido por Edificação



7 - CONVENTO
Espaço em Directa Relação com o Convento





ESTRELA
PÁGINA 6702 De cerca a jardim público
II. Caso de estudo: o Jardim da Estrela

ORTOFOTOMAPA JARDIM DA ESTRELA



N

ESTRELA
PÁGINA 68



IMAGEM 24 - VISTA DO CONVENTO E BASÍLICA DA ESTRELA, 1789

ESTRELA
PÁGINA 69

«Data do século XIX a fundação desse jardim, em terrenos que vicejavam estreitas nesgas de horta [...] Junto desses terrenos ficava o Convento de Nossa Senhora da Estrela, onde frades beneditinos levavam vida austera de oração e estudo.» (1)

Robélia Ramalho em *Lisboa. Jardins, Parques e Tapadas*

A fundação do Jardim da Estrela, mais recentemente baptizado como Jardim Guerra Junqueiro, data de 1852. O jardim foi implantado num território pertencente à cerca conventual do Convento de Nossa Senhora da Estrela ou Estrela.

O Convento de Nossa Senhora da Estrela, originalmente um convento beneditino dedicado a Nossa Senhora da Estrela, foi fundado no ano de 1572. A sua construção deveu-se à iniciativa do religioso Plácido de Vila Lobos de erger uma casa em Lisboa. O frei, proveniente do Mosteiro de Tibães, em Braga, foi o primeiro abade do convento.

Erguidas na Quinta de Campolide, as instalações conventuais, de planta quadrangular, organizavam-se em torno de dois pátios, e desenvolviam-se em três pisos. A 24 de Dezembro de 1573, foi celebrada a primeira missa na igreja. Nesse mesmo ano o Convento de Nossa Senhora da Estrela recebeu os restantes frades, também eles provenientes de Braga. (2)

Contudo, a vida desta casa religiosa foi alvo de grandes alterações a partir do ano de 1615. A construção de um novo convento beneditino na cidade de Lisboa, em São Bento da Saúde, um local mais acessível, levou à redução do Convento de Nossa Senhora da Estrela a colégio e casa de estudo para o noviciado. (3)

(1) RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo, *Lisboa. Jardins, Parques e Tapadas*, Lisboa: M. Costa Ramalho, Coleção Guia de Portugal Artístico, 1935, p. 33.

(2) Ver, sobre este assunto: IGESPAR, *Igreja e antigo Convento de Nossa Senhora da Estrela, actual Hospital Militar Principal*, disponível em <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/9899767>>. Acesso em 01 de Junho de 2013.

(3) Idem, ibidem.

ESTRELA
PÁGINA 70

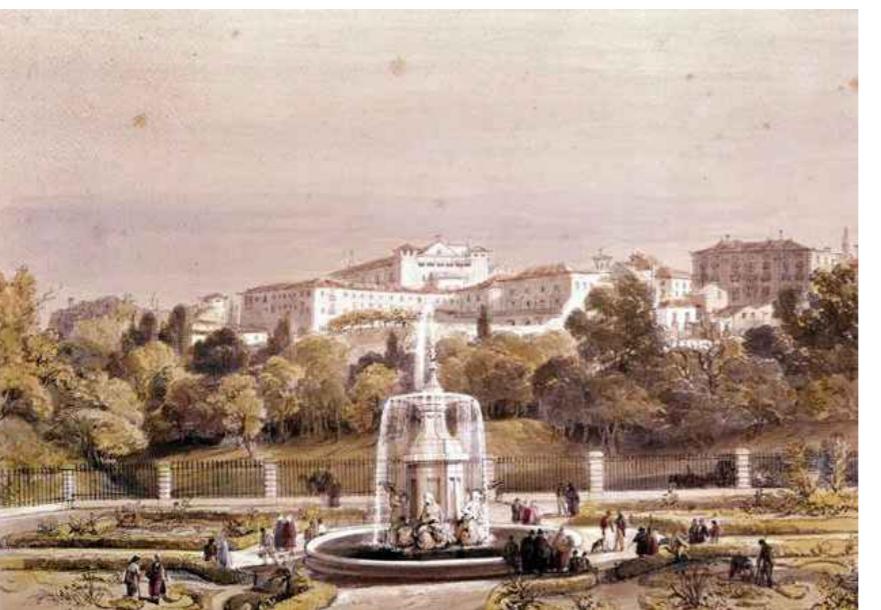


IMAGEM 25 - PASSEIO PÚBLICO DE LISBOA. 1830.

No entanto, em 1797, o convento viu modificada a sua vocação inicial. De certa forma antecipando a extinção das ordens religiosas que apenas ocorreriam no século seguinte, o Convento de Nossa Senhora da Estrela passou para a posse do estado. Nesse mesmo ano, o convento recebeu o Hospital Militar da Corte que, desde 1624, esteve instalado no Convento das Janelas Verdes. (1) Desde então, e apesar de até 1834 residirem no convento alguns monges beneditinos, o edifício não mais deixou de albergar um hospital. Com a extinção das ordens monásticas, o convento passou a intitular-se Hospital Militar Permanente de Lisboa. Também por esta altura, parte dos terrenos da antiga cerca conventual foi adquirida por um particular: um território ocupado por hortas e pequenos casebres que rodeiam o convento passou a ser propriedade de António de Sousa Cruz. (2) Em 1842, e através de um leilão judicial, a Câmara Municipal de Lisboa adquiriu estes terrenos com a intenção de criar um jardim público para a população da cidade - um objetivo que surgiu na sequência das preocupações da câmara em dedicar mais auxílio e cuidado aos seus jardins e à arborização de avenidas e arruamentos. (3) Os jardins que existiam na cidade nesta altura eram, na sua maioria, privados, e por isso reservados a classes mais favorecidas. O Passeio Público, quase um século depois do seu aparecimento, carecia de uma alternativa. Assim, por iniciativa de António Costa Cabral e com o apoio da rainha D. Maria II, a Câmara Municipal de Lisboa avançou com a construção do Passeio da Estrela.

(1) Ver, sobre este assunto: EXÉRCITO, Historial do Hospital Militar Principal, disponível em <http://www.exercito.pt/sites/HMP/Historial/Paginas/default.aspx>. Acesso em 01 de Junho de 2013.

(2) RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo, op. Cit., p. 33.

(3) BRAGA, Pedro Bebião, Jardim da Estrela (Guerra Junqueiro) 155 anos, GEO, disponível em http://www.j-lapa.pt/site/pagina.asp?nome=jardin_estrela. Acesso em 01 de Junho de 2013.



IMAGEM 26 - JARDIM DA ESTRELA NO SÉCULO XIX

O contributo real passou pela cedência de Jean Bonnard, o jardineiro responsável pela conceção do Jardim das Necessidades e de vários jardins da cidade. Depois de dar nova vida ao velho Passeio Público, o mestre-jardineiro foi chamado a um novo desafio. Bonnard tem agora a responsabilidade de criar um novo passeio público numa área de cerca de quatro hectares e meio. Em colaboração com o jardineiro João Francisco e o arquitecto Pierre Pézérat, foi desenvolvido o projecto para o Jardim da Estrela. Em conjunto desenharam um projecto que, aproveitando os acidentes naturais do terreno, respondia a todas as imposições e não apresentava a monotonia dos antigos jardins ou alamedas de recreio. (1)

A obra teve início ainda no ano de 1842. Todavia, devido à instabilidade política que se vivia em Portugal, a construção do jardim não decorreu serenamente e com continuidade. As obras estiveram paradas entre 1844 e 1850, ano em que foi retomada a ideia do Passeio da Estrela. Com o importante apoio financeiro de Joaquim Manuel Monteiro, um rico capitalista português residente no Brasil, as obras de engradeamento e plantação foram retomadas. (2)

Inaugurado a 3 de Abril de 1852, o Passeio da Estrela foi o segundo grande espaço público ajardinado que surgiu na cidade de Lisboa. Retractando a vivência da Lisboa romântica, constitui um espaço que oferecia à população um recinto onde podia «gozar de horas de repouso, em cenário agradável, próprio a devaneios do espírito e do coração». (3) Implantado no centro do bairro da Estrela, um dos pontos mais altos da cidade, o jardim não seguia o traçado ortogonal do Passeio Público. Apresentava um desenho de jardim à inglesa, paisagista, que reflectia as correntes internacionais da época. O relevo era aproveitado para criar recantos, grutas ou pequenas elevações dotadas de amplas vistas panorâmicas. Ao mesmo tempo todo o espaço era percorrido por alamedas sinuosas e ornamentado com lagos, uma vistosa cascata, estufas, quiosques e um elegante pavilhão chinês. (4) A inovação desta obra ficou patente numa descrição de 1872, onde o jardim é caracterizado como «de risco moderno, sendo habilmente aproveitados os acidentes do terreno, desprezando-se a simetria dos antigos jardins, que apresentam uma perspectiva monótona. Este jardim tem uma montanhesinha artificial de onde se gozam lindas vistas. Considero-o o primeiro dos jardins públicos de Lisboa». (5)

(1) Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 142.

(2) Idem, ibidem.

(3) RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo, op. Cit., p. 33.

(4) BRAGA, Pedro Bebianno, op. Cit.

(5) BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 142.



IMAGEM 27 - Entrada principal do Jardim da Estrela

ESTRELA
PÁGINA 75

Entre as atrações iniciais do Passeio da Estrela, figurava uma montanha russa. Construída em 1870, constituía uma novidade para o pacato meio de Lisboa. As estufas também reuniam a empatia da população: nelas existia um encantador mundo vegetal que fascinava quer pela beleza, quer pela quantidade de espécies que nelas se cultivavam. Aqui existiam milhares de pequenas plantas que iam enriquecer os canteros da Estrela assim como os dos restantes jardins de Lisboa. Porém, o famoso leão da Estrela era o maior atrativo do jardim. Doado por Paiva Raposo por volta de 1871, o leão foi trazido numa viagem de exploração a Angola feita pelo colonial. (1) Com o crescimento da vegetação, este terreno foi-se transformando num agradável jardim com muita sombra, enquanto foi sendo enriquecido com novos elementos originários de outros locais. Um dos exemplos emblemáticos deste procedimento é o coreto, que veio da Avenida da Liberdade para substituir o pequeno coreto em madeira que ali existia.

Com a demolição do Passeio Público, em 1897, a popularidade do Passeio da Estrela aumentou significativamente. A antiga cerca conventual encontrava-se então embelezada com «alguns lagos, imitando escrupulosamente a natureza, uma soberba cascata, a que só faltava, para produzir mais pitoresco efeito, maior lencol de água, elegantes quiosques, estufas, pequenas e airoso fontes e um grande pavilhão de aparatoso risco». (2)

O Passeio da Estrela estava na moda até finais do século XIX, inícios do XX, dando lugar a festas e concertos que muitas vezes se prolongavam até à noite. Constituiu um agradável retiro lisboeta, frequentado pela elegância bairrista e por felizes grupos de crianças. (3)

Por esta altura, surgiu um projeto de prolongamento da Avenida Álvares Cabral através do Passeio da Estrela. No entanto, a contestação da população de Lisboa não permitiu que esse plano destruisse o jardim mais vivido da cidade.

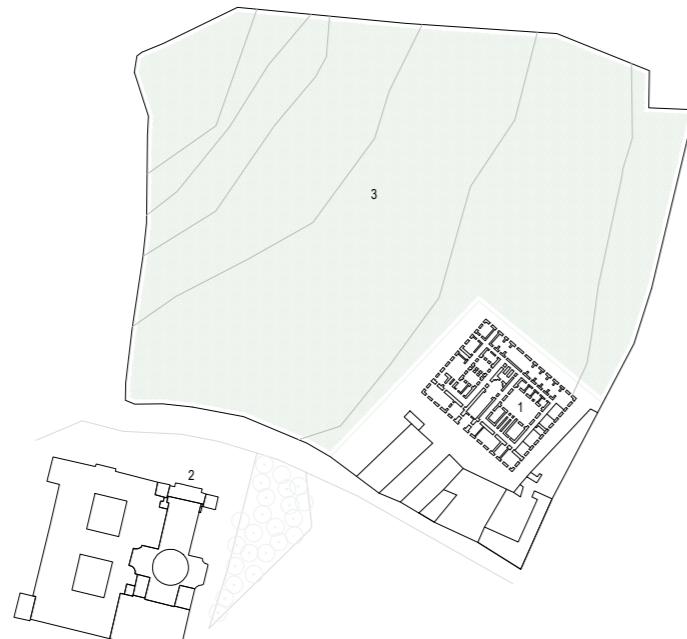
(1) Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 142-143.

(2) Idem, ibidem.

(3) Ver, sobre este assunto: idem, ibidem, p. 142.

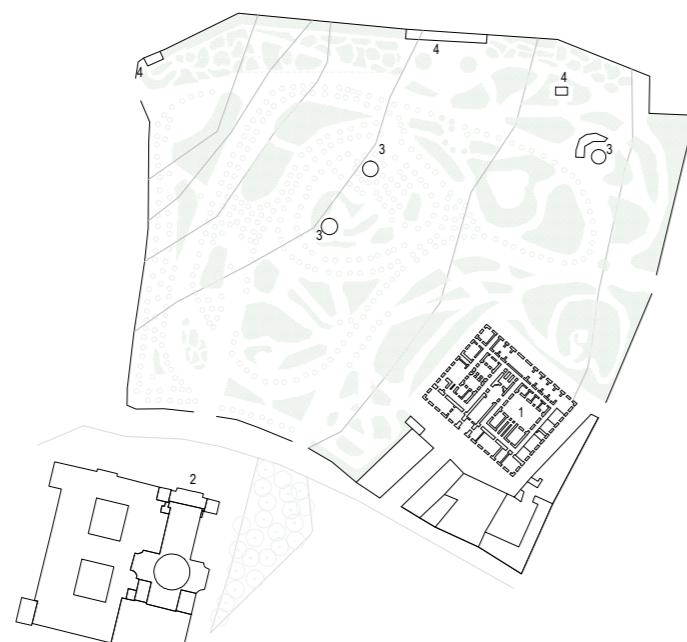
(4) Idem, ibidem, p. 144.

ESTRELA
PÁGINA 76



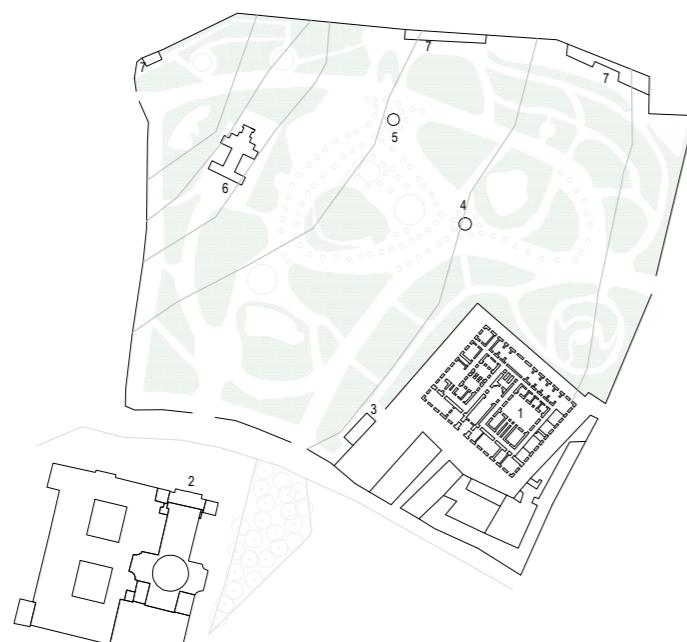
ANO 1742

1-Convento de Nossa Senhora da Estrela 2-Basilica da Estrela 3-Terrenos Agrícolas



ANO 1856

1-Convento de Nossa Senhora da Estrela 2-Basilica da Estrela 3-Quiosques 4-Estuás



ANO 1911

1-Convento de Nossa Senhora da Estrela 2-Basilica da Estrela 3-Apoio Jardim 4-Quiosque 5-Coreto 6-Pavilhão 7-Estuás





IMAGEM 28 - Biblioteca do Jardim da Estrela

ESTRELA
PÁGINA 79

O sucesso do Passeio da Estrela levou a que, no final do século XIX, este passasse a ser considerado um jardim, ou seja, um lugar de estada. (1) Utilizado, no seu inicio, como um espaço para passear, percorrer e ser descoberto, a partir desta data, passou a ser usado essencialmente como um lugar de estar pela população da cidade de Lisboa.

Contudo, a sua utilização inicial acabou por ditar a composição do espaço. Suprimidos os altos muros da antiga cerca conventual, o jardim passa a ser delimitado por um gradeamento de ferro forjado, que deixa transparecer para o exterior o seu espaço interior. Como é comum nos jardins gradeados, a entrada é feita directamente por portões de correr que interrompem o gradeamento. Ao ser perceptível o interior do jardim a partir do exterior, não existe a necessidade de haver espaços intermédios - espaços que filtrem a entrada e revelem progressivamente o jardim, como acontece nos jardins murados.

De planta pentagonal, o Jardim da Estrela é ladeado por quatro ruas que permitem o acesso ao seu interior. (2) Com a sua entrada principal em frente à Basílica do Coração de Jesus, o jardim abre outros portões para as Ruas da Estrela, de São Bernardo e de São Jorge. Estes acessos ligam pontos-chave do Bairro da Estrela, conferindo-lhe uma maior unidade.

A entrada efectuada a sul é a mais imponente. Encarando a Basílica do Coração de Jesus, dois portões de ferro abrem portas para o interior do jardim. A presença da basílica, em conjunto com o maior desafogo permitido pela presença do Largo da Estrela, fazem desta entrada o acesso principal. (3) As outras três entradas, estrategicamente implantadas, estão no enfiamento de três ruas: a Nascente, no enfiamento da Rua de Santo Amaro, a Norte, no da Avenida Pedro Álvares Cabral, e a Poente, no da Rua da Estrela. A estratégica implantação dos pontos de entrada, assim como o desenho dos seus caminhos, tornam o Jardim da Estrela um elemento agregador. (4)

O Jardim da Estrela apresenta-se como um espaço pensado para se passear, para se ir descobrindo à medida que se percorre. No seu interior, para além dos grandes percursos que relacionam as entradas no jardim, existem também percursos mais curtos e sinuosos. Estes caminhos contrapõem os percursos principais e oferecem espaços mais íntimos. A vivência destes percursos é estimulada pela presença de elementos como o coreto, a biblioteca ou a cafetaria, que surgem pontualmente no jardim.

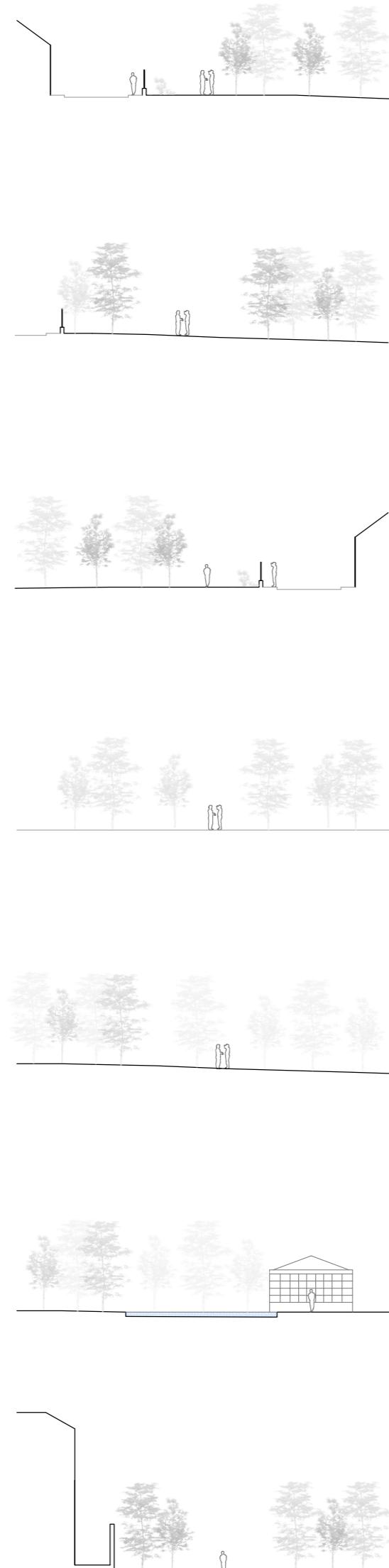
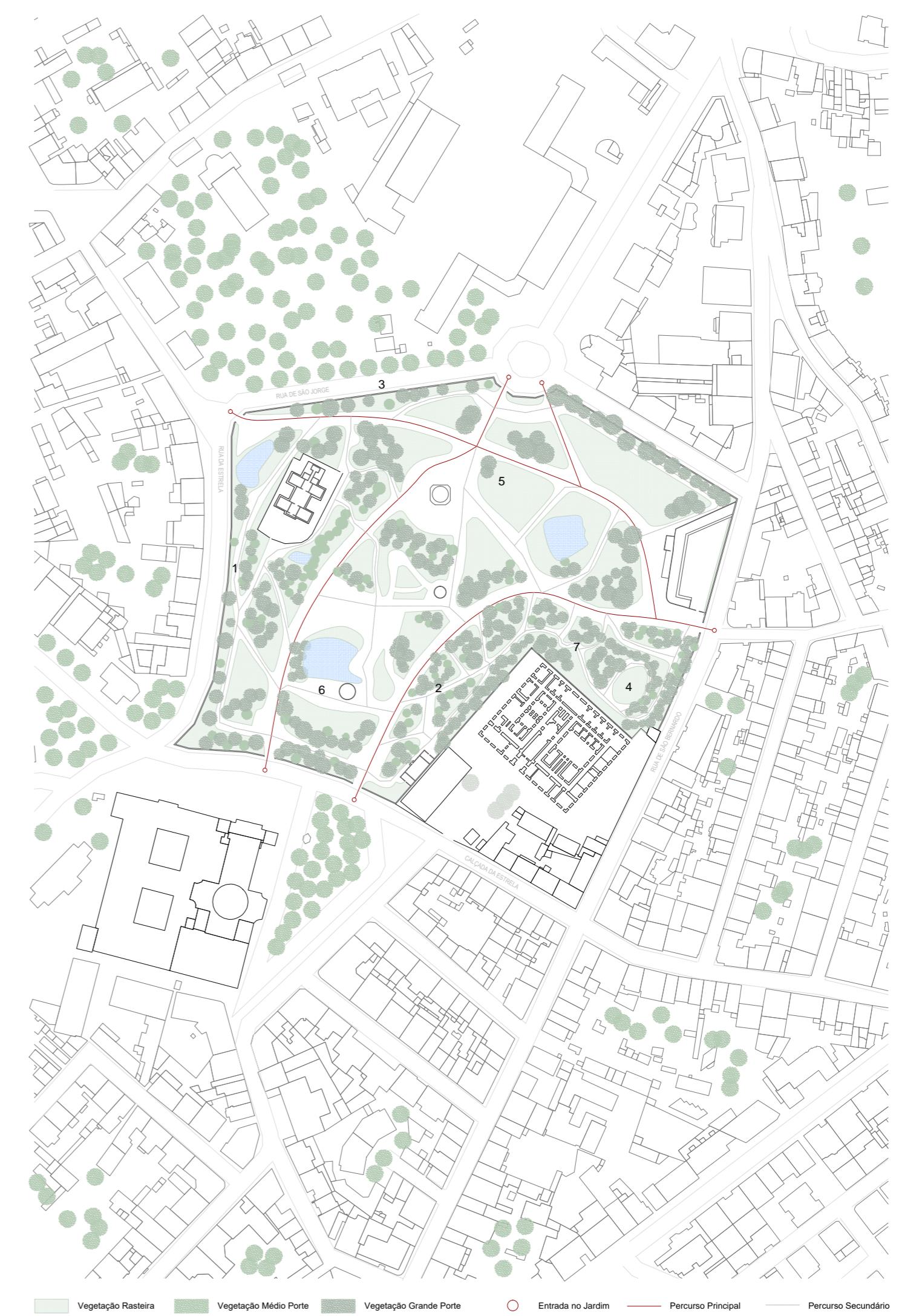
(1) Ver, sobre este assunto: BRANCO, Cristina (coord.), op. Cit., p. 143.

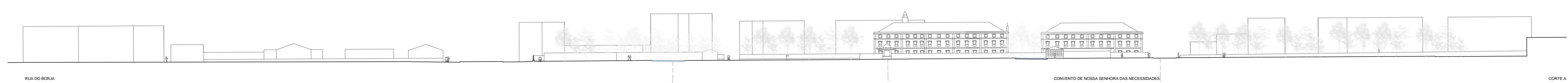
(2) O Jardim é limitado a Sul pela Calçada da Estrela, a Nascente pela Rua de São Bernardo, a Poente pela Rua da Estrela, e a Norte pela Rua de São Jorge.

(3) Ver, sobre este assunto: RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo, op. Cit., p. 33.

(4) Ver, sobre este assunto: BRAGA, Pedro Bebiiano, op. Cit.

ESTRELA
PÁGINA 80

ESTRELA
PÁGINA 81ESTRELA
PÁGINA 82

ESTRELA
PÁGINA 83**Coreto**

O Coreto localiza-se a norte do Jardim da Estrela. Implantado no centro de uma praça delimitada por vegetação, este elemento proporciona um momento de estadia a quem percorre o jardim. Este espaço, de maior exposição solar, acolhe diversos eventos ao longo do ano.

**Lago**

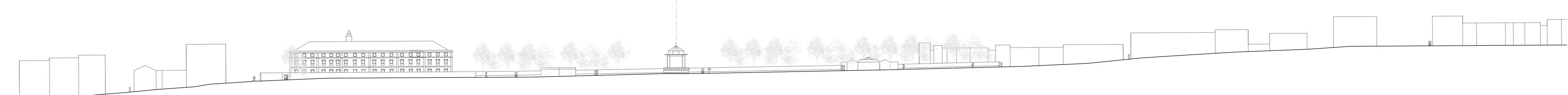
Este lago situa-se a norte do jardim. Associado a uma área verde, este espaço de água oferece um agradável momento de contemplação a quem passeia no jardim.

**Biblioteca**

A Biblioteca da Estrela está implantada no centro do jardim. Este espaço, de planta pentagonal, possibilita um momento de leitura à população do jardim. A sua explanada permite ler um livro enquanto se contempla a paisagem envolvente.

**Acesso**

A entrada efectuada junto ao Convento assume-se como o principal acesso ao jardim. Encarando a Basílica da Estrela, dois portões de ferro abrem portas ao interior do jardim. A presença da basílica, em conjunto com o maior desafogo permitido pelo Largo da Estrela, acentua a importância desta entrada.

ESTRELA
PÁGINA 84

Resistindo à pressão urbana, as cercas do Convento de Nossa Senhora das Necessidades e do Convento de Nossa Senhora da Estrela, assumem-se como importantes espaços verdes de Lisboa. Perdurando como jardins públicos, o Jardim da Tapada das Necessidades e o Jardim da Estrela encontram-se hoje em áreas bastante consolidadas da cidade. Apesar das diferenças entre os jardins, ambos representam uma mais-valia para os bairros em que se inserem.

Subsistindo por motivos diferentes, os dois jardins apresentam tipologias distintas. O jardim das Necessidades, que se manteve privado até ao ano de 1911, perdura como um jardim murado e preserva a essência de espaço de permanência. Nele os edifícios e os espaços verdes formam um conjunto que oferece diferentes momentos de estadia. Por sua vez, o jardim da Estrela foi reconvertido e pensado como espaço público em 1852. Perdendo o limite murado, o seu perímetro é agora delimitado por um gradeamento. Revela-se um jardim que, apesar de oferecer alguns espaços de permanência, assume essencialmente um carácter de percurso. Por intermédio de vários atravessamentos, o jardim liga pontos estratégicos do bairro da Estrela, fortalecendo a sua unidade.

No entanto, o Jardim da Tapada das Necessidades é o espaço que melhor preserva a essência do denominado jardim português. Um jardim composto por vários subespacos, capazes de harmonizar o cultivo e o lazer. Um conjunto que proporciona espaços mais para se estar do que para se percorrer. (1) O jardim das Necessidades revela um espírito que privilegia a permanência e a existência de sombra, ao invés dos grandes percursos de passeio. Na procura desses atributos, este modelo de jardim inclui e baseia o seu desenho na edificação. Dessa forma, componentes como bancos, namoradeiras ou espaços de fresco são elementos frequentes no Jardim da Tapada das Necessidades.

(1) Ver, sobre este assunto: CARAPINHA, Aurora, op. Cit., pp 203-208.



IMAGEM 35 e 36 - AMBIENTE DO STADPARK, HAMBURGO
E DO JARDIM DE ALHAMBRA, GRANADA

Por sua vez, o Jardim da Estrela, apresenta-se como um espaço exclusivamente de recreio. Um jardim concebido com a intenção de substituir o Passeio Público de Lisboa e que por isso apresenta um carácter distinto. Contrariamente à vivência do jardim português, o Jardim da Estrela apresenta-se como um espaço pensado para se passear, para se descobrir à medida que se percorre.

As características de um jardim aparecem intimamente ligadas ao clima e à cultura do país em que se inserem. O jardim português, para além de habilmente combinar a produção com o recreio, apresenta um conjunto de elementos que reflectem a forma impar como se vive e fui este espaço. Altos muros, bancos, alegrates, pérgolas e casas de fresco definem-se como elementos de um espaço sobretudo de estar.⁽¹⁾

Estes elementos construídos são uma resposta às condicionantes climáticas do mundo mediterrânico. Um clima «que determina durante grande parte do ano uma atmosfera serena, luminosa e pura [...] é também responsável pela temperatura elevada, pela forte luminosidade, pela grande insolação e pela carência de chuvas que caracterizam o nosso verão e que entram por vezes pelos meses do Outono.»⁽²⁾

Algumas condicionantes do clima mediterrânico comprometem uma vivência mais activa do jardim. Essa condição determina a construção de elementos de estar, oferecendo abrigo e frescura. Através destes espaços contempla-se, goza-se e percorre-se o jardim com o olhar. Contudo, esta não é uma particularidade única do jardim português, uma vez que estas características climáticas não ocorrem apenas em território nacional. Os lugares de permanência, como as casas de fresco ou os espaços cobertos, surgem num jardim sempre que estas condições se verificam.⁽³⁾ Aparecem, sobretudo, ligados à cultura mediterrânica, de que os jardins do Alhambra em Granada ou os jardins do Palácio el Badi em Marraquexe são admiráveis exemplares.

(1) Ver, sobre este assunto: CARITA, Hélder, op. Cit., p. 113.

(2) CARAPINHA, op. Cit., p. 343.

(3) Ver, sobre este assunto: idem, ibidem, p. 344.

JARDIM PORTUGUÊS
PÁGINA 89

IMAGEM 37 e 38 - OS PERCURSOS DO JARDIM DA QUINTA DO GENERAL, BORBA

No entanto, «o que é específico do jardim português, no quadro europeu, é a permanência destes vocábulos arquitectónicos ao longo do devir estilístico, a sua localização no traçado do jardim e o seu tratamento decorativo.»⁽¹⁾ Em Portugal, ainda são vastos os jardins onde se podem encontrar elementos construídos. Isso verifica-se, por exemplo, no Jardim da Quinta das Torres em Azeitão, no Jardim da Quinta da Ribafria e no Jardim da Quinta da Penha Verde em Sintra, no Jardim do Palácio Fronteira em São Domingos de Benfica, no Jardim da Quinta do General em Borba ou no Jardim do Paço em Vila Viçosa.⁽²⁾

Uma análise destes jardins permite perceber o fraco protagonismo dos caminhos na sua organização. Os percursos surgem, geralmente, definidos por razões de ordem prática e funcional. Prendem-se mais com as actividades do jardim do que com princípios teóricos. Mas isso não implica que assumam um papel secundário na qualidade espacial ou na vivência destes espaços. Apesar da sua origem utilitária, a forma como são tratados, quer a nível decorativo, quer a nível arquitectónico, transforma-os em encantadores locais de estadia:⁽³⁾

«Este fraco protagonismo do sistema de caminhos, em si, e a forte presença de elementos como caramanchões, casas de prazer, bancos, alegrates, pérgolas [...] que lhe estão associados, entendemo-lo como resultantes da forma como o português frui o jardim: goza-o e experimenta-o, mais estando do que percorrendo-o.»⁽⁴⁾

A forma mais passiva de vivenciar o jardim português, reflecte-se no desenho do seu espaço, que privilegia determinadas vistas ao invés de uma multiplicidade de cenários que surgem à medida que se percorre. Este modo de usufruir do jardim proporciona a construção de espaços intimistas, de fresco e de contemplação.

(1) CARAPINHA, Aurora, op. Cit., p. 344.

(2) A escolha destes exemplos teve por base o livro *Traçado da grandeza dos jardins em Portugal*, de Hélder Carita por se considerar que nesse trabalho já havia sido feita uma escolha cuidada dos principais jardins de Portugal.

(3) Ver, sobre este assunto: CARAPINHA, Aurora, op. Cit., p. 342.

(4) CARAPINHA, Aurora, op. Cit., p. 343.



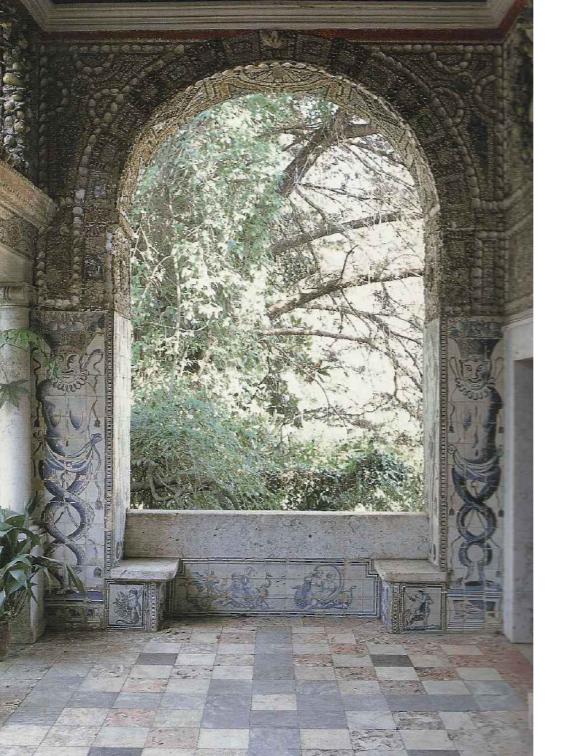
JARDIM PORTUGUÊS
PÁGINA 91



IMAGEM 39 e 40 - CASA DE FRESCO DO JARDIM DA QUINTA DAS TORRES
E DO JARDIM DA QUINTA DA BACALHOA, AZEITÃO

O jardim português assume-se assim como um lugar mais construído, onde casas de fresco ou de prazer, geralmente associadas a espaços de água, proporcionam momentos de frescura. A água surge constantemente associada a estes espaços, tanto pela presença de tanques, como de pequenas fontes. Para além da presença da água, o azulejo é também um elemento muito utilizado nas casas de prazer pelo ambiente fresco que proporciona. (1) Em Azeitão, no jardim da Quinta das Torres, a casa de fresco é um espaço circular implantado no centro do grande tanque. Um espaço de arcadas, cercado por água, no qual assenta uma cúpula que lhe proporciona a sombra desejada. Todo ele construído em pedra branca, é acessível por um pequeno barco a remos. Através de dois degraus, que permitem atracar o barco, faz-se a transição para a casa de fresco. No seu interior encontra-se um lugar de sombra, ladeado por água, que contempla o jardim à sua volta. Também em Azeitão, mas na Quinta da Bacalhoa, a casa de fresco volta a estar associada a um grande tanque. De planta rectangular, define um dos limites do espaço de água. Subdividida em três áreas, o acesso à casa de fresco é feito através do caminho, de tijoleira, que relaciona este espaço com a casa principal. Subindo dois degraus, e passando por de baixo de um arco, descobre-se o primeiro espaço. Um pátio, recortado por bancos e alegreiros, que através de um vão olha o jardim. A partir desse pátio, oferece-se a possibilidade de entrar no primeiro dos três torreões da casa de fresco. De forma quadrangular e revestidos a azulejo, proporcionam o contacto directo com o grande tanque. O torreão situado ao centro possibilita ainda, através de um degrau semicircular, atracar um pequeno barco a remos, permitindo disfrutar de belos passeios. A interligar os três torreões surgem dois espaços de arcadas. Igualmente revestidos a azulejo, abrem-se sobre o grande tanque, tendo como pano de fundo o jardim. Em Vila Viçosa, no jardim do Paço Ducal, a casa de fresco implanta-se no remate do Jardim do Bosque. Um espaço que se encontra novamente relacionado com a água. Contudo, essa afinidade não é tão grande como nos casos anteriores. A entrada para a casa de fresco, articulada por um tanque, é feita para um espaço coberto. De planta oval e revestido a azulejos, este espaço permite contemplar o jardim. Através de um olhar, filtrado pelo tanque e pelas copas das árvores, vislumbram-se os lugares percorridos para aqui se chegar. A partir deste espaço, descobre-se o pátio interior da casa de fresco. Um espaço rectangular, onde uma fonte no centro volta a introduzir a água. Caiaido a branco, o pátio revela-se um lugar bastante luminoso, contrastando com o ambiente mais dissimulado do espaço interior.

(1) As casas de fresco, ainda hoje, perduram nos jardins portugueses. Exemplos disso são o Jardim da Quinta da Bacalhoa, o Jardim da Quinta das Torres, o Jardim do Palácio Fronteira e o Jardim do Paço de Vila Viçosa.

JARDIM PORTUGUÊS
PÁGINA 93IMAGEM 41 e 42 - NAMORADEIRAS DO JARDIM DA QUINTA DA BACALHOA, AZEITÃO
E DO JARDIM DO PAÇO DUCAL, VILA VIÇOSA

Os bancos e namoradeiras são elementos igualmente frequentes nestes jardins. Espaços de repouso e contemplação que surgem ao longo de percursos ou em posições estratégicas, de forma a aproveitar sombras ou vistas especiais. (1) Em São Domingos de Benfica, no jardim do Palácio de Fronteira, evidencia-se a namoradeira que se encontra junto à entrada da capela. Integrada num espaço coberto, oferece um momento de sombra. Sobre um arco de volta perfeita, revestido a azulejos, encontram-se dois bancos, frente a frente. Os assentos, em pedra esbranquiçada, oferecem um lugar de espera e de conversa enquanto se observa o jardim por entre o copado das árvores. Em Vila Viçosa, no jardim do Paço Ducal, as namoradeiras e os bancos assumem-se como elementos estruturantes do espaço. As namoradeiras surgem ao longo de todo o limite murado do jardim. Os assentos, recortados na espessura do muro, surgem associados a vãos que olham o Terreiro do Paço. Ao longo de todo o jardim, estes pontos proporcionam momentos de conversa e contemplação. Contudo, os bancos alongados desempenham um papel relevante na vivência deste jardim. Em conjunto com alegreiros, organizam o espaço do jardim, definindo o traçado dos diversos lugares. Os bancos, voltados sobre o espaço central, oferecem momentos de permanência. Sobre a sombra das copas das árvores, permitem o repouso, enquanto se aprecia o jardim.

Os espaços cobertos e arcadas, no jardim português, são também componentes habituais, lugares de contemplação sobre o jardim ou sobre o exterior. (2) Em Azeitão, no jardim da Quinta da Bacalhoa, a presença de espaços cobertos é uma constante. Para além de surgirem na casa de fresco, aparecem também com frequência na casa principal. Espaços de arcada, através dos quais se observa o jardim a partir de posições privilegiadas. Oferecendo proteção, essencialmente do sol e do calor, as áreas cobertas permitem percorrer o jardim com o olhar. Em Vila Viçosa, no jardim do Paço Ducal, surgem também algumas áreas cobertas. Um espaço de arcadas faz a transição da casa principal para o exterior, assinalando a entrada no jardim. Este espaço de sombra permite observar a extensão do jardim, revelando, ao fundo, a casa de fresco. Junto a esta, no topo de um percurso lateral, volta a surgir um espaço coberto. Um local resguardado, que funciona como varanda sobre o pátio da casa de fresco. Esta varanda serve também de remate à sequência de namoradeiras que surgem no jardim. Já em sombra, a posição da última namoradeira e a colocação de um vã no topo do caminho permitem desfrutar da paisagem exterior.

(1) Os bancos e namoradeiras surgem assiduamente nos jardins portugueses. Frequentes do Jardim do Paço de Vila Viçosa e do Jardim da Quinta do General, estes elementos surgem também no Jardim da Quinta da Bacalhoa e no Jardim do Palácio Fronteira.

(2) Os espaços cobertos aparecem com naturalidade nos jardins portugueses, dando resposta ao clima mediterrânico. Exemplos desses locais surgem no Jardim da Quinta da Bacalhoa, no Jardim do Palácio Fronteira e no Jardim do Paço de Vila Viçosa.

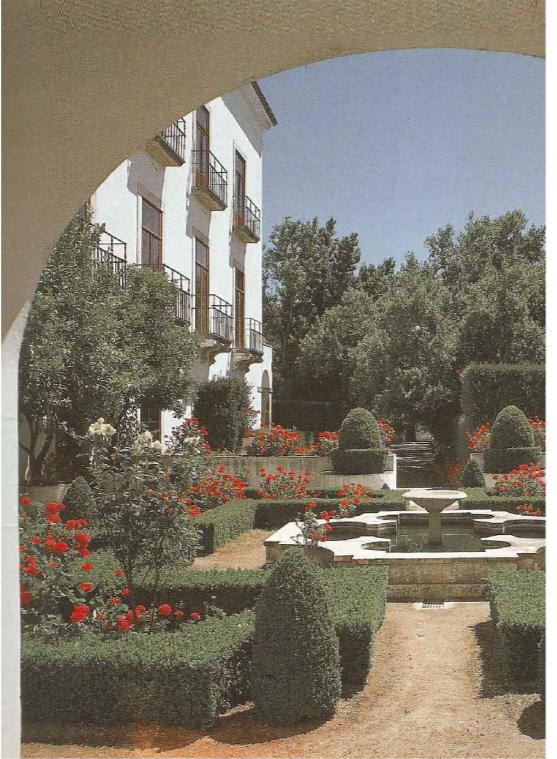
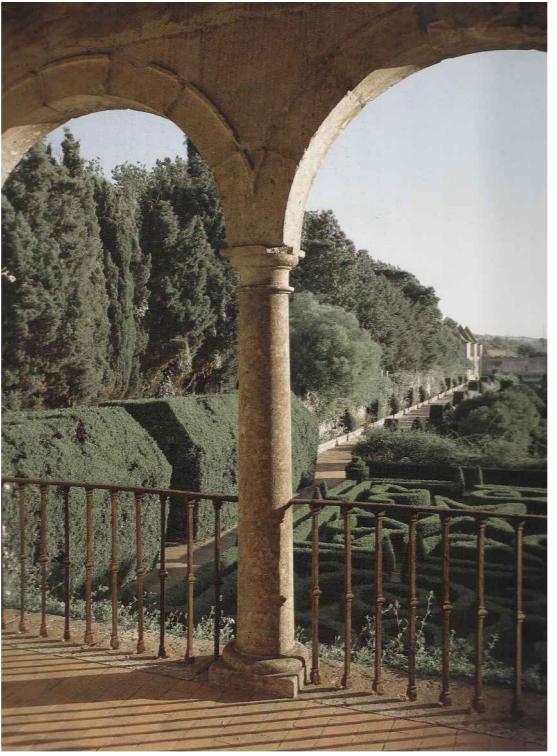


IMAGEM 43 e 44 - ESPAÇOS DE SOMBRA DO JARDIM DA QUINTA DA BACALHOA, AZEITÃO
E DO JARDIM DO PAÇO DUCAL, VILA VIÇOSA

JARDIM PORTUGUÊS
PÁGINA 95

JARDIM PORTUGUÊS
PÁGINA 96

Estes espaços de estar, aos quais geralmente está associada a frescura, a vista agradável e o intimismo, teimam em persistir nos jardins portugueses, potenciando a vivência destes lugares. «O regalo e o prazer a eles sempre associados estão intimamente ligados aos sentidos da visão e do tacto: ao panorama que dai se desfruta e à frescura que aí se colhe.» (1)

Pelo carácter de permanência destes jardins, a arquitectura assume um papel importante na sua vivência. Pensados, sobretudo, como lugares de estadia, os jardins portugueses continuam a acomodar diversas edificações. Casas de fresco ou de prazer, arcadas, varandas, bancos e namoradeiras são elementos que surgem com frequência nestes lugares e que se revelam preponderantes na forma mais passiva de viver estes jardins.

Em todas estas construções, o papel do arquitecto é relevante, uma vez que este se encontra capacitado para garantir a qualidade física de todos estes espaços e intervenções. Daí que não se possa dissociar o papel da arquitectura das intervenções nos jardins portugueses.

Assim, numa tipologia de jardim onde a arquitectura é protagonista, o arquitecto poderá ter um papel fundamental na sua concepção.

(1) CARAPINHA, op. Cit., p. 344.

03 ESTABELECIMENTO DE UMA HIPÓTESE DE INTERVENÇÃO NAS CERCAS DE LISBOA

I. A Cerca do Convento do Beato António como objecto de estudo

A cidade de Lisboa acolheu vários conventos e mosteiros que, apesar de actualmente desempenharem diversas funções, persistem na malha urbana da cidade. Em conjunto com as casas religiosas, as antigas cercas conventuais e monásticas que perduraram conservam-se como lugares verdes da cidade. Apesar de, na sua maioria, apresentarem hoje áreas bastante mais reduzidas, é com naturalidade que as cercas se convertem em jardins.

A maioria das cercas de Lisboa, absorvidas pela cidade, seriam dificilmente recuperáveis. (1) No entanto, na zona oriental de Lisboa, a situação é distinta. Trata-se de uma área da cidade que, com a revolução industrial e a partir do final do século XIX, é ocupada por fábricas e armazéns. O progresso industrial leva a que as fábricas necessitem de equipamentos maiores e, consequentemente, de áreas maiores para se instalarem. Esta evolução faz com que a indústria lisboeta se mude para os arredores da cidade, abandonando este território oriental.

Nesta zona da cidade, perduram ainda as velhas cercas do Convento de Santos-o-Novo, do Mosteiro da Madre Deus, do Convento de São Francisco de Xabregas, do Convento dos Grilos e do Convento do Beato António. Os espaços das antigas cercas, apesar de densamente edificados, vão sobrevivendo por serem espaços murados. Apesar de, em alguns dos casos, terem sido bastante reduzidas, as cercas de Lisboa oriental têm agora a possibilidade de serem recuperadas como espaços verdes da cidade. (2) Com a saída da indústria desta região, estas áreas passam a estar novamente disponíveis, e podem assumir-se como importantes espaços verdes, como elementos fundadores e estruturantes de uma nova organização urbana, que pode melhorar significativamente a qualidade de vida da população que aqui se instale, assim como da restante população de Lisboa.

(1) Importantes cercas conventuais e monásticas desapareceram no centro histórico e na zona ocidental de Lisboa. São os casos das cercas do Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso, do Mosteiro dos Jerónimos, do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora, do Mosteiro das Flamengas, do Convento dos Marianos, do Convento e Basílica do Coração de Jesus, do Mosteiro das Trinás do Rato, do Convento de Jesus, do Convento da Encarnação, do Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro e do Mosteiro de São Vicente de Fora.

(2) No caso da cerca do Convento de Santos-o-Novo a área murada passa de 4.3 hectares existentes no século XIX, para 0.3 hectares, no Convento de São Francisco de Xabregas de 5.3 para 1.2 hectares e no Convento dos Grilos de 7 para 1 hectare. O Mosteiro da Madre Deus e o Convento do Beato António mantiveram a área murada de 3.6 e 0.7 hectares, respectivamente.

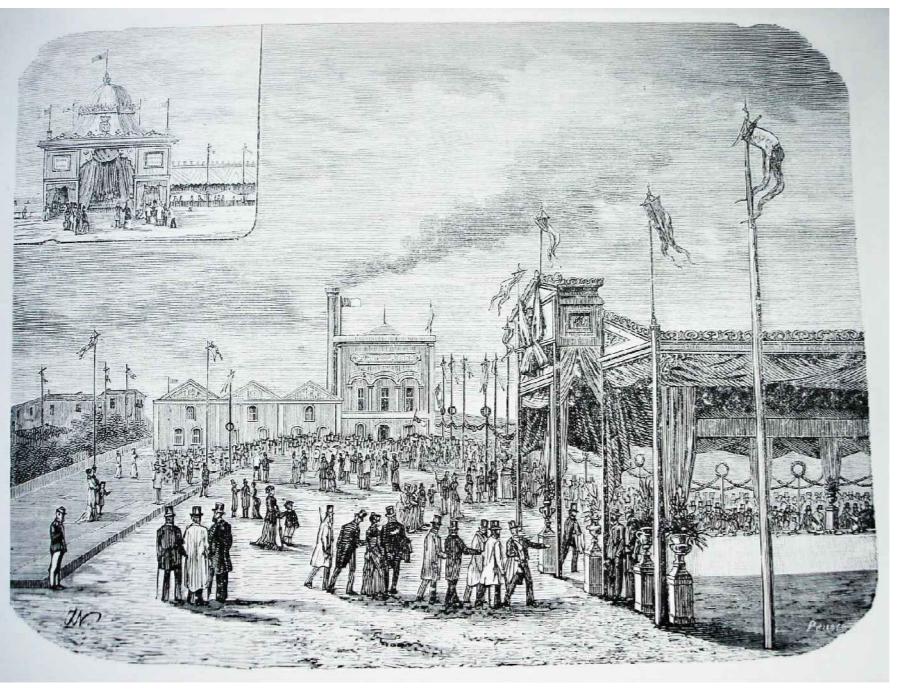


IMAGEM 45 - LISBOA ORIENTAL, 1880

Na procura de estabelecer uma hipótese de lógica de intervenção nas cercas da zona oriental de Lisboa, é proposta a recuperação da cerca do Convento do Beato António. Pretende-se assim, através do processo projectual, apontar uma solução para este tipo de espaços. Juntamente como o Convento do Beato António, actualmente restabelecido como espaço cultural, a recuperação da cerca conventual permitiria reaver um conjunto importante na regeneração desta zona de Lisboa.

Nesse sentido, pretende-se repensar a cerca do Beato António como uma área verde ao dispor da população Lisboeta. Reconhecendo as potencialidades da antiga cerca e a naturalidade na passagem destes locais a áreas verdes, é proposto um espaço de jardim público.

A frequente presença de elementos construídos, importantes para a organização espacial do jardim e para a procura de novos ambientes, privilegia a presença do arquitecto na criação destes espaços.

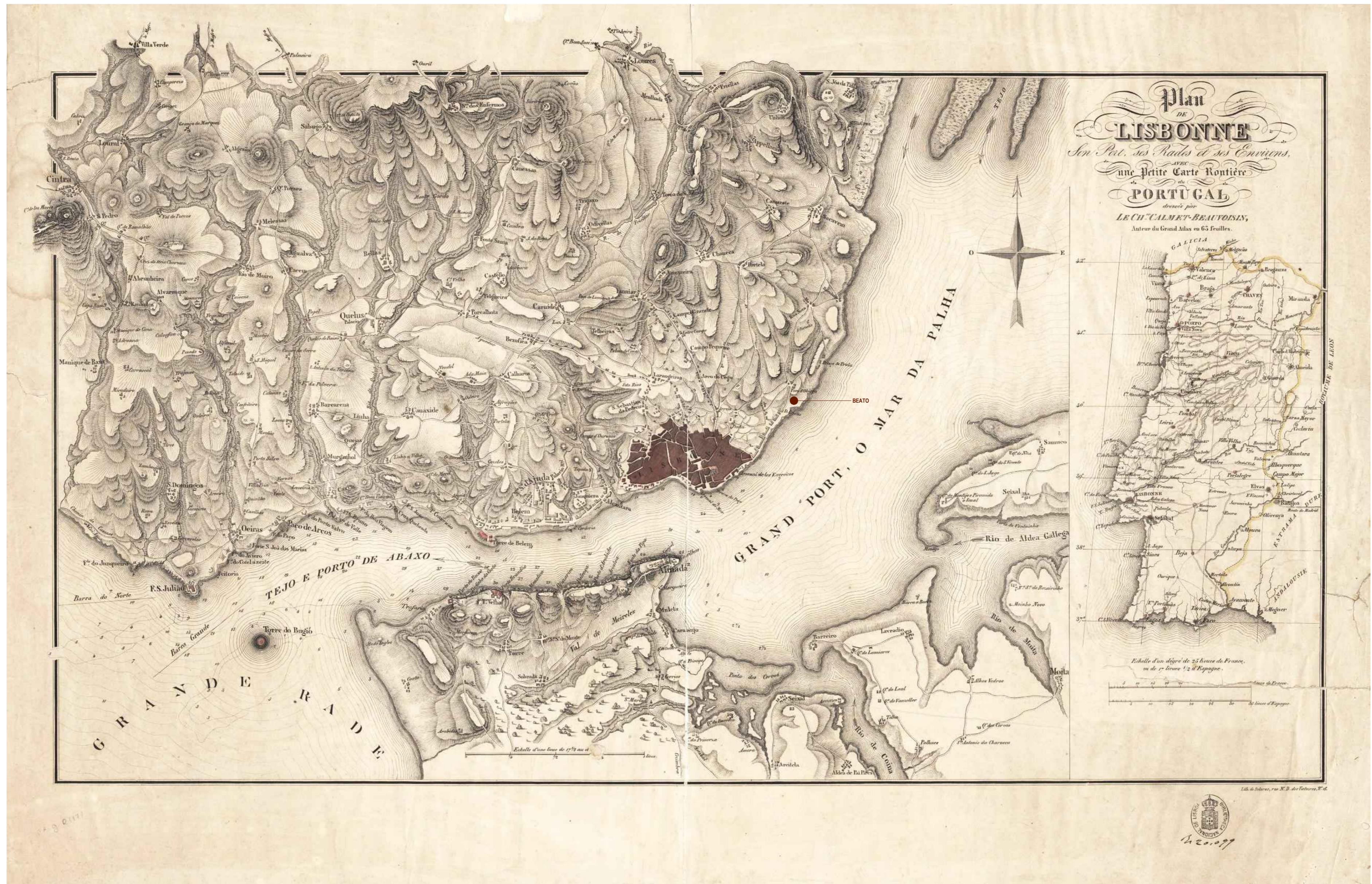


IMAGEM 46 - PLANTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA E ESTUARIO RIO TEJO

«Os campos, [...] com os seus mosteiros, caseavam-se também fora de muros. De resto, outros conventos e igrejas se ergueram no século XVI, poucos já dentro da cidade [...], vários não longe dela [...], outros mais distantes [caso do Convento do Beato António].»⁽¹⁾

José Augusto França em *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*

A cidade de Lisboa foi, em tempos, limitada a oriente pela pequena povoação do Beato António, a actual freguesia do Beato. Esta foi «considerada até ao século XIX como um arrabalde da cidade de Lisboa, [onde] a nobreza e o clero mandaram erger os seus palácios, conventos e mosteiros, beneficiando assim da calma e plenitude que por estes lados se faziam sentir.»⁽²⁾ A paisagem foi também engrandecida pela proximidade do rio Tejo, tornando-a um «local aprazível e privilegiado para o descanso dos fidalgos.»⁽³⁾

O Convento do Beato António, inicialmente denominado de Convento de São Bento de Xabregas, foi erguido no século XVI. Implantado no local de uma pequena ermida dedicada a São João Evangelista, também denominada por Congregação de São João Evangelista de Xabregas, Cónegos Seculares de São João Evangelista, também denominada por Congregação de São João Evangelista de Xabregas, Cónegos Azuis, ou ainda, Lóios. Fundada no início do século XV, esta congregação tinha como objectivo contribuir para a reforma do clero em Portugal. Apesar dos Lóios seguirem uma regra monástica, viviam em comunidade e faziam votos de religião que, no entanto, não tinham carácter perpétuo, havendo, portanto, maior liberdade para permanecer ou abandonar a congregação.⁽⁴⁾ Assumindo essencialmente funções de assistência e administração hospitalar, constituíram uma ordem religiosa com liberdade e contacto com a população. Isso levou a que os seus conventos fossem habitualmente implantados dentro das cidades.

(1) FRANÇA, José Augusto, *op. Cit.*, p. 21.

(2) FERREIRA, Paula Cristina, *op. Cit.*, p. 13.

(3) Idem, *ibidem*.

(4) FRANCO, José Eduardo, *Dicionário Histórico das Ordens, institutos religiosos e outras formas de vida consagrada católica em Portugal*, Lisboa, Gráfiva, 2010, p. 211.



IMAGEM 47 - «UM AGRICULTOR AS PORTAS DE LISBOA»

Em 1420, nos Olivais, perto de Lisboa, foram dados os primeiros passos da congregação em Portugal, por iniciativa do então médico da corte, João Vicente. Neste ano, a ordem dos Lóios instalou-se na Igreja dos Olivais. Mais tarde, em 1431, forçados a abandonar os Olivais, os Lóios acabaram por se instalar na Igreja de São Salvador, em Vilar de Frades. Com o apoio da família real e de muitos nobres do reino, a congregação rapidamente se expandiu pelo território português. Em pouco mais de cem anos, os Lóios fundaram nove casas, (1) tendo duas delas sido fundadas na cidade de Lisboa: o Convento de Santo Elói e o Convento do Beato António.

A pedido do Infante D. Pedro, os Lóios receberam, em 1442, o Hospital de Santo Elói. Imediatamente se instalaram nele, regressando assim à cidade onde a congregação teve origem. Em 1461, foi «dado aos cónegos [Lóios] o oratório de São Bento de Xabregas, para aí fundarem um [novo] convento», (2) garantindo assim o futuro da ordem na cidade de Lisboa.

A nova casa dos Lóios em Lisboa «nasce da devoção que ao apóstolo evangelista tinha a rainha D. Isabel.» (3) Foi a Rainha quem obteve autorização do Abade de Alcobaça, D. Estêvão de Aguiar, para mandar construir junto dela um hospício para a congregação dos Lóios. D. Isabel acabou por falecer em 1455, antes de dar início à construção do convento. Deixou no entanto em testamento fundos para que a obra se pudesse concretizar. D. Afonso V cumpriu o desejo da falecida rainha e doa, em 1461, o oratório de São Bento de Xabregas - com todos os seus edifícios, hortas, vinhas e oliveiras - aos Lóios. (4)

(1) Tratam-se dos seguintes conventos: Convento de São Salvador de Vilar de Frades (1431), Convento de São Jorge de Recião (1436), Convento e Hospital de Santo Elói de Lisboa (1442), Convento do Beato António (1462), Convento dos Lóios de Évora (1485), Convento dos Lóios do Porto (1490), Convento de Nossa Senhora da Assunção de Arraiolos (1526), Convento e Colégio de Coimbra (1548), Convento do Espírito Santo de Vila da Feira (1549). Ver, sobre este assunto: FRANCO, José Eduardo, op. cit., pp. 212-213.

(2) FRANCO, José Eduardo, op. cit., p. 212.

(3) D. Isabel, filha do Infante D. Pedro, mulher de D. Afonso V e Rainha de Portugal na época.

(4) Ver, sobre este assunto: *Convento do Beato 5 séculos de história, propriedade de a Nacional*, Lisboa, Julho de 1992.

(5) Doação confirmada pela carta escrita pelo rei D. Afonso V à congregação dos Lóios em 1461. Torre de Tombo, Convento de São Bento de Xabregas, Livro 12, fl. 9v.



IMAGEM 48 - LISBOA ORIENTAL ERA MARCADA PELA CONSTANTE PRESENÇA DE ESPAÇOS VERDES COM FUNÇÃO AGRÍCOLA E DE RECREIO

A escolha do lugar para implantar o novo convento obedeceu a critérios como a fertilidade dos solos, a exposição solar ou os recursos hídricos - a abundante presença de água foi fundamental -, procurando-se assim garantir as condições ideais para o cultivo dos terrenos agrícolas. A zona oriente de Lisboa - onde se encontrava o oratório doado -, era um dos lugares mais apetecíveis da cidade. A grande quantidade de hortas e pomares, bem como a proximidade e relação que estabelecia com o rio, garantiam a sustentabilidade e o recreio. A riqueza deste lugar ficou patente na descrição feita pelos frades Lóios à Companhia de Jesus:

«E ainda que a mudança nam foy pera sítio muito distante [...] por huma parte se pode dizer está fora da cidade [...] e por outra parte como fica muy proximo à cidade parece estar dentro della, e por isso a custo de pouco trabalho podem os moradores da cidade chegar à igreja e buscar os Padres do convento e tratar com eles.

Tem de mays o sítio ser muy acomodado pera nelle se lograr boa saúde, e com ella a recreação de boa vista que tem sobre a cidade, río e porto, gozando o prospecto das muitas naos que no ditto porto entram e delle sahem. E ficando como está dito o convento muy vizinho da cidade, possue huma cerca tam larga como poderá ter se estivera muy distante della, fazendoo mays estimável a conveniência da cerca ter nella huma fonte de agua que se deriva sem muito custo a prover o convento, circunstância que se nam acha em muitos de Lisboa.

Pagos com muita rasam os Religiosos das boas convivências que tinham achado pera fabrica do novo convento, buscaram arquitecto que lhe delineasse o edifício com tanto acerto que nam ouvesse occasiam depys de começada a obra conhære erros na traça della.»⁽¹⁾

Em 1507, apesar de encontrado o lugar ideal, o convento não estava ainda construído. Nesse mesmo ano, D. Pedro, irmão de D. Isabel, conseguiu que os frades terminassem os claustros e a construção da igreja com as rendas dos seus próprios bens. ⁽²⁾

(1) COMPANHIA DE JESUS. Colégio de São Francisco Xavier (Alfama, Lisboa), op. Cit., pp. 23-24.

(2) Ver, sobre este assunto: MATOS, José Sarmento - PAULO, Jorge Ferreira, op. Cit., p. 89.



IMAGEM 49 - «IR AS HORTAS AO DOMINGO E AS ROMARIAS ERAVAM DIVERTIMENTOS CONCORRIDOS»

A partir dos finais do século XVI, a história deste convento ficou intimamente ligada ao Padre António da Conceição. Muito querido pelos monarcas, o cardeal-infante residiu no convento entre 1570 e 1602. Beatificado no século XVIII, o Cônego António da Conceição ficou ligado à toponímia do Convento do Beato António, assim como à desta região, Sítio do Beato António. Ao beato «coube a tarefa da reedificação da envelhecidíssima igreja e ampliação do mosteiro, com João Ribeiro como mestre-de- obras.»

(1) Com apenas sete testões de esmolas, o Padre António da Conceição reuniu fundos suficientes para iniciar as obras de reconstrução em 1598.

O padre «ergueu o novo dormitório, com sumptuosidade e grandeza, e edificou de raiz a nova igreja, de maiores dimensões que a antiga e em diferente sítio, onde se levantava uma montanha de sete braças de altura em muitas partes, e em outras de menos, mas em todas de rochedo duríssimo [...] que daquele sítio tinham maior serventia para o mar [rio Tejo].» (2)

O projecto teve em conta que este era um local utilizado pelos frades que o iriam habitar, mas também pela população em geral:

«Pera que nada faltasse de conveniência à frontispício, e entrada deste convento antes de chegar a elle tem hum muy sufficiente recinto capaz de dar lugar a muitas carruagens, e o ditto recinto a que podemos chamar praça he cercado de muro com duas portas que dam largo lugar aos que querem chegar à convento podendo ficar de noite fechadas as ditas portas, das quaes huma olha pera o frontispício da igreja, e a outra fica a hum lado da frontaria olhando para o sul. E querendo sobr' para o pórtico da igreja se encontra alguma sobida que se vence com facilidade por beneficio de alguns degráos que se terminam em dous taboleyros, e depoys deles com mays poucos degráos se chega ao pavimento do pórtico da igreja [...]» (3)

(1) MATOS, José Sarmento, op. Cit., p. 89.

(2) Idem, Ibidem, pp. 89-90.

(3) COMPANHIA DE JESUS. Colégio de São Francisco Xavier (Alfama, Lisboa), op. Cit., p. 24.

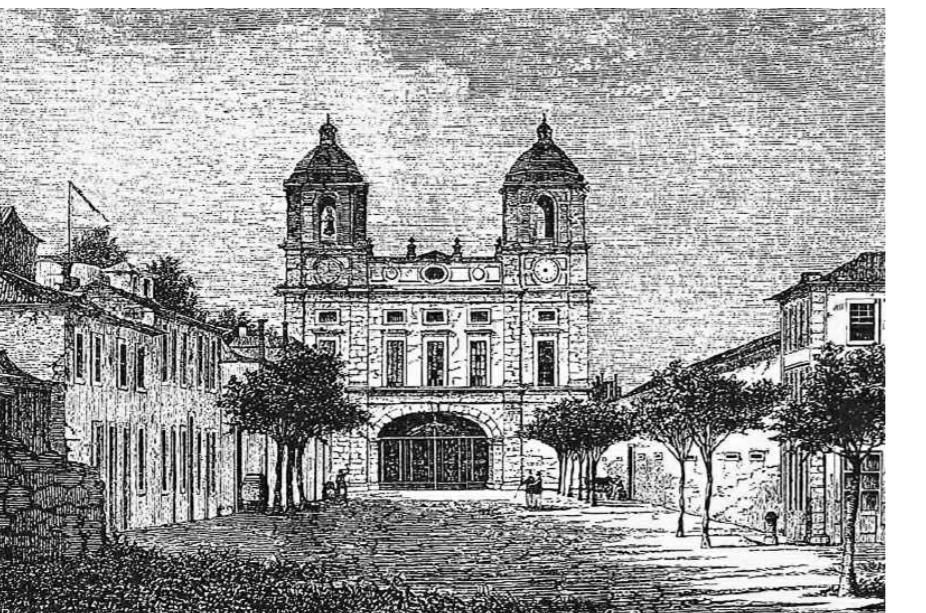


IMAGEM 50 - DESENHO DA CHEGADA AO CONVENTO DO BEATO ANTONIO, 1600

CONVENTO BEATO
PÁGINA 111CONVENTO BEATO
PÁGINA 112

O Convento do Beato António tinha ainda uma cerca conventual que compreendia vários hectares de terreno. Essas terras, cercadas por um muro, eram essencialmente agrícolas. Com o intuito de tornar o convento auto-sustentável, a cerca contava com uma pequena horta, um oliveiral, uma vinha, um pomar e um laranjal. Os frades do convento tinham ainda celeiros onde criavam animais - como ovelhas, vacas ou porcos - e que garantiam a sua alimentação.⁽¹⁾

Contudo, a cerca conventual não tinha uma função exclusivamente agrícola. Era também um local de recreio e meditação para os frades do Convento do Beato António. Na cerca «predominam os embrechados (mosaicos caprichosos, com seixos multicolores, conchas, cristais, adornos de gruta, entre outros), fazendo lembrar um chafariz de brutescos com invenções de levantar água.»⁽²⁾

Com o ano de 1755, Lisboa sofreu um grande terramoto que causou bastantes danos na cidade. No entanto, este acontecimento trágico não afectou o Convento do Beato António pois a «solidez do edifício conventual e da sua igreja evita danos graves.»⁽³⁾

O mesmo não aconteceu em muitos outros conventos da cidade, entre eles o Convento de Santo Elói. O Convento do Beato António recebeu então, temporariamente, os cónegos de Santo Elói, reforçando a importância deste conjunto na cidade e na congregação dos Lóios. Nesta altura, o edifício do convento acolheu ainda, numa das suas alas, o Hospital Real Militar, onde se instalou provisoriamente um batalhão do exército.

Em 1810, o convento sofreu um incêndio de grandes proporções, que inutilizou grande parte do edifício.⁽⁴⁾ Logo em 1834, com a revolução liberal, as ordens monásticas foram extintas em Portugal, o que levou os conventos e mosteiros a incorporarem novas funções. A extinção das ordens religiosas e a revolução industrial, que se fez sentir no século XIX em Lisboa, foram as principais causas para a alteração dos hábitos da população da freguesia do Beato.⁽⁵⁾ Uma região que se assumiu como um verdadeiro paraíso para o comércio e a indústria.⁽⁶⁾

(1) A composição dos terrenos da cerca conventual pode-se perceber através do livro de despesas e receitas de 1680 da Ordem dos Lóios no Convento do Beato António. Aqui são anotadas despesas relativas aos gastos que os terrenos agrícolas acarretam, como adubos para a horta, assim como despesas com celeiros de animais. Surgem também receitas relativas a venda de azeite e vinho. Arquivo da Torre do Tombo, Convento de São Bento de Xabregas, Livro 20.

(2) Junta de Freguesia do Beato, Património Histórico, Convento de São Bento de Xabregas ou Convento do Beato, disponível em <<http://www.jf-beato.pt/beato/patrimonio/>>. Acesso em 11 de Janeiro de 2013.

(3) PEREIRA, Luís Gonzaga, *Monumentos Sacros de Lisboa* em 1833, Lisboa, 1927, p. 91.

(4) Ver, sobre este assunto: PEREIRA, Luís Gonzaga, *op. Cit.*, p. 91.

(5) Ver, sobre este assunto: FERREIRA, Paula Cristina, *op. Cit.*, p. 15.

(6) O território do Beato foi um importante centro industrial da cidade de Lisboa. A indústria têxtil contribuiu para esse reconhecimento através da Fábrica de Tecidos Lisbonense (1838), da Fábrica de Fiação de Xabregas (1854) e da Fábrica de Tecidos Oriental (1888). A indústria de moagens teve também uma presença importante, através da Fábrica de Moagens de João de Brito, mais tarde denominada «A Nacional» (1836), assim como as estamparias, a indústria tabaqueira e ainda outras áreas de que são exemplos a Refinação de Açúcar (1853), a destilaria de aguardente J.M. Macieira (1856) ou a Sociedade Nacional de Sabão (1874). Ver, sobre este assunto: FÉLIX, Catarina, *Fábricas do Beato*, Lisboa: C.M., 2005.

«Os silos desertos e a proximidade com o rio, óptima via de comunicação para escoar mercadorias, tornam-se chamariz para a introdução da indústria que aqui foi cimentando raízes.» (1) Esta zona da cidade reúne condições para se tornar o principal centro industrial de Lisboa, hospedando sobretudo as grandes unidades da indústria pesada, como as refinarias. «Foi época de trocar a paisagem serena e limpida do rio e das paisagens campestres, pelo toque das sirenes das fábricas e pelas chaminés de tijolo, algumas delas ainda hoje existentes». (2)

Assim, os terrenos incluídos nas cercas conventuais foram sendo em grande parte ocupados pela construção de novos edifícios fabris, como foi o caso do conjunto do Convento do Beato António. (3)

Com o edifício em grande parte inutilizado, e com a extinção dos Frades Lóios, o Convento do Beato António e os seus terrenos são loteados e postos à venda. O empresário João de Brito adquiriu grande parte do edifício do convento, onde instalou uma fábrica de vapor de moagem de pão e bolachas, que viria a dar origem à actual «Nacional». (4)

A chegada da indústria a esta zona da cidade trouxe consigo algumas transformações. Os espaços verdes de recreio e lazer acabaram, com o tempo, por se perder. Por questões de facilidade ou necessidade portuária, os equipamentos industriais acabaram por ocupar as áreas ribeirinhas. Lugares como «pequenas docas ou caldeiras de protecção fluvial e dos cais acostáveis das quintas, muitas vezes erguidos sobre estacas de madeira, [ou] praias, que ainda serviram para banhos dos habitantes» (5) foram consumidos pelo desenvolvimento industrial que, através de aterros, tomaram terreno ao rio Tejo. Esse facto acabou por retirar ao Convento do Beato António uma das suas principais mais-valias, a relação visual e de proximidade com o rio Tejo. Por outro lado, perdeu-se também a relação com os pomares e hortas do território da cerca que passaram a ser propriedade da Quinta de Brito.

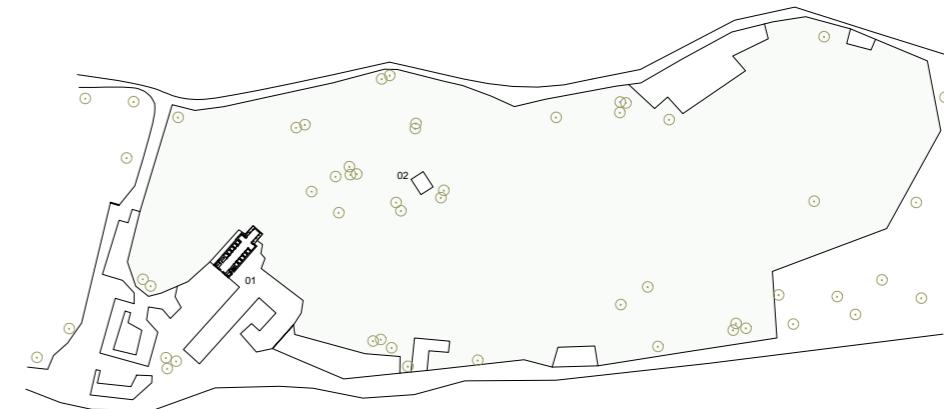
(1) FERREIRA, Paula Cristina, op. Cit., p. 15.

(2) Idem, ibidem.

(3) O Convento do Beato António foi utilizado pela Fábrica de Moagens de João de Brito. Na zona oriental da cidade de Lisboa também o Convento de S. Francisco de Xabregas albergou a Fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses e a Fábrica de Tabacos de Xabregas enquanto o Mosteiro da Madre Deus acolheu a escola industrial Afonso Domingues.

(4) DUARTE, Francisco Hipólito, *Beato de Prestígio Nacional*, Lisboa, O Independente, 5 de Julho de 1991.

(5) FOLGADO, Deolinda - CUSTÓDIO, Jorge, op. Cit., p. 16.



01 - Convento do Beato António 02 - Casa de Campo
ANO DE 1835 base de desenho - carta da linha de defesa da cidade de Lisboa



01 - Convento do Beato António 02 - Mirante 03 - Linha de Caminho de Ferro 04 - Cais
ANO DE 1856 base de desenho - carta felipe folque

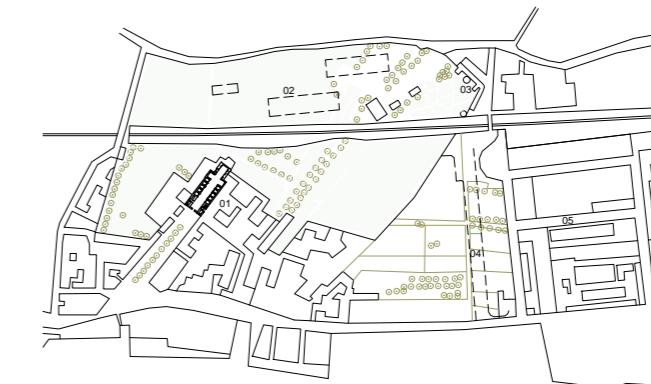
Com a nova realidade industrial, e uma vez que se tornou necessário hospedar os trabalhadores fabris, os pátios e vilas operárias começaram a surgir: «Assim, sobre um tecido rural composto por conventos e quintas de recreio [...] instala-se uma nova realidade urbana feita de fábricas, armazéns de comércio [...] a que naturalmente se juntam os equipamentos para habitação - vilas e pátios - necessários para albergar uma mão-de-obra em constante crescimento». (1)

Em 1856 é construído o caminho-de-ferro que deu origem à linha do Norte. (2) O seu traçado, implacável, atravessou o território da antiga cerca conventual, dividindo-o em duas partes. Mas a linha de caminho-de-ferro deixou ainda outra marca no território: um Mirante, construído para que, na inauguração da nova linha, o rei pudesse ver o primeiro comboio chegar a Lisboa.

Junto ao limite norte da cerca, a revolução industrial desta zona deixou mais uma marca no território do Beato. Com a necessidade de construir novos armazéns, foi feito um corte no terreno com o intuito de o aplinar. Esta intervenção deixa uma enorme ferida no território. Este aplanamento da encosta deixa a cidade e o rio separados por uma diferença de cota de vinte metros.

(1) MATOS, José Sarmento, op.Cit., p. 5.

2) Idem, ibidem.



01 - Convento do Beato António 02 - Edifícios SNS 03 - Quinta de Brito 04 - Novo Acesso 05 - Aplanamento da Encosta
ANO DE 1911 base de desenho - carta silva pinto



01 - Convento do Beato António 02 - Edifícios SNS 03 - Alargamento da Estrada de Marvila 04 - Aterro
ANO DE 1954 base de desenho - CML obra 9290 folha 21

Com a indústria a crescer, a Sociedade Nacional de Sabões - que se encontrava instalada em Marvila - aumenta as suas instalações. Assim, os seus proprietários adquiriram o antigo terreno da Quinta de Brito. (1) Após a aquisição deste terreno, a Sociedade Nacional de Sabões apresentou um projecto para a construção de três novos edifícios. Nesta proposta pedia ainda o consentimento para a criação de um novo acesso, (2) que permita atingir directamente a cota do rio, facilitando assim o transporte fluvial de mercadorias. Poucos anos depois do projecto ter dado entrada, os novos edifícios da Sociedade Nacional de Sabões encontravam-se construídos e em funcionamento. O novo acesso, no entanto, não avançou. (3) Com a proposta de acesso recusada, a aproximação às instalações não era fácil. Como as estradas são estreitas, foi proposto o alargamento da estrada de Marvila. (4)

No final do século XX, o território da antiga cerca encontrava-se redefinido por múltiplos factores e está agora repleto de construções industriais, perdendo-se por completo o carácter rural de outrora, que fez desta região uma das mais apetecíveis de Lisboa. (5) A Sociedade Nacional de Sabões já não existe, tendo as suas instalações sido demolidas.

O território da cerca do Convento do Beato António encontra-se assim desocupado, restando nele, no topo norte, o edifício da quinta e o mirante. Trata-se agora de um território dividido pela linha de caminho-de-ferro, separado do rio - tanto pelo aterro do porto de Lisboa, como pela diferença de cota.

Para além da perda de algumas das características que tornaram este lugar especial, a cerca perdeu também a relação com o convento que lhe deu origem, assim como com a sua função original, um espaço agrícola e de recreio para os frades.

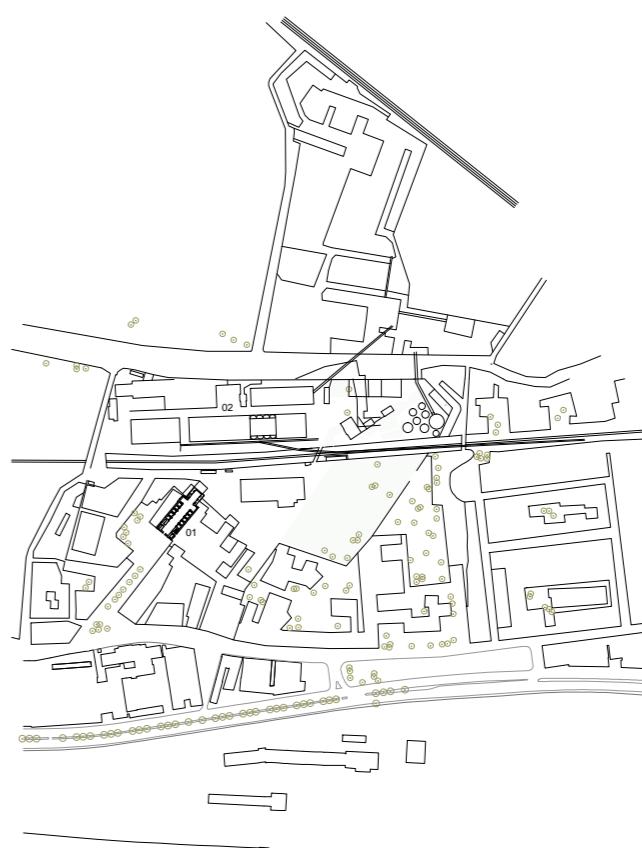
(1) FOLGADO, Deolinda - CUSTÓDIO, op. Cit., p. 131.

(2) Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 26671 - Proc 18016-DAG-PG-1948 - Sem Especialidade - Folha 17_001

(3) Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 26671 - Proc 45186-DAG-PG-1948 - Sem Especialidade - Folha 3_001.

(4) Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 9290 - Proc 15696-DAG-PG-1954 - Sem Especialidade - Folha 21_001.

(5) Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 26671 - Proc 2620-DMPGU-OB-1987 - Sem Especialidade - Folha 28_001.



01 - Convento do Beato António 02 - Edifícios SNS
ANO DE 1987 base de desenho - CML obra 26671 folha 28

Actualmente assiste-se a uma mutação da zona oriental de Lisboa. A saída da indústria para uma zona periférica possibilita uma nova ocupação desta área da cidade. Aberta a possibilidade de repensar este território, as antigas cercas conventuais sobrevivem como espaços abertos que, apesar do seu valor, se encontram agora completamente descaracterizados. A recuperação destes espaços como áreas verdes da cidade pode então ser relevante para uma melhor qualidade de vida e regeneração desta zona de Lisboa. (1) Com a realização deste projecto pretende-se não só restabelecer a vocação original da cerca, uma área verde de produção e recreio, como também reaproximar a cidade da zona ribeirinha. Compreendendo a evolução morfológica deste lugar, o projecto de arquitectura procura estabelecer uma continuidade com o que foi o passado da cerca conventual e desta faixa da cidade. Adaptando-se às condicionantes e necessidades do presente é proposta a recuperação da cerca como um jardim público de Lisboa.

(1) O Plano Director Municipal de Lisboa define a zona ribeirinha, a oriente da cidade, como um espaço a consolidar. Planeada uma ocupação habitacional e de recreio, é atribuída a esta área, na Planta de Ordenamento da Câmara Municipal de Lisboa, a função de Espaços Centrais e Residenciais e de Espaços Verde de Recreio e Produção.



ESTRUTURA ECOLÓGICA
Sistema Húmido Sistema Transição Estuário Espaços Verdes Eixos Arborizados

SISTEMA DE VISTAS
Sistema de Pontos Dominantes Sistema de Ângulos de Visão

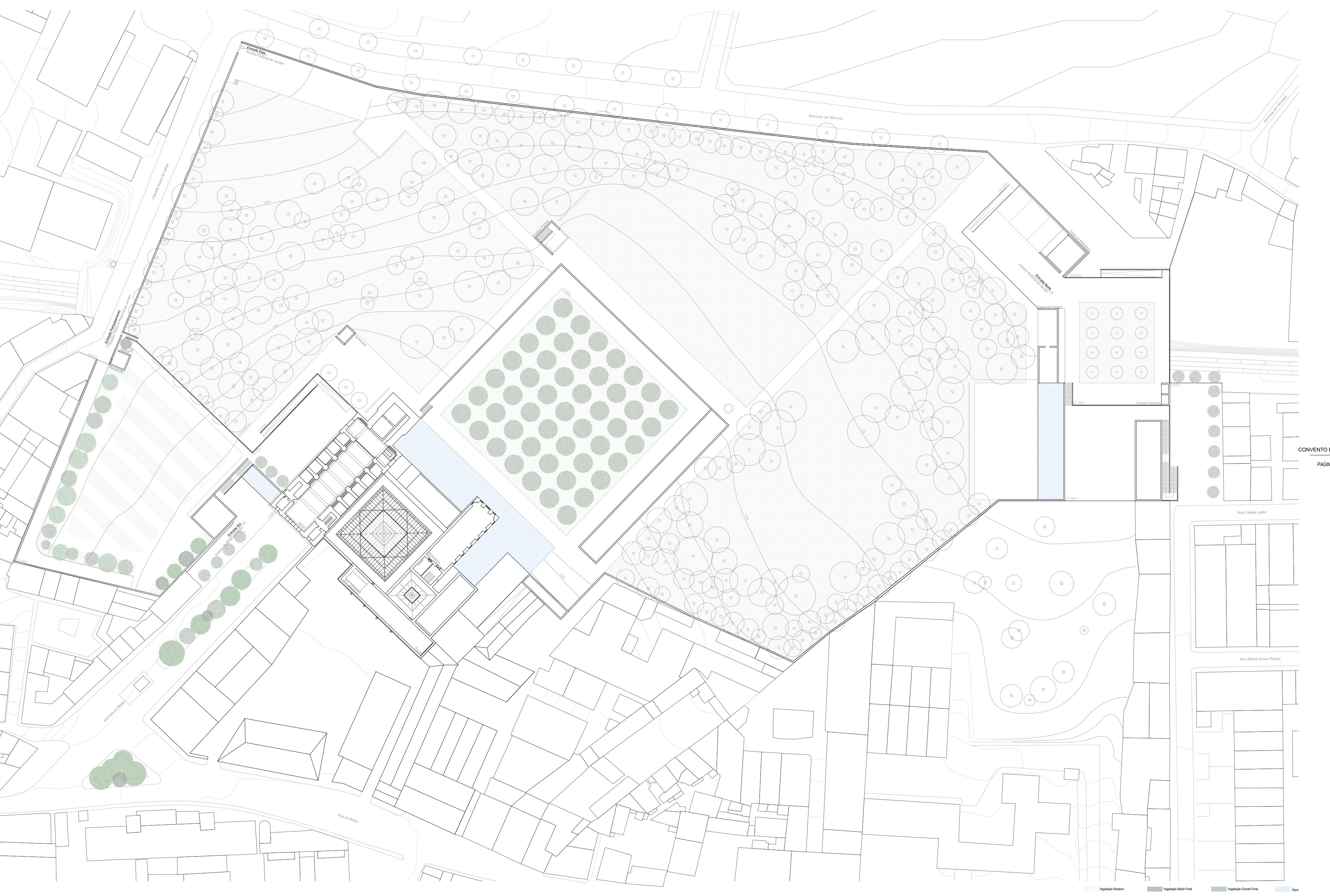
RISCOS NATURAIS E ANTRÓPICOS
Succedânea de Ocorrência de Movimentos de Massa em Vertentes (Muito Elevado) Ponto Máximo de Acumulação (Bacia entre 5 a 75ha)

CONVENTO BEATO
PÁGINA 123CONVENTO BEATO
PÁGINA 124

A cerca do Convento do Beato António, tem sido, ao longo dos tempos, submetida a diversas funções e práticas. Contudo, nos últimos anos, tem atravessado um período de acentuada degradação. Dessa forma, é evidente a descaracterização e falta de unidade deste espaço. Outrora, a cerca conventual abrangia vários hectares de vinhas e pomares que permitiam a produção e o recrio dos frades do Beato. Hoje, bastante deteriorado, este território encontra-se dividido a meio pela presença da linha do comboio. Com o intuito de reforçar a unidade do conjunto, pretende-se que a linha de caminho-de-ferro possa cruzar a cerca através de uma passagem subterrânea, permitindo assim restituir a plenitude do espaço.

Em sequência do estudo que permitiu uma compreensão do programa original deste território e da tipologia do jardim português, a proposta de reconversão da cerca em jardim público procura reinterpretar o passado deste lugar. Para tal, e aceitando a orientação do convento, o jardim é composto por duas áreas verdes distintas - uma mata e um pomar. Aceitando a topografia da encosta em que se insere, as árvores de maior porte cobrem a cota alta, enquanto o pomar é implantado na zona mais baixa do jardim, junto ao convento. De forma a estabilizar a cota a que é plantado o pomar, constrói-se um pátio. Esta estrutura, delimitada visualmente pelo convento e pela nova construção - um espaço de fresco -, assume uma posição central no espaço da cerca, permitindo relacionar diversos momentos do jardim.

A presença de uma linha de água, transversal ao jardim, dita a tipologia de árvores a serem plantadas. Desse modo, procura-se que ao longo desta se plantem espécies do sistema húmido ao passo que no resto do jardim são plantadas árvores do sistema seco. A passagem da linha de água neste território dita também a presença de um ponto máximo de acumulação de água, situado no limite Norte do convento. Nessa perspectiva, é proposto um grande tanque que, recolhendo essas águas, permitirá a irrigação do pomar proposto.

CONVENTO BEATO
PÁGINA 125

CONVENTO BEATO
PÁGINA 127

Apesar de inicialmente ter tido a função de servir os frades do Beato, a cerca hoje apresenta-se como um espaço independente do convento. Com a extinção das ordens monásticas, a nova função industrial a que o conjunto foi sujeito ditou o fim da união que existia entre o edifício e a cerca. Porém, actualmente, com a recuperação do convento como espaço cultural parece pertinente voltar a estabelecer essa ligação. Desse modo, deseja-se que o antigo acesso à cerca seja restituído. Alcançável a partir da praça de entrada do convento, a passagem por um túnel abobado revela um pequeno pátio quadrangular. Um espaço que serve de remate ao percurso interior proveniente do grande claustro. Articulando esses momentos, o pátio revela uma suave rampa. No topo dessa subida, o toque da cerca no convento é feito através de um arco que permite alcançar o jardim proposto.

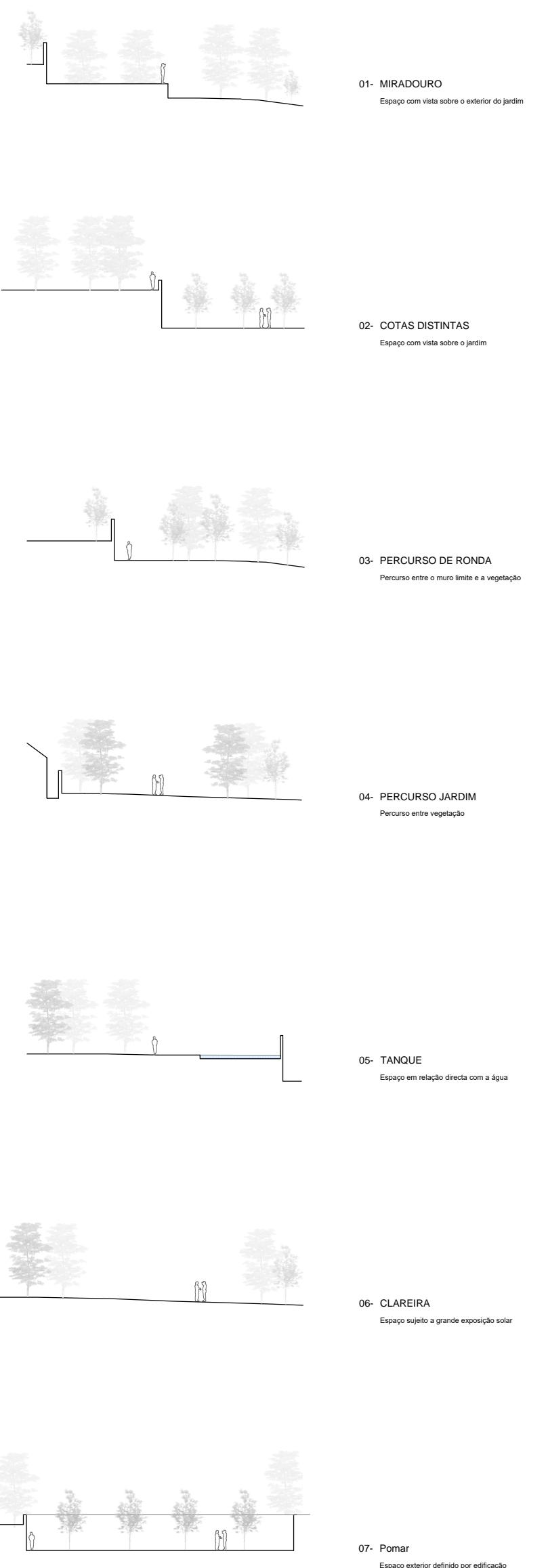
O limite da cerca conventual foi-se submetendo a um processo de sucessivos acrescentos, apresentando zonas bastante degradadas. Exemplo disso são as ruínas que hoje surgem no limite Sul, junto à igreja do convento. O seu estado está intrinsecamente ligado às diversas alterações a que este conjunto foi sujeito. De forma a dar resposta à função industrial, foram-se construindo novos anexos que recortam o espaço da cerca. Actualmente, com a saída da indústria desta área, essas construções encontram-se bastante danificadas. Essa condição contribui para uma leitura pouco clara do limite da cerca assim como da estrutura do convento.

Apesar de ter uma forma mais consolidada, o topo norte da cerca apresenta, também ela, uma indefinição no seu limite. A construção do edifício da quinta, hoje em ruínas, assim como as estruturas clandestinas que se adocam ao muro da cerca, dificultam a percepção deste remate. Acresce a esta indefinição, no topo norte, o descharacterizado pátio de Israel. Tendo sido construído neste local com o intuito de relacionar a área fabril com a área residencial, esta estrutura permite, através de uma escadaria, vencer a diferença de cota que separa as duas zonas. Actualmente bastante degradado, o pátio de Israel continua a revelar-se importante para a população do Beato. Para além de fazer a transição pedonal entre a cota habitacional e a cota ribeirinha, o pátio oferece uma agradável vista sobre o rio Tejo.



PLANTA DA CERCA DO CONVENTO DO BEATO ANTÔNIO - PROPOSTA

ESCALA 1.1000



CONVENTO BEATO
AGINA 129

PAGINA 129

01- MIRADOURO
Espaço com vista sobre o exterior do jardim

02- COTAS DISTINTAS
Espaço com vista sobre o jardim

03- PERCURSO DE RONDA
Percorso entre o muro limite e a vegetação

04- PERCURSO JARDIM
Percorso entre vegetação

05- TANQUE
Espaço em relação directa com a água

06- CLAREIRA
Espaço sujeito a grande exposição solar

07- Pomar
Espaço exterior definido por edificação

03- PERCURSO DE RONDA
Percorso entre o muro limite e a vegetação

04- PERCURSO JARDIM

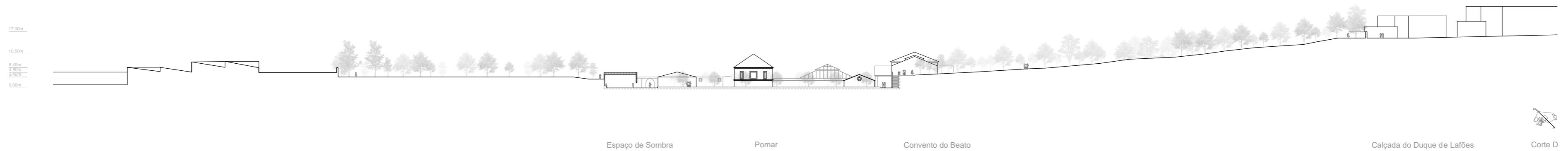
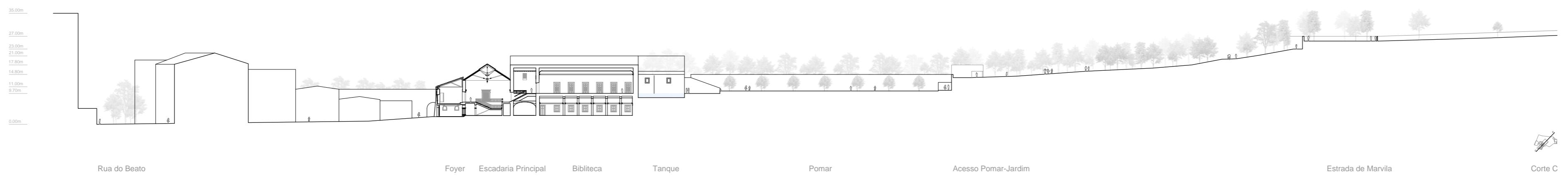
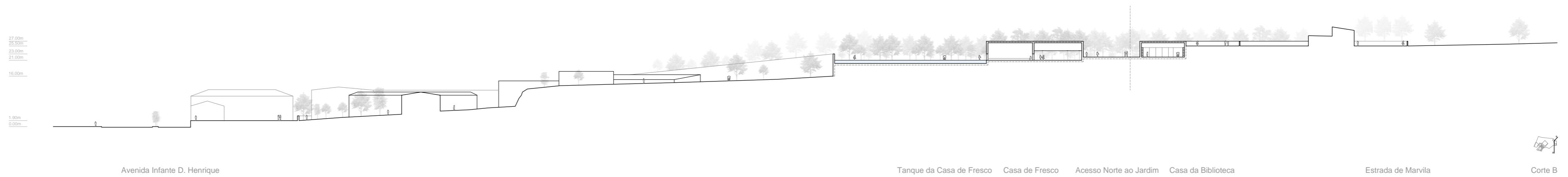
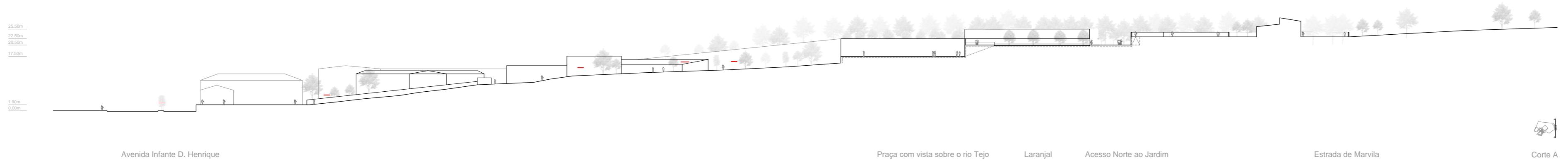
05- TANQUE

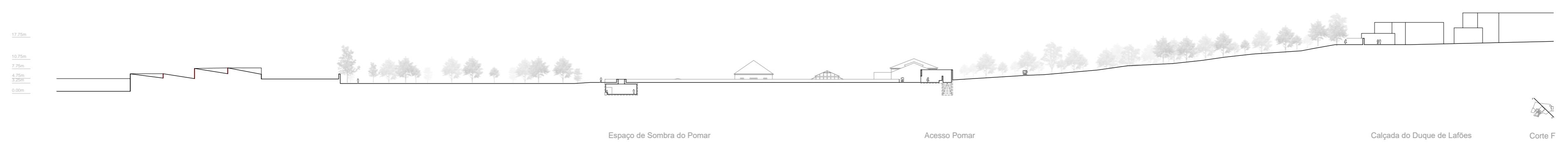
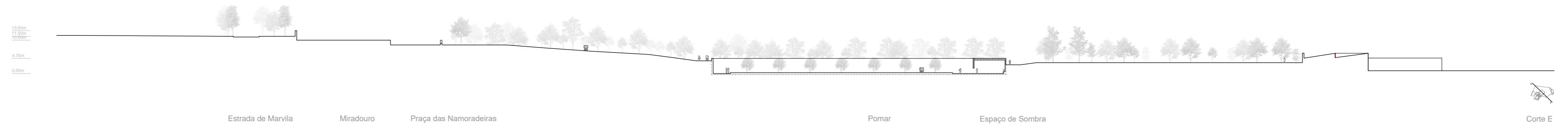
06- CLAREIRA

Espaço sujeito a grande exposição solar

07- Pomar

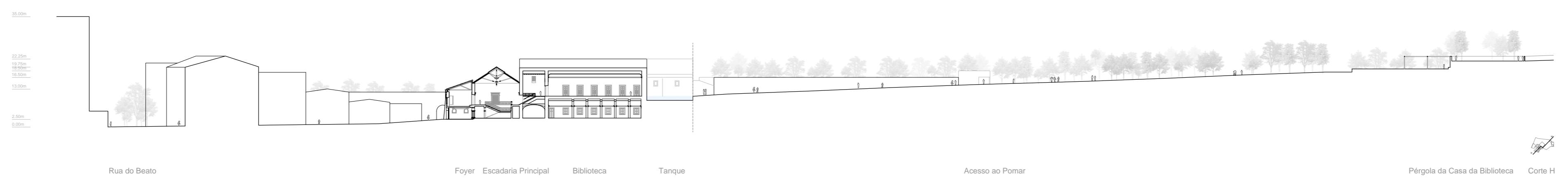
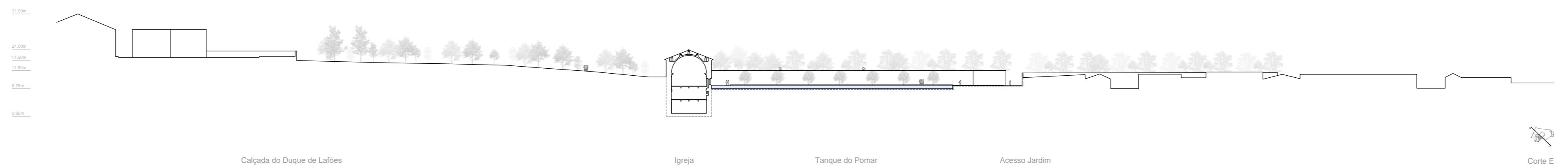


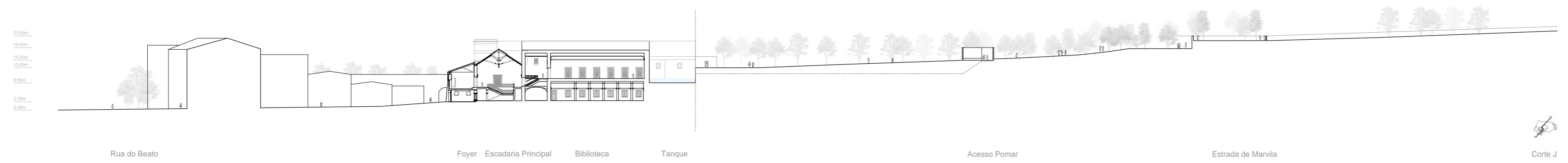
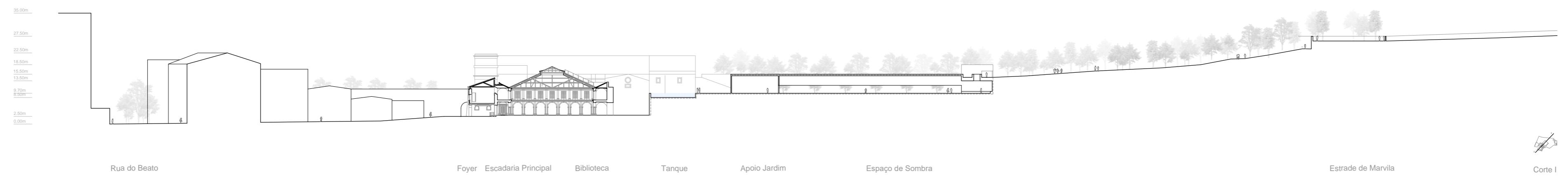




CONVENTO BEATO
PÁGINA 133

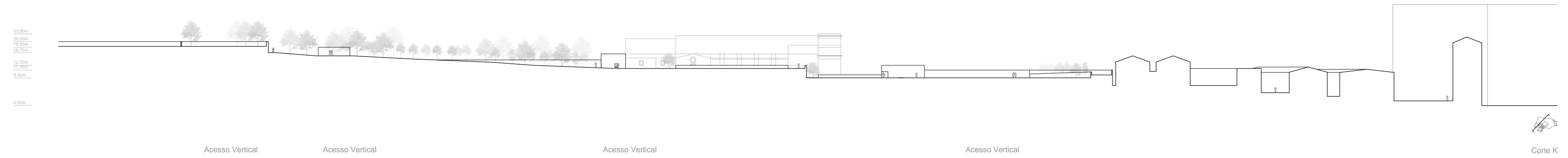
CONVENTO BEATO
PÁGINA 134





CONVENTO BEATO
PAGINA 135

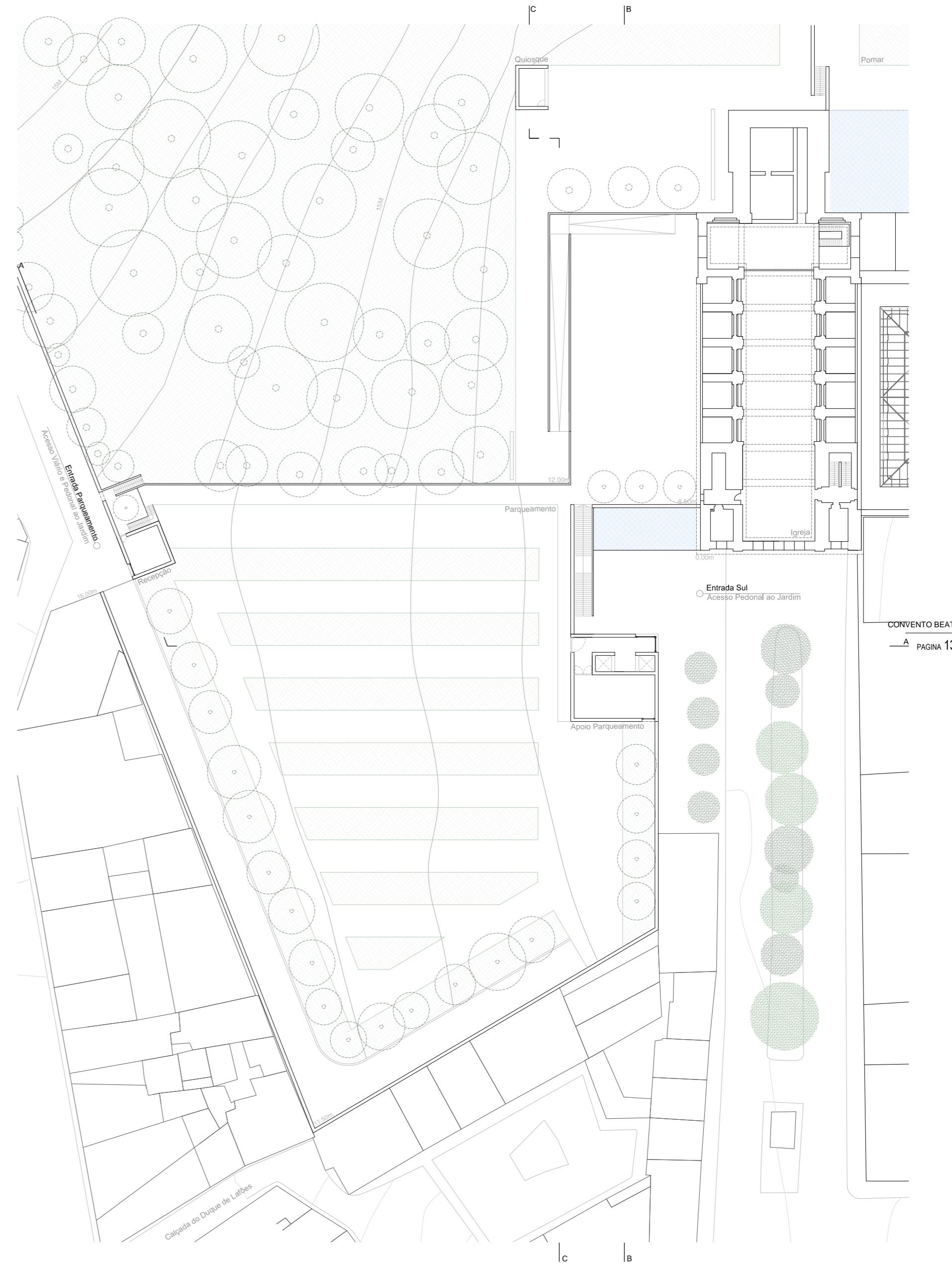
CONVENTO BEATO
PAGINA 136

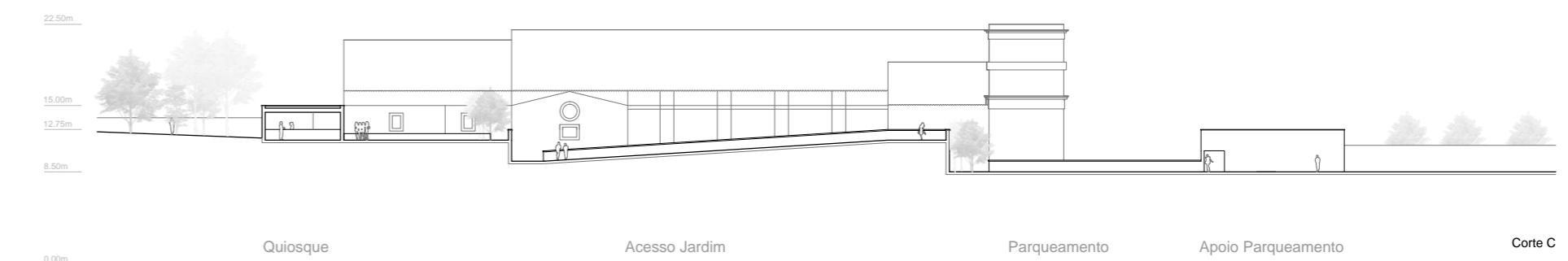
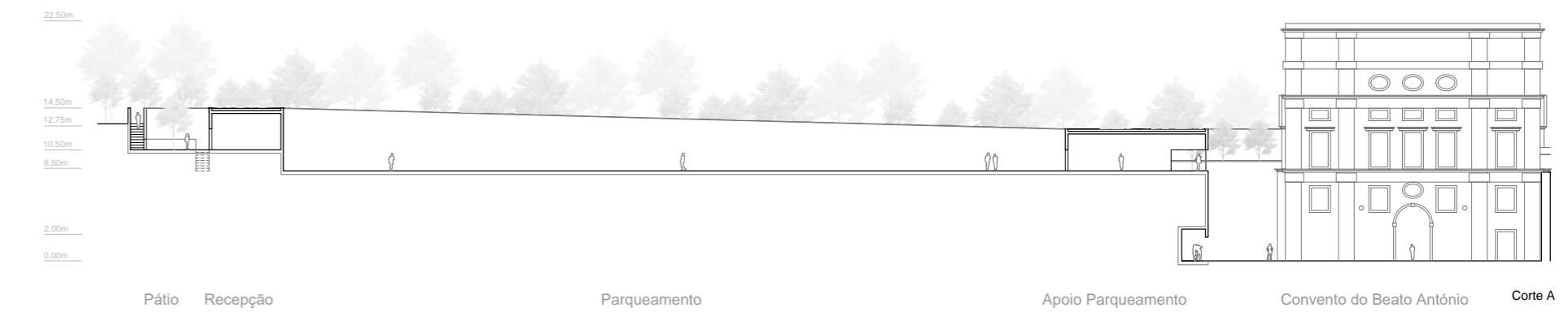
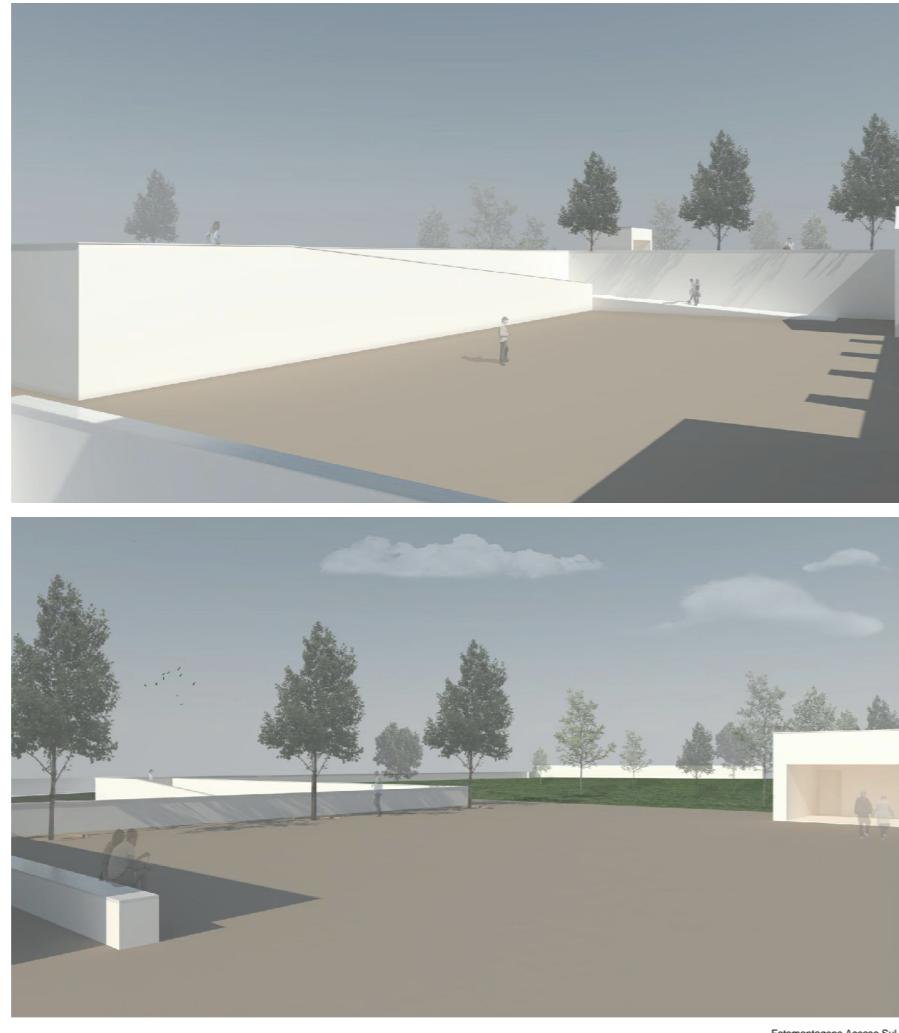


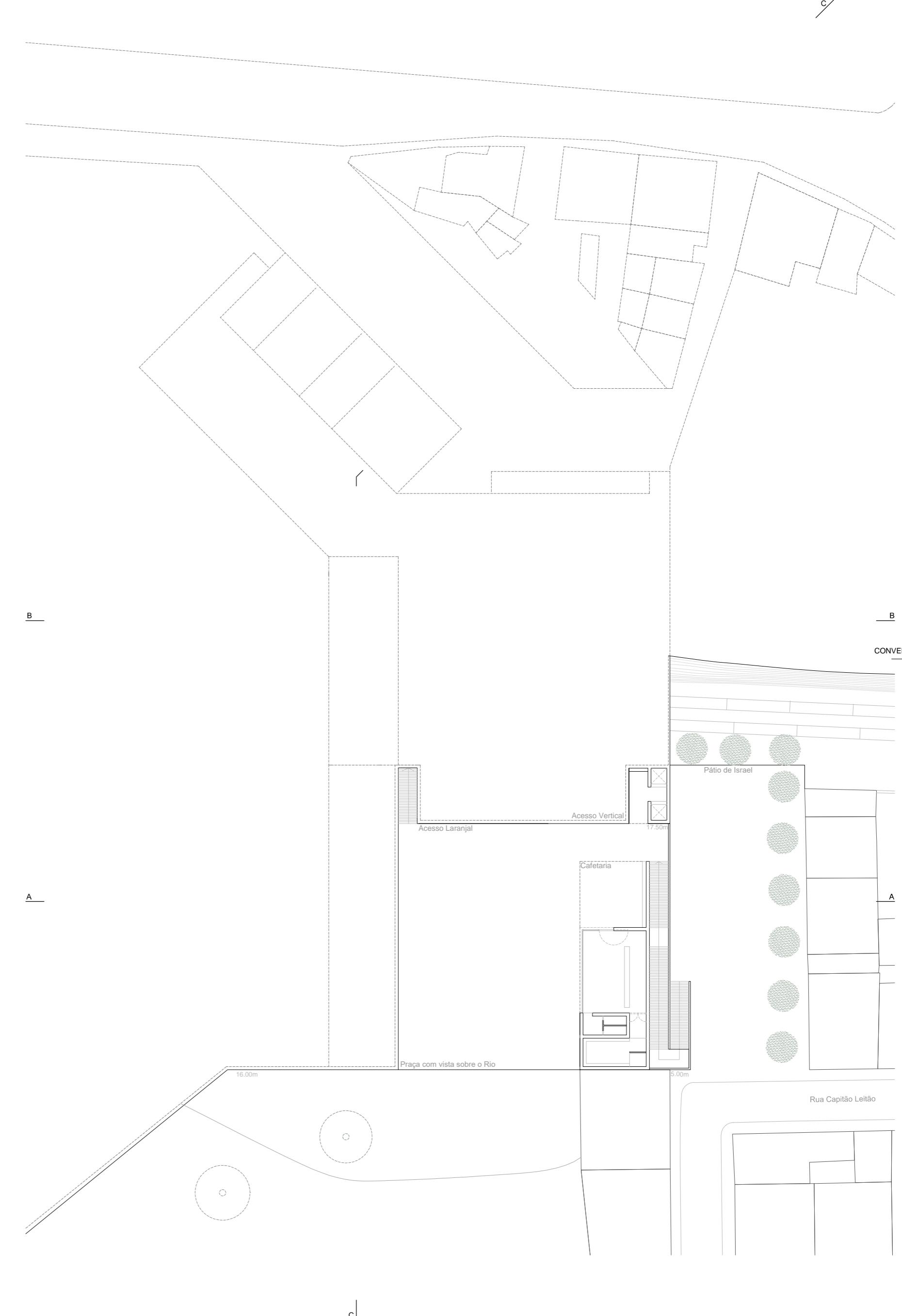
Dada a necessidade de corrigir estas situações, o projecto de arquitectura procura redesenhar o limite murado da antiga cerca conventual. A Sul, demolindo as ruínas ai existentes, propõe-se uma nova estrutura que não só permita aceder ao espaço de jardim, como também contribua para um melhoramento da área que envolve a entrada da igreja. Para tal, aproveitando o recuo do terreno, cria-se um adro à cota baixa. Este espaço, delimitado por um tanque e uma zona de sombra, inicia o processo de ascensão ao jardim. Aqui, a passagem é assegurada por uma escadaria que, vencendo uma altura de oito metros, permite atingir um patamar intermédio à antiga cerca conventual.

Na cota intermédia, de forma a libertar a Alameda do Beato dos carros mal estacionados, desenvolve-se uma zona de parqueamento. Uma área verde que, ao libertar o convento do ruído visual das viaturas, oferece condições para que a população de Lisboa se desloque ao jardim.

Neste patamar intermédio, constrói-se ainda um pátio que, delimitado pela estrutura do convento e pelo limite do jardim proposto, constitui um ponto de transição em relação ao jardim. Este espaço, desenhado ao nível dos contrafortes da igreja, serve de rota entre os vários momentos da subida. Articulando o novo adro e a zona de parqueamento, o pátio permite ascender ao jardim que, implantado a uma cota superior, é visível por cima do alto muro que o protege.







No topo Norte do jardim, as ruínas da antiga quinta, assim como todas as construções clandestinas anexas ao muro da cerca, são demolidas, e é construído um novo remate. Com a construção desta nova estrutura, perpendicular ao jardim, pretende-se intensificar a ligação entre as duas cotas da cidade e, do mesmo modo, permitir o acesso ao jardim proposto.

De forma a atenuar a diferença de vinte metros de altura que separa as duas áreas da cidade, são desenhados patamares intermédios. Assim, à cota baixa, uma pequena praça inicia o processo de subida. Ocupando a posição do descaracterizado pátio de Israel, este espaço possibilita, através de uma escadaria, atingir a primeira plataforma intermédia.

CONVENTO BEATO
PÁGINA 141

Neste patamar intermédio é construída uma praça com vista sobre o rio Tejo. Este espaço, delimitado pelo jardim e por uma nova construção, proporciona um momento de contemplação. O novo volume acomoda a cafetaria e organiza-se em dois espaços de dimensões e caracteres distintos que, no seu desenho e implantação, orientam a praça ao rio, tornando o conjunto intencional. O primeiro espaço é uma área coberta, onde um banco protegido do sol permite desfrutar o jardim por detrás do muro da cerca. Na sequência deste espaço exterior, desenvolve-se uma ampla sala, rematada pela área da cozinha.

Num dos vértices da praça, uma escada adocicada ao limite do jardim permite subir a um pátio repleto de laranjeiras. Este espaço, com um activo aroma, faz a transição para a cota alta da cidade e permite o acesso ao espaço de jardim proposto.

CONVENTO BEATO
PÁGINA 142

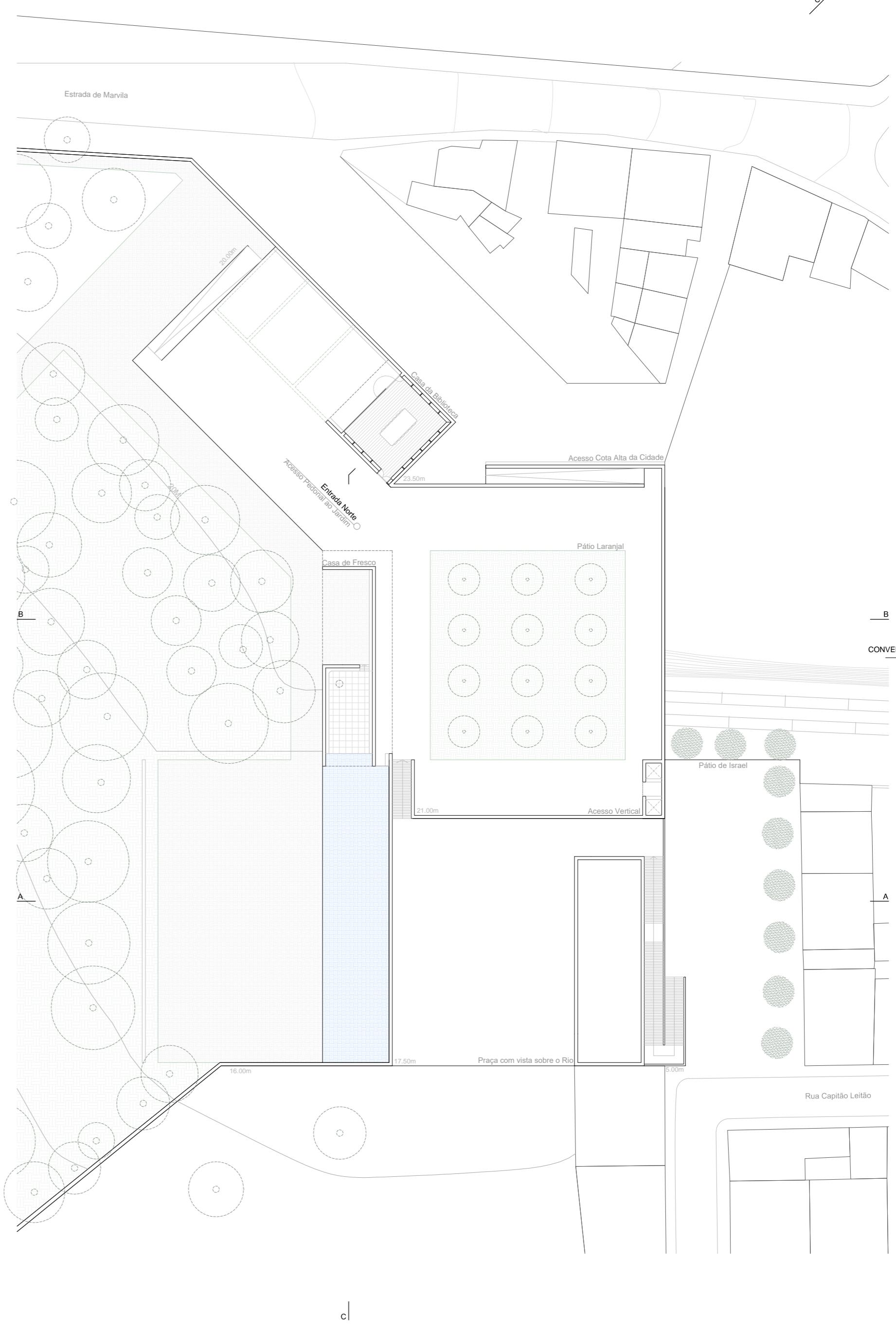
O pátio, com o laranjal plantado ao centro, é delimitado pelos muros de suporte dos patamares intermédios e por uma nova construção - a casa de fresco. Esta nova edificação, acessível a partir do jardim, permite desenhar uma galeria voltada ao laranjal. Um espaço coberto, onde um banco corrido proporciona um momento de repouso. No seu remate, fortalecendo o carácter de estar, uma namoradeira permite vislumbrar o interior jardim. A partir do pátio, o acesso ao jardim é anunciado pela volumetria das duas novas edificações - a casa de fresco e a casa da biblioteca.

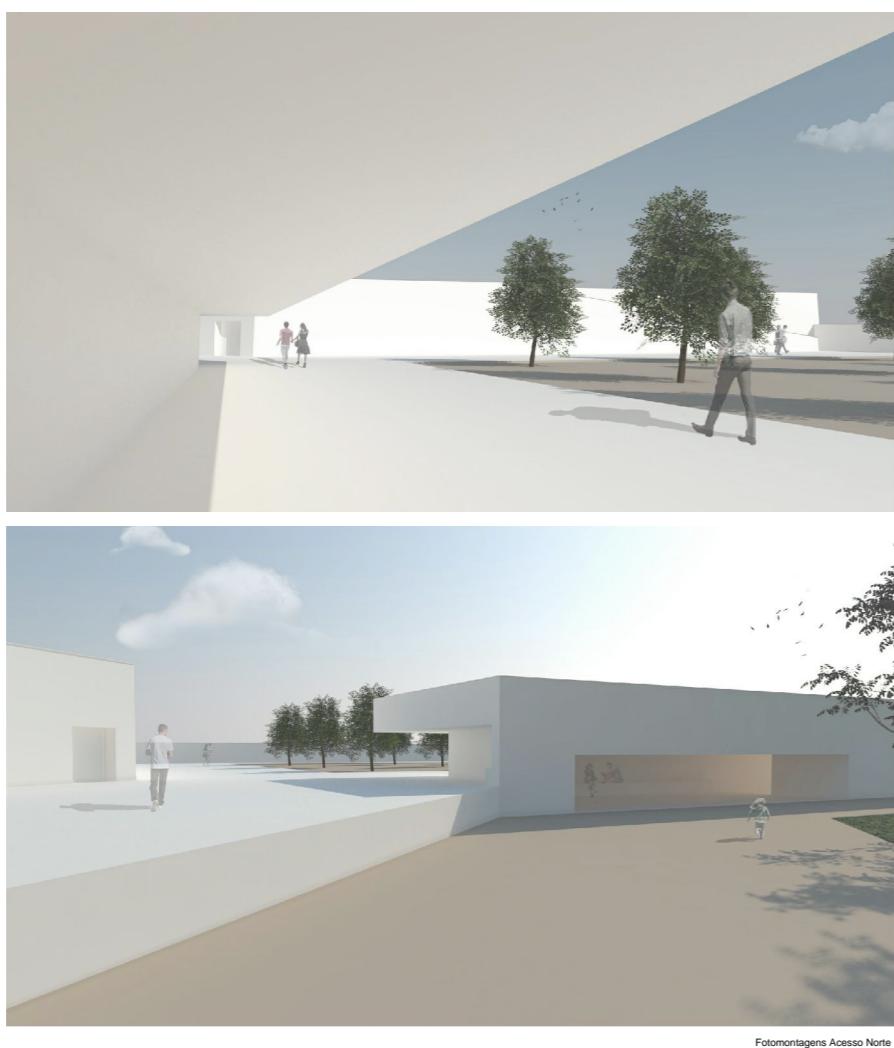
Estes dois espaços, construídos na sequência do muro, definem o momento de entrada no interior da antiga cerca. Contudo, é a casa da biblioteca que, em conjunto com uma pérgola, desenha o patamar de acesso ao jardim. Este volume, implantado com a orientação do convento, permite acrescentar ao jardim um novo programa que intensifica o seu carácter lúdico e reforça o sentido de espaço público. O interior da casa da biblioteca, acessível através do espaço de pérgola, é uma sala revestida a livros com uma grande mesa de leitura ao centro. Neste espaço estão acomodados os livros, à espera de serem lidos por quem se desloque ao jardim.

No seguimento do espaço da pérgola, uma rampa permite descer cerca de um metro. Assim, alcançando a cota do jardim, é possível aceder ao espaço de fresco. O volume da casa de fresco divide-se em duas áreas que, com ambientes completamente distintos, se encontram interligadas entre si. O primeiro espaço é o mais luminoso da casa de fresco. Aqui, o pavimento dos percursos prolonga-se para dentro do espaço, sendo rematado por um longo banco de pedra. Este espaço coberto, voltado a sul, assume-se como um lugar de abrigo que, através de um vã rasgado, contempla o jardim. Descendo umas escadas, com apenas três degraus, é feita a entrada numa nova sala. Este espaço, em contacto directo com um tanque, é iluminado por uma luz zenital e pela luz que o elemento de água reflecte. Um espaço revestido a azulejo que, com o desenho de um banco em todo o seu perímetro, se assume como a área mais refrescante do conjunto, intensificando o carácter de permanência do jardim.

A criação destas duas novas estruturas, em conjunto com uma pequena entrada proposta no limite Este, asseguram a comunicação ao interior do jardim. Ao mesmo tempo, o desenho do limite da antiga cerca permite reorganizar a área envolvente do convento.

Pretende-se que a intervenção na Cerca Conventual do Beato, aqui apresentada, seja o mote para a recuperação das cercas a oriente. Uma possibilidade única de reaver espaços verdes da cidade que outrora foram absorvidos por construções industriais. Lugares, em consolidação, que podem não ter outra oportunidade de ser recuperados, tal como aconteceu com algumas cercas de Lisboa.





CONVENTO BEATO
PAGINA 145

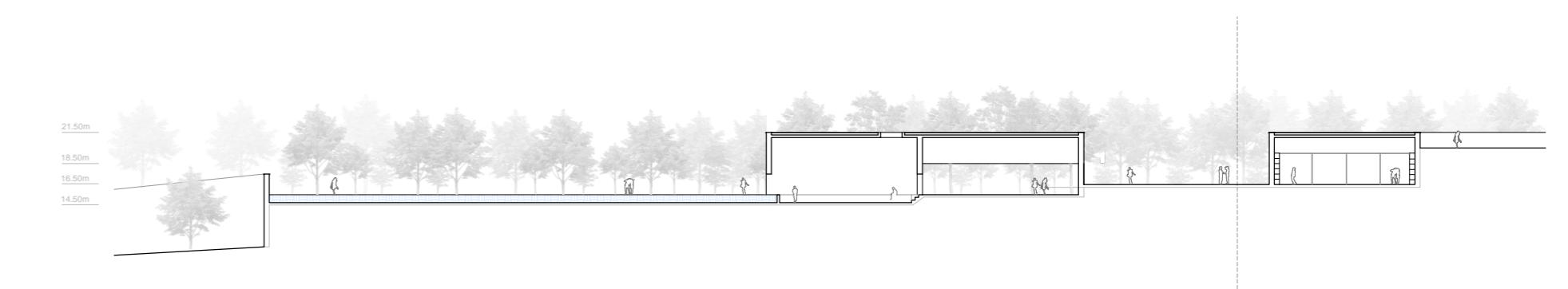
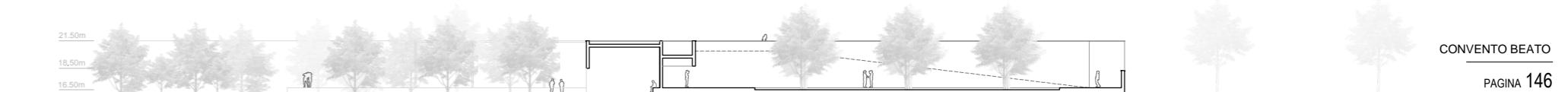
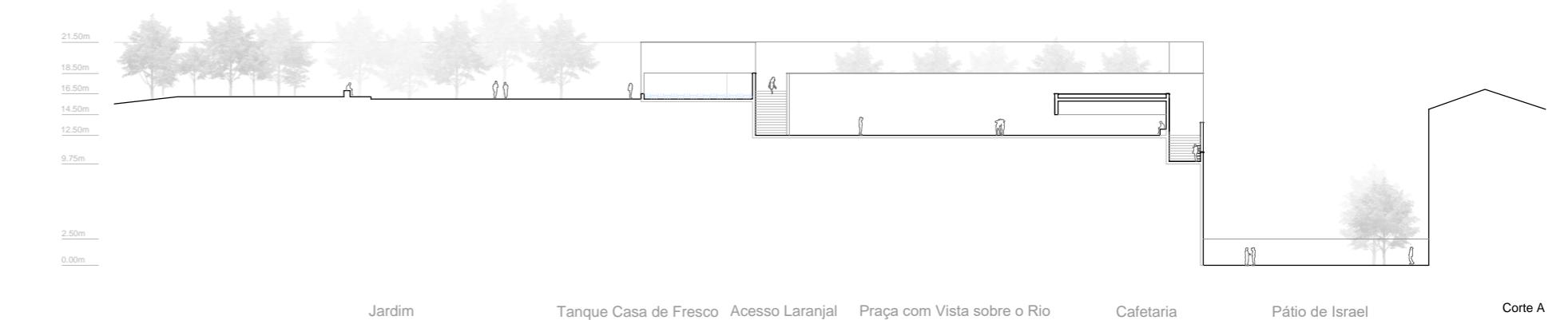




Imagen 01 - Promenor de Vista de Lisboa, 1763-89
Autor: Bernardo de Caia
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 02 - Vista de uma Quinta em Lisboa, 1790.
Autor: J.W.N.
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/vismes/4004387150/lightbox/>



Imagen 03 - Vista de Lisboa Ocidental- Belém, 1850
Autor: Louis Le Breton
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 04 - Vista de Lisboa Oriental
Autor: Autor desconhecido
Fonte: <http://canhoto.pt/oriente/guia-do-patrimonio-industrial-lisboa/>



Imagen 05 - Vista de Lisboa com marcação de espaços verdes, 1700
Autor: Mathias Merian
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

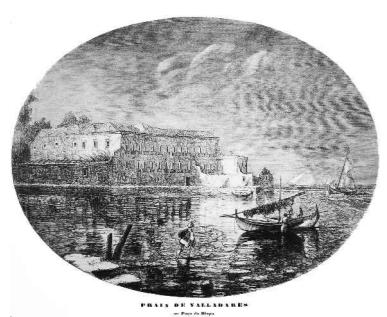


Imagen 06 - Planta de Lisboa, 1856-58
Autor: Filipe Folque



Imagen 07 - Passeio Público depois da remodelação.
Autor: Litog. M. L. de Barreto
Fonte: Necessidades: Jardins e Cerca , Lisboa, Livros Horizonte: Jardim Botânico da Ajuda, 2001



Imagen 08 - Vista sobre a cidade de Lisboa, 1964
Autor: L.B. Parsons
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 09 - Topo norte da Avenida da Liberdade, 1905
Autor: João Ribeiro Silva
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 10 - Vista da cidade de Lisboa, 1789
Autor: Robert Batty
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 11 - Vista do Palácio e Convento das Necessidades, 1850.
Autor: Autor desconhecido
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 12 - Vale de Alcantara e Aqueduto de Lisboa, 1792
Autor: Alexandre Jean Noël
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 13 - Vista do Palácio e Convento das Necessidades, 1870
Autor: Salema
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 14 - Casa de Regalo, Atelier da Rainha
Autor: Foto do Autor



Imagen 15 - Casa de Fresco
Autor: Foto do Autor



Imagen 16 - Entrada Principal na Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor



Imagen 17 - Casa de Regalo do Jardim da Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor



Imagen 18 - Casa de Regalo do Jardim da Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor

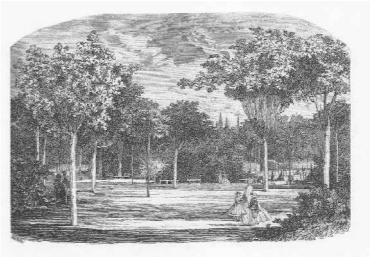


Imagen 19 - Jardim de Buxo da Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor



Imagen 20 - Casa de Fresco da Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor



Imagen 21 - Estufa Circular da Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor

Imagen 22 - Entrada Principal na Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor

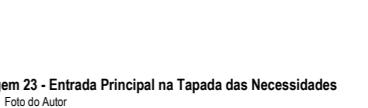


Imagen 23 - Entrada Principal na Tapada das Necessidades
Autor: Foto do Autor

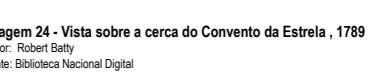


Imagen 24 - Vista sobre a cerca do Convento da Estrela , 1789
Autor: Robert Batty
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

INDICE DE IMAGENS

PAGINA 148

INDICE DE IMAGENS

PAGINA 147



Imagen 25 - Passeio Público de Lisboa, 1830.
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: <http://ouropei.blogspot.pt/2013/02/e-libertade-vai-passar-por-aqui.html>



Imagen 26 - Jardim da Estrela no século XIX, 1863
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: Necessidades: Jardins e Cerca , Lisboa, Livros Horizonte: Jardim Botânico da Ajuda, 2001



Imagen 27 - Entrada Principal do Jardim da Estrela
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: <http://clinicaemeralisboa.pt/2015/06/os-melhores-7-sítios-para-passar-o-esteverno-em-lisboa/>



Imagen 28 - Biblioteca do Jardim da Estrela
Autor: Foto do Autor



Imagen 29 - Coreto do Jardim da Estrela
Autor: Foto do Autor



Imagen 30 - Concerto no Coreto do Jardim da Estrela
Autor: Foto do Autor



Imagen 31 - Lago do Jardim da Estrela
Autor: Foto do Autor



Imagen 35 - Ambiente do Jardim de Alhambra, Granada
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: <https://umpouquinhodecadalgar.com/2011/08/20/granada-e-o-castelo-de-alhambra/>



Imagen 40 - Casa de Fresco do Jardim da Quinta da Bacalhoa
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998



Imagen 44 - Arcadas do Jardim do Paço Ducal, Vila Viçosa
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998



Imagen 32 - Biblioteca do Jardim da Estrela
Autor: Foto do Autor

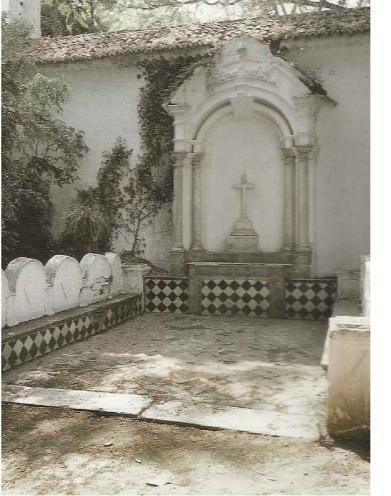


Imagen 37 - Percurso do Jardim da Quinta do General
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998



Imagen 41 - Namoradeira do Jardim da Quinta da Bacalhoa
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998

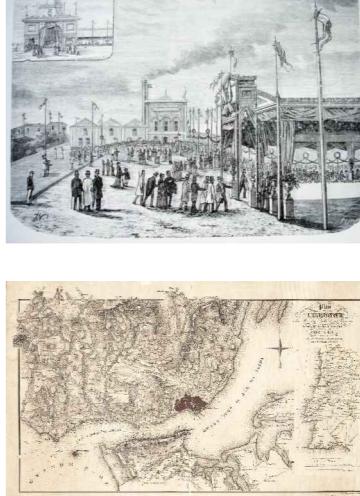


Imagen 45 - Lisboa Oriental, 1880
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: <http://oungel.blogspot.pt/2013/02/a-liberdade-vai-passer-por-aqui.html>



Imagen 33 - Acesso ao Jardim da Estrela
Autor: Foto do Autor



Imagen 38 - Percurso do Jardim da Quinta do General
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998



Imagen 42 - Namoradeira do Jardim do Paço Ducal, Vila Viçosa
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998

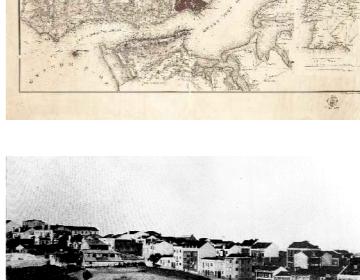


Imagen 46 - Planta de Lisboa, 1820
Autor: Ex Ch. Camara-Sauveterre
Fonte: Biblioteca Nacional Digital



Imagen 34 - Acesso Principal ao Jardim da Estrela
Autor: Foto do Autor



Imagen 39 - Casa de Fresco do Jardim das Torres
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998



Imagen 43 - Arcadas do Jardim da Quinta da Bacalhoa
Autor: António Homem Cardoso
Fonte: Tratado da grandeza dos jardins em Portugal , Lisboa, Quetzal Editores, 1998



Imagen 47 - Um agricultor às portas de Lisboa
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: <http://reino-de-lisboa.popular.pt/>



Imagen 35 - Ambiente do Stadtpark, Hamburgo
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: <http://hh-mitendirn.de/2014/07/erinnerungen-an-100-jahre-stadtpark-hamburg/>

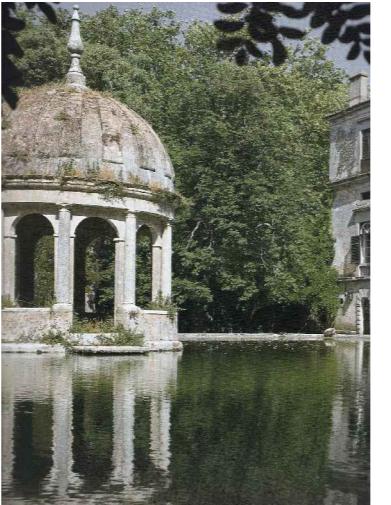


Imagen 48 - Desenho da chegada ao Convento do Beato António
Autor: Autor Desconhecido
Fonte: Caminho do Oriente: guia do património industrial , Lisboa.

ÍNDICE DE IMAGENS

PÁGINA 149

ÍNDICE DE IMAGENS

PÁGINA 150

BIBLIOGRAFIA**Monografias**

- ÁLVAREZ, Dario, *El jardín en la arquitectura del siglo XX - natureza artificial em la cultura moderna*, Barcelona, Editorial Reverté, 2007.
- ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, Vol. III, Livro XV, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 1938-1939.
- BARRETO, António, MONICA, Maria Filomena, *Retrato da Lisboa Popular*, Lisboa, Presença, 1983.
- BRANCO, Cristina (coord.), *Necessidades: Jardins e Cerca*, Lisboa, Livros Horizonte, Jardim Botânico da Ajuda, 2001.
- CAEIRO, Baltazar Matos, *Os Conventos de Lisboa*, Sacavém, Distri. Cop., 1989.
- CARAPINHA, Aurora, *Da Essência do Jardim Português*, Évora, Universidade de Évora, Vol. I e II, 1995, Tese de Doutoramento.

BIBLIOGRAFIA
PAGINA 151

- MARINO, Ucha Luiz, *Estudo e Recuperação de Jardins Históricos*, Sintra, Palácio Nacional, 1988.
- MATOS, José Sarmiento - PAULO, Jorge Ferreira, *Caminho do Oriente: Guia Histórico*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- MOREIRA, Manuel Vicente, *A Propósito da Área e Localização dos Jardins e Parques de Lisboa*, Lisboa, Império, 1946.
- MURTEIRA, Helena, *Lisboa: Restauração às Luzes*, 1^a ed., Lisboa, Presença, 1994.
- PEREIRA, Luís Gonzaga, *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*, Lisboa, OF. Gráfica da Biblioteca Nacional, 1927.
- PESSOA, Sofia da Costa, *Caminho do Oriente*, trad. Maria Luisa Pignatelli Garcia, Lisboa, Parque EXPO 98 S.A., 1998.
- RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo, *Lisboa. Jardins, Parques e Tapetes*, Lisboa: M. Costa Ramalho, Coleção Guia de Portugal Artístico, 1935.
- SILVA, Raquel Henriques da, *Jardim da Estrela: o paisagismo romântico na cidade burguesa*, Lisboa, Monumentos nº16.
- SILVA, Raquel Henriques da, *Lisboa Romântica: Urbanismo e Arquitetura*, Vol. I, Lisboa, [s.n.], 1997.
- SOUZA, J. M. Cordeiro de, *O Pantheon dos Condes de Linhares em Xabregas*, n.º 18, Lisboa, in Olisipo, 1942.
- TELES, Gonçalo Ribeiro (coord.), *Plano Verde de Lisboa*, 1^a ed., Lisboa, Colibri, 1997.

Manuscritos

- COMPANHIA DE JESUS. Colégio de São Francisco Xavier (Alfama, Lisboa) a.p., *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, Vol. I e II, Lisboa, 1705-1708. Transcrição de DURVAL, Pires de Lima, Lisboa: Câmara Municipal, 1950-1972.

Internet

- IGESPAR, *Igreja e antigo Convento de Nossa Senhora da Estrela, actual Hospital Militar Principal*, disponível em: <http://www.igespar.pt/pl/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/9899767>. Acesso em 01 de Junho de 2013.
- EXÉRCITO, *Históri do Hospital Militar Principal*, disponível em: <http://www.exercito.pt/sites/HMP/Historial/Paginas/default.aspx>. Acesso em 01 de Junho de 2013.
- BRAGA, Pedro Beblano, *Jardim da Estrela (Guerra Junqueiro) 155 anos*, GEO, disponível em: http://www.jf-lapa.pt/site/pagina.asp?name=jardim_estrela. Acesso em 01 de Junho de 2013.
- Junta de Freguesia do Beato, *Património Histórico, Convento de São Bento de Xabregas ou Convento do Beato*, disponível em: <http://www.jf-beato.pt/beato/patrimonio/>. Acesso em 11 de Janeiro de 2013.

DE CERCA CONVENTUAL A ESPAÇO PÚBLICO

O CONVENTO DO BEATO ANTÓNIO COMO CASO DE ESTUDO